

CONSTRUINDO VÍNCULOS COMUNITÁRIOS



Obra do
CENTRO DE
DESENVOLVIMENTO
COMUNITÁRIO DA
VOCAÇÃO

CONSTRUINDO VÍNCULOS COMUNITÁRIOS

Deise Rodrigues Sartori, Juliana Pedreschi Rodrigues
e Paula Caroline de Oliveira Souza

Organização



Vocação

Conselho Diretor

Diretor-presidente: Oscar Linhares Ferro

Diretor vice-presidente: Antonio Carlos Soares da Costa Junior

Diretor financeiro: Fernando Dias

Diretor administrativo: Luiz Whately Thompson

Diretora de marketing: Angela Cutait Vasto

Diretor: José Carlos Meirelles

Diretor: Luiz Alberto Zanoni

Conselho Consultivo

Presidente: Rodrigo Mauad Gebara

Vice-presidente: Alexandre Médicis da Silveira

Vice-presidente: David Jafet Neto

Vice-presidente: Marcelo de Lucca

Conselho Fiscal

Presidente: Paulo S. Bravo de Souza

Conselheiro: Ernesto Rubens Gelbcke

Conselheiro: Martin Mitteldorf

Suplente: Luiz Fernando Nazarian

Superintendência

Superintendente: Celso Luiz Teani de Freitas

Gerências

Administração e Finanças: Josmael Castanho

Centro de Desenvolvimento Comunitário:

Deise Rodrigues Sartori

Centro de Desenvolvimento Integral:

Milton Alves Santos

Centro de Orientação para o Trabalho:

Anadelli Soares

Mobilização de Recursos, Relacionamento e

Marketing: Mauricio Guimarães

Centro de Desenvolvimento Comunitário

Equipe técnica

Agentes de desenvolvimento comunitário: Sherrine Rejane Mendes, Thiago Ariel Corrêa, Josiane Alves

Animadores socioculturais: Anabela Gonçalves Vaz, Geraldine Quaglia, Jean Mello Tadeu Silva, Julio Ramos Ferreira da Silva e Rassani Costa Nogueira

Educadores culturais: Aladia Cintra, Ângela Lyra, Arabelle Hadife, Priscila Magalhães, Samerson Roque e Tatiane Oliveira

Estagiários: Everton Odair, Richard Ruan Silva e Isabelle Goudard

Orientador pedagógico: Elton Vitor Silva

Pesquisadora: Paula Caroline de Oliveira Souza

Supervisora de apoio a projetos sociais: Edna Alexandrino Pires

Vocação – Unidade Icarai: Andréa Aurea e Tiago Fernandes de Souza Campoy

Construindo vínculos comunitários

Este trabalho foi realizado no âmbito do projeto Famílias que Educam, com recursos do Fundo Municipal e do Adolescente (FUMCAD) da Cidade de São Paulo. É permitida a reprodução do texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte.

Organização: Deise Rodrigues Sartori, Juliana Pedreschi Rodrigues e Paula Caroline de Oliveira Souza

Coordenação editorial: Camila Acosta Camargo, Deise Rodrigues Sartori, Mauricio Guimarães, Paula Caroline de Oliveira Souza e Guilda editorial

Produção gráfica e editorial: Guilda editorial

Tradução do Prefácio: Ana Patricia Rodrigues Sartori

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Vocação

Construindo vínculos comunitários / Vocação; organizado por Deise Rodrigues Sartori, Juliana Pedreschi Rodrigues e Paula Caroline de Oliveira Souza. - 1. ed. - São Paulo: Ação Comunitária do Brasil - São Paulo, 2015. 148p.

ISBN: 978-85-66991-06-2

1. Formação de educadores. 2. Aprendizagem – Métodos. 3. Projetos sociais – Brasil. 4. Participação comunitária. 5. Família – Aspectos sociais. 6. Comunidades. 7. Lazer – Aspectos sociais. I. Sartori, Deise Rodrigues. II. Rodrigues, Juliana Pedreschi III. Souza, Paula Caroline de Oliveira. IV. Título.

CDD – 370

Reproduções para fins comerciais são proibidas.

SUMÁRIO

A VOCAÇÃO E O CENTRO DE DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO	4
PREFÁCIO	6
BOAS-VINDAS	10
O FOCO DO CENTRO DE DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO	14
“FAMÍLIAS QUE EDUCAM”	18
FOCO NA FAMÍLIA: COMUNIDADE E POLÍTICAS PÚBLICAS	22
O PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DE LIDERANÇAS COMUNITÁRIAS	28
COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM: O TRABALHO COM ESCOLAS	58
ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL: DO QUE FALAMOS?	66
LAZER COMUNITÁRIO: ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL E MOBILIZAÇÃO DE FAMÍLIAS	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
BIBLIOGRAFIA	130
ANEXOS	136
ORGANIZADORES	142
AGRADECIMENTOS	144

Foto: Acervo Vocação.



Equipe e Lideranças Comunitárias em assessoria regional ao grupo AGAIAA.

A VOCAÇÃO E O CENTRO DE DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO

A Vocação é uma organização sem fins lucrativos que desempenha suas atividades em locais de alta vulnerabilidade social em São Paulo e região, com o princípio de valorizar o potencial das pessoas e comunidades.

Fundada por empresários em 1967 como Ação Comunitária do Brasil, a organização esteve sempre à frente de seu tempo, criando projetos inovadores e autossuficientes. Ao longo dessa trajetória, elaborou e disseminou práticas de trabalho social com foco no desenvolvimento local.

A Vocação atua tanto de forma direta, com crianças, adolescentes, jovens e famílias, como de forma indireta, em parceria com organizações sociais de bairro e órgãos públicos e privados, implementando metodologias socioeducativas próprias. Sua estrutura é constituída por três frentes de atuação – comunidade, formação e trabalho –, que almejam o desenvolvimento pleno dos indivíduos.

Esta publicação é resultado dos trabalhos realizados pelo Centro de Desenvolvimento Comunitário (CDC) da Vocação no projeto “Famílias que Educam” entre 2014 e 2015, com o apoio do Fundo Municipal da Criança e do Adolescente (FUMCAD) de São Paulo.

O CDC tem os objetivos de desenvolver vocações das comunidades, lideranças e famílias para influenciar positivamente o ambiente em que vivem, integrar a comunidade e promover o desenvolvimento local. Para isso, propõe atividades de capacitação de gestores de organizações sociais e lideranças comunitárias, desenvolve iniciativas de lazer e cultura para adultos, estimula o engajamento de famílias e articula atores.

Em 2014, a Vocação trabalhou com mais de 6 mil pessoas, considerando crianças, adolescentes, jovens, famílias, educadores sociais e culturais, gestores e lideranças comunitárias.

Foto: Acervo Vocação.



Crianças brincando. Instituto Anchieta Grajaú.

PREFÁCIO

En el año 2014, con motivo de mi viaje a São Paulo para presentar oficial y públicamente el Nodo de la Red Iberoamericana de Animación Sociocultural (RIA) en Brasil, tuve la suerte de conocer sobre el terreno el valioso trabajo socioeducativo de *Vocação* en comunidades desfavorecidas, gracias a la gentil invitación que me hicieron mis hospitalarias anfitrionas Deise Rodrigues Sartori, Juliana Pedreschi y Paula Caroline de Oliveira Souza entre otras. Desde entonces, he de confesar que, a pesar de los múltiples viajes y estadias realizadas constantemente por toda Latinoamérica y Europa en mi condición de profesor, investigador y presidente fundador de la RIA, la huella que dejó en mí aquella experiencia, permanece inalterable y destacada sobre todas las demás.

Por ello, cuando estas mismas personas me han ofrecido la posibilidad de presentar esta publicación que reúne de una manera sistematizada y rigurosa dicho trabajo, he accedido gustosamente a ello en el convencimiento de que trabajos como éste merecen ser difundidos y dados a conocer como referentes y ejemplos de cómo se puede articular la teoría con la práctica socioeducativa a través de una metodología rigurosa y contrastada como es la animación sociocultural.

No ano de 2014, por motivo de minha viagem a São Paulo para apresentar oficial e publicamente o Nodo da Red Iberoamericana de Animação Sociocultural (RIA) no Brasil, tive a sorte de conhecer o valioso trabalho socioeducativo da *Vocação* em comunidades desfavorecidas, graças ao gentil convite das minhas anfitriãs hospedeiras Deise Rodrigues Sartori, Juliana Pedreschi Rodrigues e Paula Caroline de Oliveira Souza, entre outras. Desde então, devo confessar que, apesar das múltiplas viagens e estadias realizadas constantemente por toda a América Latina e Europa em minha condição de professor, pesquisador e presidente fundador da RIA, o impacto que deixou em mim aquela experiência permanece inalterado e destacado sobre todas as demais.

Dessa forma, quando essas pessoas me ofereceram a oportunidade de apresentar esta publicação, que reúne de uma maneira sistematizada e aprofundada esse trabalho, aceitei com muitíssimo prazer, estando convencido de que trabalhos como esse merecem ser difundidos e reconhecidos como referências e exemplos de como se pode articular a teoria e a prática socioeducativa por meio de uma metodologia rigorosa e contrastada como é a Animação Sociocultural.

La meta de la Animación Sociocultural no es otra que la mejora de la calidad de vida de las comunidades mediante la implicación de sus miembros a través de proyectos socioculturales de su interés. Sin embargo para poder implicar a la población en la mejora de su propia comunidad, la historia nos ha enseñado que no sirven los enfoques dirigistas, paternalistas ni los meramente asistenciales. Tampoco es suficiente con el voluntarismo, la retórica y los buenos deseos.

Para poder hacer protagonista a la gente en la mejora de su propia vida y de la de su comunidad, es imprescindible que la gente aprenda a participar. Pues bien, esta es precisamente la misión y función principal de los animadores y animadoras socioculturales: enseñar a participar. Por eso, la Animación Sociocultural es una “Didáctica de la participación” (tal y como describo en mi último trabajo de próxima y paralela publicación en Narcea, Madrid y SESC, São Paulo) que motiva y enseña a participar implicando a la gente en proyectos y actividades socioculturales liberadores de sus capacidades y potencialidades personales y grupales, con el fin de mejorar su calidad de vida y hacerla más feliz.

El libro que el lector tiene en sus manos, ofrece de una manera clara, útil y estructurada, una muestra óptima de cómo llevar a la práctica esta meta de la Animación Sociocultural en contextos desfavorecidos y con niños, jóvenes y familias, a través del empoderamiento de sus líderes y el despliegue de las potencialidades creativas, expresivas y ocupacionales de sus destinatarios.

Por otro lado, es de alabar y agradecer el esfuerzo de sistematización y fundamentación acometido por el equipo de coordinadoras y organizadoras del valioso trabajo llevado a cabo en *Vocação* y que ha dado como fecundo fruto esta publicación. Con ello, se consigue dar un salto cualitativo en el camino del reconocimiento social y profesional

A meta da Animação Sociocultural nada mais é do que a melhora da qualidade de vida das comunidades mediante a participação de seus membros em projetos culturais de seu interesse. Entretanto, para poder envolver a população na melhora da sua própria comunidade, a história nos tem ensinado que não adianta usar enfoques dirigistas, paternalistas, nem meramente assistenciais. Tampouco são suficientes com o voluntariado a retórica e as boas intenções.

Para poder fazer dessa gente protagonista na melhora de sua própria vida e da sua comunidade, é imprescindível que as pessoas aprendam a participar. Sendo assim, essa é precisamente a missão e a função principal dos animadores e animadoras socioculturais: ensinar a participar. Por isso, a Animação Sociocultural é uma “Didática da Participação” (tal como escrevi no meu último trabalho em Narcea, Madrid y SESC, São Paulo), que motiva e ensina a participar, envolvendo as pessoas em projetos e atividades socioculturais libertadores de suas capacidades e potencialidades pessoais e grupais, com o objetivo de melhorar sua qualidade de vida e fazê-las mais feliz.

O livro que o leitor tem em suas mãos oferece de maneira clara, útil e estruturada uma excelente mostra de como colocar em prática essa meta de Animação Sociocultural em contextos desfavorecidos, com crianças, jovens e famílias, por meio do empoderamento de seus líderes e do desdobramento das capacidades criativas, expressivas e ocupacionais de seus destinatários.

Por outro lado, deve-se louvar e agradecer o esforço de sistematização e fundamentação, acometido pela equipe de coordenadoras e organizadoras, do valioso trabalho realizado pela *Vocação*, cujo fecundo fruto é esta publicação. Com ele, pode-se dar um salto qualitativo para o caminho do reconhecimento social e profes-

de la animación sociocultural, pasando de una primera y ya superada etapa casuística y testimonial del mero intercambio de experiencias, a la etapa de la sistematización y fundamentación de las mismas. Algo que hemos de unir a los avances que se están produciendo en este mismo campo tanto en la investigación como en el reconocimiento académico de la formación de animadores socioculturales a nivel profesional y universitario.

Todo ello, sin duda, está contribuyendo a convertir la Animación Sociocultural en una disciplina y una especialidad profesional específica y con entidad propia que, con experiencias como la que se describe en este libro, demuestra su eficacia y capacidad de mejorar la calidad de vida de las comunidades, liberando las potencialidades de sus miembros.

Víctor J. Ventosa Pérez

Presidente de la Red Iberoamericana de Animación Sociocultural

Salamanca, España a 5 de octubre del 2015.

sional da Animação Sociocultural, passando de uma primeira e já superada etapa consumista e apreciadora do mero intercâmbio de experiências à etapa de sistematização e fundamentação das mesmas. Algo que temos que unir aos avanços que estão produzindo nesse mesmo campo, tanto na investigação como no reconhecimento acadêmico na formação de animadores socioculturais em níveis profissional e universitário.

Tudo isso, sem dúvida, está contribuindo para transformar a Animação Sociocultural em uma disciplina e uma especialidade profissional com identidade própria que, com experiências como a que descreve este livro, demonstra sua eficácia e capacidade de melhorar a qualidade de vida das comunidades, libertando as capacidades e as potencialidades de seus membros.

Víctor J. Ventosa Pérez

Presidente da Red Iberoamericana de Animación Sociocultural

Salamanca, Espanha, 5 de outubro de 2015.

Foto: Acervo Vocação.



Time em campo no evento “Encontro em Família IAG”. Instituto Anchieta Grajaú.

Foto: Bruno Schultze.



Juntos, em colaboração. Sede da Vocação.

BOAS-VINDAS

Aqui no Brasil nós temos a mania muito grande de anunciar as coisas ruins. E isto acaba contaminando todo mundo. [...] Tem gente que passa pela vida e acha “Ah, eu não vou fazer diferença nenhuma neste mundo”. Gente... qualquer pessoa é uma peça fundamental. Cada cidadão desta cidade tem um compromisso muito grande para o desenvolvimento dela. E a própria inércia de quando a pessoa fala “eu não tenho jeito, não posso fazer nada” acaba “atracando”, atrasando a cidade. [...] Quando você oportuniza um ser humano adequadamente, você começa a transformá-lo.

Roberto Carlos Ramos, contador de histórias

Quando você se põe em movimento e vai na direção de pessoas, de lugares que podem te ajudar a realizar seus objetivos, não é apenas a sua vida que vai ser impactada de maneira positiva, mas a vida de dezenas de pessoas, talvez de milhares de pessoas que interagem com você.

Clayton Lucio dos Santos, *mastercoach*

Há muito mais pessoas boas do que ruins neste mundo, elas só precisam saber disto para estarem unidas.

João Francisco de Souza, pai, amigo, orientador e protetor

Esta publicação sistematiza a experiência de trabalho realizada com as organizações sociais de base comunitária parceiras da Vocação, entre novembro de 2014 e outubro de 2015, e procura transmitir um pouco da essência do trabalho do Centro de Desenvolvimento Comunitário.

Trata-se, claro, de uma breve pincelada, se considerarmos todos os momentos memoráveis que vivemos nesse período, mas com um propósito bem definido: provocar vocês, leitores, a experimentar, a conhecer e a se aproximar do nosso trabalho.

Nesse sentido, este livro pode ser considerado tanto uma provocação como um incentivo para que conheçam o método de trabalho do Centro de Desenvolvimento Comunitário da Vocação. Mais do que um modelo, trata-se de uma metodologia viva que, com o esforço dos profissionais que o integram, tem sido capaz de contribuir com o que há de mais valioso para o sucesso desse trabalho: a valorização e o fortalecimento dos talentos e dos recursos das comunidades em que estamos inseridos.

Nossa metodologia é proposta para as várias áreas e em prol dos avanços de nossa sociedade. Ela é alimentada pelas soluções que encontramos para os desafios que surgem e também pelas descobertas que resultam da união entre teoria e prática de nosso trabalho.

Nós propomos a virada e a mudança de paradigmas – e de foco. Do foco das carências para o das oportunidades. Do foco dos problemas para o das potencialidades. E convidamos a todos a vivenciar este livro – contribuindo, participando, entrando em ação conosco.

Boa vivência! Boa leitura!

COMBINADOS

Eis alguns combinados importantes para que possam aproveitar melhor esta leitura.

A pobreza era a minha única história sobre eles. Uma única história cria estereótipos. E o problema dos estereótipos não é que eles sejam mentira, mas que eles sejam incompletos. Eles fazem uma história se tornar uma única história.
(Chimamanda Adichie, escritora nigeriana)

- Esta publicação está organizada em seções e capítulos, e seu conteúdo pode ser aplicado em diferentes segmentos. Observem que eles sempre apresentam relações entre teoria e prática.
 - Notem também que ao final de quase todos os tópicos, há sugestões de livros e/ou filmes que ampliam os conteúdos abordados.
 - Caso desejem realmente vivenciar este livro, e não apenas lê-lo, deixem os **estereótipos** de lado, isso facilitará a experiência.
- E lembrem-se: nossa conversa não se esgota aqui.

AJUSTANDO SUAS LENTES

O copo está meio cheio ou meio vazio?

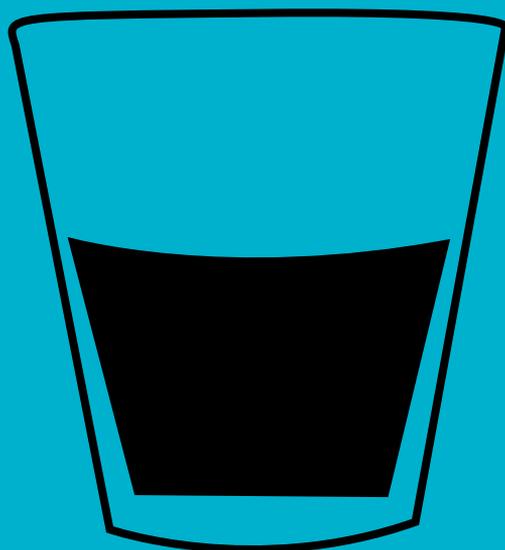


Foto: Bruno Schultze.



Encontro de formação de lideranças.
Sede da Vocação.

O FOCO DO CENTRO DE DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO

 Centro de Desenvolvimento Comunitário tem como missão desenvolver vocações das comunidades, lideranças e famílias, para assim impactar positivamente o ambiente em que vivem. Atuamos na capacitação de lideranças e de gestores de organizações sociais de bairro, cujo foco sejam o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens e o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários.

Nossa metodologia está orientada para construir relações de confiança, respeito e reconhecimento dos recursos e das potencialidades de pessoas, organizações e comunidades, que favoreçam ambientes construtivos e produtivos e valorizem o interesse comum. Afinal, entendemos que “comunidade somos todos nós: governo, iniciativa privada e sociedade civil, organizada ou não”. (Prefeitura Municipal de Curitiba; GETS – Grupo de Estudos do Terceiro Setor; United Way of Canada – CENTRAIDE Canada, 2002)

Nosso foco é, portanto, a participação. E nosso objetivo, fazer com que pessoas, famílias e comunidades entrem em ação. Acreditamos que quando as pessoas estão no centro é possível gerar a transformação social.

PERSPECTIVAS: AS BASES PARA O NOSSO TRABALHO

Desde a origem da Vocação, em 1967, nossa operação está alicerçada nas parcerias estabelecidas com organizações da sociedade civil. Por meio dessas alianças, estabelecemos redes de atendimento, visando a garantia dos direitos de crianças, adolescentes e jovens. Para tanto, e para assegurar a qualidade desse atendimento, consideramos líderes comunitários, gestores de programas socioeducacionais e orientadores socioeducativos de cada organização atores importantíssimos na proposição, na construção e na execução de ações – e, por esse motivo, alvo de contínuas capacitações.

A perspectiva que fundamenta a metodologia da Vocação – *Asset Based Community Development* (ABCD) – traz uma importante contribuição ao Centro de Desenvolvimento

Comunitário na medida em que coloca em foco o fato de que todo

cidadão é um ativo e também conector de **ativos** na comunidade

local. Essa abordagem se beneficia das experiências já realizadas no Brasil, em especial na cidade de Curitiba, com base nas contribuições de McKnight e Kretzmann, assim como da depuração dos conhecimentos técnicos obtidos ao longo desse quase meio século de trabalho da Vocação junto a organizações sociais de base comunitária localizadas na região Sul da cidade de São Paulo (SP).

Ativos são recursos que encontramos na comunidade: indivíduos, com dons e oportunidades para contribuir; associações voluntárias locais, pessoas que agem em conjunto; instituições, instâncias diversas; economia local, circulação de bens e serviços; e mundo físico, natural e social.

Acreditamos que o valor mais importante da metodologia de trabalho a ser implementada é a convicção de que as comunidades detêm as chaves de seu próprio desenvolvimento. E que o principal desafio do projeto de que trata esta publicação, “Famílias que Educam”, é contribuir para que seus participantes superem a visão meramente pessoal e individualizada de sua realidade, avançando na compreensão da importância de olhar para o coletivo e de participar da comunidade. A construção dessa participação pressupõe uma mudança no olhar – do olhar para si, para o outro e para a comunidade.

Nesse sentido, o Centro de Desenvolvimento Comunitário da Vocação defende e difunde uma proposta de mudança de paradigma, por meio de programas, como o Programa de Desenvolvimento de Lideranças Comunitárias e o Lazer Comunitário – que promove ações socioculturais para e com as famílias –, e com base em sua metodologia própria, inspirada na perspectiva ABCD, que chamamos de Abordagem Colaborativa.

MUDANÇA DE PARADIGMA	
De	Para
Foco nos problemas e nas dificuldades	Foco nas habilidades e potencialidades
Prevalece a opinião técnica do perito	Prevalece o saber da comunidade
Poder sobre a comunidade	Poder compartilhado com a comunidade
Processo decisório centralizado	Processo decisório compartilhado
Recursos ofertados vêm de fora	Recursos estão na comunidade
Dependência e clientelismo	Corresponsabilidade e cidadania

Essa mudança de paradigma é proposta nas formações e nas vivências que realizamos com as comunidades – por serem esses os momentos que nos permitem provocar uma “mudança do olhar”. Provocativa, ela é alimentada pela perspectiva da Abordagem Colaborativa, que é recheada de princípios, valores e instrumentos, que são, por sua vez, difundidos e aplicados na prática. A ela também aliamos as bases da **Animação Sociocultural**, que serão tratadas no tópico “Animação Sociocultural: do que falamos?”.

A própria expressão “animação sociocultural” já nos remete a movimento, dinamismo. Devemos compreendê-la, portanto, como um movimento que dá vida e sentido às ações e tem a participação cidadã como palavra de ordem.

A união da perspectiva da Abordagem Colaborativa (ABCD) à Animação Sociocultural operada pelo Centro de Desenvolvimento Comunitário trouxe inovações, pois lhe permitiu potencializar suas ações e validar o diferencial de um trabalho que valoriza o lazer e a cultura em sua base. Dito de outra forma, a Vocação inova como uma organização social que aprende e difunde a Animação Sociocultural em sua plenitude, conferindo destaque a sua metodologia, que resulta na participação ativa de seus beneficiários.

Tal união favorece igualmente a articulação de métodos por meio dos quais é possível permitir ao indivíduo desenvolver suas potencialidades em sua própria comunidade e a valorizar e reconhecer a cultura por ela desenvolvida e que a caracteriza; ou seja, a sua própria cultura. De acordo com a vice-presidente do Nodo Brasil da Red Iberoamericana de Animación Sociocultural, Livia Lima:

Uma das funções-chave da Animação Sociocultural consiste no fato das pessoas e dos coletivos se transformarem em agentes do seu próprio desenvolvimento e da sua própria aprendizagem ao longo da vida.

O foco no desenvolvimento comunitário faz do prazer que resulta da participação, da autonomia e do protagonismo um sabor fundamental no trabalho que desenvolvemos com famílias e comunidades. E é com este gosto (seja no sentido de sabor ou de juízo, discernimento) que nos conectamos a estudiosos, organizações sociais, políticas públicas e empresas a favor da instituição família que compõe nossa sociedade.

Foto: Geraldine Quaglia.



Gincana intergeracional. Movimento Comunitário do Jardim São Joaquim.

“FAMÍLIAS QUE EDUCAM”

Todos precisamos de tempos para aprender, na escola, na família, na cidade.

Moacir Gadotti (2007, p. 12)

 projeto “Famílias que Educam”, iniciado em novembro de 2014, propôs a participação ativa das famílias na educação de crianças, adolescentes e jovens, estimulando o estreitamento de laços entre elas, organizações sociais e escolas.

Ao unir formação de lideranças comunitárias, ações socioculturais e mobilização de famílias, o projeto atentou-se às premissas do Centro de Desenvolvimento Comunitário da Vocação.

Trabalhar com famílias é entender que ninguém vive sozinho e que as relações entre pessoas íntimas e que compartilham afetividade tendem a ser mais profundas e positivas, sendo assim um alicerce. A partir do momento em que esse alicerce familiar está fortalecido, os problemas que surgem, interna e externamente, encontram sujeitos fortalecidos o suficiente para enfrentá-los de maneira coesa e com um porto seguro garantido. O porto seguro familiar estimula a confiança, para que seus membros possam atuar melhor como filhos, pais, irmãos e cidadãos, capazes de influenciar e mudar a sua realidade e de sua comunidade. (Ação Comunitária do Brasil, 2014, p. 22)

Os esforços foram concentrados para que houvesse engajamento e participação cidadã. Como resultado, mais de 3.500 famílias de crianças e jovens da região Sul da cidade de São Paulo foram atendidas.

PREPARANDO O TERRENO: NOVOS OLHARES

Focadas na região Sul da cidade de São Paulo, as ações realizadas junto às organizações sociais parceiras contaram com um cenário multifacetado e promissor.

Os bairros nos quais a Vocação atua nesse projeto, desenvolvendo trabalhos sociais, nos subdistritos Campo Limpo, Capela do Socorro, Cidade Ademar e M'Boi Mirim e adjacências, são destacados de forma recorrente pelo olhar da falta e das carências.

Ajustando suas lentes •

Que tal ajustarmos nossas lentes e visitarmos esses locais com outro olhar?

CENÁRIO ZONA SUL DE SÃO PAULO: OUTRO OLHAR



Foto: A Banca.

A zona Sul de São Paulo é marcada pelo grande enfoque periférico e é daqui que surge a transformação do conceito de periferia que na década de 80 e 90 tinha como pano de fundo a violência, em um cenário forjado pelas lutas sociais e o crescimento dos espaços autônomos de cultura popular urbana. Hoje compartilho grande parte das manifestações culturais que surgiram nos últimos 10 anos, entre elas o Sarau da Cooperifa que acontece no Piraporinha, Sarau do Binho no Tabão dentro de um teatro popular e maravilhoso chamado Clariô onde reside o grande grupo musical e teatral As Clarianas. No Parque Santo Antônio temos o Sacolão das Artes com sua programação teatral desenvolvida pela Brava Cia. de Teatro e os Bailes Nostalgia que acontecem frequentemente, o Sarau do Povo entre diversas outras atividades que compõem esse espaço. Casa de Cultura do M'Boi Mirim com que compõe em sua programação o Sarau do Pira, Café filosófico e o Panelafrô entre outras manifestações culturais importantes como o Bloco de Carnaval de rua "É Di Santo e a Noite dos Tambores". Entre outros espaços que surgem para fruição cultural temos o Espaço Comunidade no Jardim Monte Azul que além do Sarau Versos em Versos compõe sua programação com atividades de alimentação saudável, debate político, festas comunitárias, diversas outras ações. Já lá no fundão da zona Sul o Jaçarau organizado por diversos, como Fora de Frequência que atua na região do Nakamura e

entre diversas outras áreas da zona Sul, assim como o Sarau Preto no Branco que acontece no Jardim Ibirapuera, compõe ações de protagonismo jovem em busca de espaços de autonomia e manifestação cultural. Tenho muito orgulho de fazer parte dessa rede gigantesca de ações que compõe esse território tão grande que chamamos de 'zona Sul' e que vem ocupando espaços públicos dando vazão à importância da cultura como importante formador. Nesse sentido temos o Praçarau que acontece em uma praça na Cohab Adventista e se destaca por tornar uma praça que antes era abandonada em um espaço de pertencimento local. Pensando mais longe do que nas duas maiores subprefeituras periféricas, a do Campo Limpo e M'Boi Mirim, podemos apontar o Grajaú com a Cia. Humbalada de teatro que além de suas peças teatrais utiliza o espaço para o debate político e para formação sobre a diversidade de gênero por meios de seus trabalhos. Niggaz maior evento de grafite de São Paulo também é feito e pensado no Grajaú. Outro coletivo presente em sua atuação cultural na região é o coletivo Imagem, que além de desenvolver oficinas e trabalhos com audiovisual, organiza sessões públicas de exibição cinematográfica pelo Grajaú afora, da Ilha do Bororé à Barra Funda, do Cocaia ao Aeroporto de Congonhas. Os olhares mais atentos já notaram intervenções urbanas que tomam conta dos muros da cidade com uma marca comum "Cartografitti", coordenado pelo agente Mauro Neri da Silva, do coletivo Imagem, e com o copatrocinio da Secretaria Municipal de Cultura, projeto esse que aponta como ampla é a visão do coletivo sobre audiovisual. Em todos os lugares os coletivos culturais e políticos utilizam espaços públicos: a rua, o bar, a praça e as casas de cultura para colocar em prática suas ações. A Casa do Rosário em Parelheiros tem aberto suas portas para exposições das artes plásticas periféricas. São muitos os ativos. Eu poderia ficar diversos dias só compondo os coletivos culturais, políticos culturais, como o Coletivo Katu de Educação, o Coletivo Feminista "Periferia Segue Sangrando", Coletivo de Mulheres Negras, Coletivo Tamô Vivo, Cia. Sansacroma, Capulanas Cia. de Arte negra, Cia. Diversidança, etc. Não haveria condições de efetuar tal tarefa. Mas o que sabemos é que hoje eles compõem uma grande rede que trabalha em um contexto periférico, que ainda é composto por muita violência e falta de recursos públicos e espaços para a livre manifestação cultural. Claro que esse é quase um ditado superficial de tudo que esses coletivos fazem. É sempre muito mais que isso, nunca é só cultura como fruição. É cultura como transformação estrutural do que conhecemos como cultura e da disseminação das manifestações da cultura popular periférica. Nem tive a ousadia de tocar nos indivíduos artísticos como o grupo Funk de Grife, OpanJazz, Preto Soul, Fino du Rap, Fernanda Coimbra, poetas como Jenyfer Nascimento, Augusto Cerqueira e diversos outros que compõem esse cenário.

Anabela Gonçalves, animadora sociocultural da Vocação.

BANCO DE IDEIAS



AÇÃO COMUNITÁRIA DO BRASIL. Dados sobre cultura e lazer nos distritos. In: *Viver Comunidade! Lazer e fortalecimento comunitário*. São Paulo, SP: 2013, p. 101.

Foto: A Banca.



Vínculos – família e lazer. Associação
Cidadania Ativa do Macedônia – ACAM.

FOCO NA FAMÍLIA: COMUNIDADE E POLÍTICAS PÚBLICAS

A pesar de todos terem, virem ou irem para uma família, trabalhar com famílias não é almejar que elas sejam todas parecidas; é reconhecer que o alicerce de um ser humano envolve os vínculos que ele possui e os estímulos que recebe ao longo de sua trajetória – e que ambos impactam diretamente no ambiente em que ele realizará seu projeto de vida.

Mas a família como foco de políticas públicas é algo muito recente. De modo geral, as questões familiares encontravam-se relacionadas a conquistas de segmentos minoritários, como a defesa dos direitos das mulheres, de crianças e adolescentes, em que as ações priorizavam os membros da família de forma fragmentada. É certo que essas conquistas representam avanços importantes, e o trabalho com famílias vem justamente para consolidá-las – e destacá-las como um todo e não apenas como uma parte.

Em termos de políticas públicas, foi no final dos anos 1980, com a *Constituição da República Federativa do Brasil* de 1988, que uma nova leitura da família brasileira começou a ganhar forma e a instituição, por consequência, a receber mais atenção. O artigo 227 atribuiu à família e ao Estado o dever de assegurar a crianças e adolescentes os direitos primordiais de proteção social e as condições adequadas de vida – como o “direito à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade” –, junto das quais está o estímulo para o exercício do direito à convivência familiar e comunitária. (Brasil, 1988)

Já a década de 1990 foi marcada pela atenção internacional voltada à família como centro das políticas públicas. Em 1994, por exemplo, a Organização das Nações Unidas (ONU) instituiu o **Ano Internacional da Família**, a fim de elevá-la como

Segundo Kaloustian, “não é por acaso que em 1994 vivemos o Ano Internacional da Família e possivelmente um outro ano será ancorado na ideia de comunidade”. (Kaloustian, 2000, p. 96)

núcleo de estudos nesse setor. A família passou a ser então apresentada como “unidade básica da sociedade”, sendo reconhecida como instrumento essencial de preservação e de transmissão de valores culturais. Essa relação já havia sido apresentada em uma declaração universal, a *Declaração Universal dos Direitos do Homem* (1948), cujos princípios norteadores reconhecem a família como instituição que educa, forma e motiva o homem e que, portanto, merece uma atenção especial de proteção e assistência.

A Vocação atua nesse contexto desde sua origem, e o alicerce de toda a operação sempre esteve e está nas parcerias estabelecidas com outras organizações da sociedade civil de base comunitária. Ao investir em famílias e fomentar esse trabalho com as organizações sociais parceiras, a Vocação age como motivadora e multiplicadora de conhecimentos e informações. Lidando com líderes e gestores de comunidades e com realidades distintas, auxilia seus parceiros a sensibilizar as famílias em relação à importância de sua atuação e participação como corresponsáveis pelo desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens da comunidade – e, por consequência, da própria comunidade.

Acreditamos que os princípios da educação e da assistência social estão diretamente relacionados aos interesses do projeto “Famílias que Educam”, pois conversam com as ações por ele propostas e apresentam a maneira como a Vocação concebe e encara a família.

Vale ressaltar que o nome do projeto de que trata esta publicação, “Famílias que Educam”, faz referência à educação em seu sentido mais amplo: a educação de cidadãos.

A *Declaração Universal dos Direitos do Homem* incita que haja, entre todos os povos e nações, o esforço para promover o respeito aos direitos e às liberdades por meio do ensino e da educação. Tal princípio, que se encontra em consonância com os valores da Vocação, é também apresentado na *Declaração da 44ª sessão da Conferência Internacional sobre Educação* da Unesco.

A educação de cidadãos não pode ser de responsabilidade exclusiva do setor de educação. Para que seja capaz de exercer seu papel de forma eficiente nesse campo, o setor de educação deve cooperar de forma estreita, em particular, com a família, os meios de comunicação, incluindo os canais tradicionais de comunicação, o mundo do trabalho e as ONGs. (Unesco, 1995, p. 14)

Nossa política de trabalho social e comunitário é também coerente com a *Lei Orgânica da Assistência Social* (Lei n. 8.742, de 7 de dezembro de 1993) e com a *Política Nacional de Assistência Social – PNAS/2004* que priorizam a atenção às famílias, tendo como perspectiva a proteção social – o que é fundamental para o desenvolvimento de potencialidades e aquisições e o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários –, e cuidam, dessa forma, em criar uma rede socioassistencial.

A Assistência Social dá primazia à atenção às famílias e seus membros, a partir do seu território de vivência, com prioridade àqueles com registros de fragilidades, vulnerabilidades e presença de vitimizações entre seus membros. A atenção às famílias tem por perspectiva fazer avançar o caráter preventivo de proteção social, de modo a fortalecer laços e vínculos sociais de pertencimento entre seus membros e indivíduos, para que suas capacidades e qualidade de vida levem à concretização de direitos humanos e sociais. (Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2005, p. 90)

No campo da assistência social, a diretriz do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) coloca a família como centro e a reconhece como ponto de convergência de todos os segmentos. Independentemente das novas configurações que a família assuma, ela é considerada um espaço de socialização e proteção primárias para seus membros, e esse reconhecimento solidifica a importância do trabalho com famílias no campo socioassistencial, pois faz com que sejam centro de atenção. A família é, assim, o elo principal entre os sujeitos, que a compõem, e a comunidade, da qual faz parte.

Entendemos a relação entre família, comunidade e sociedade como demonstra o esquema a seguir. Ter como foco essa relação é uma forma de contribuirmos para a formação de uma sociedade mais justa, igualitária e rica em oportunidades.



Aqui chegamos ao foco de nosso trabalho: a união entre família e comunidade. Nesse sentido, ao refletirmos sobre família e comunidade, concordamos com Green, Moore e O' Brien, quando afirmam que:

[...] comunidade é um lugar onde as pessoas se sentem bem-vindas, é um lugar de hospitalidade e amizade [...] [onde] todos são necessários. Uma comunidade que não tem um lugar para todos e cada um, na verdade não é um lugar seguro para ninguém. (2006, p. 25)

Trata-se de uma relação direta: a partir das famílias de crianças, adolescentes e jovens atendidas em nossos programas, visamos contribuir para a organização e o fortalecimento comunitários, e, por consequência, com a transformação social que desejamos, de maneira positiva e coletiva.

Partindo do ponto de vista de John McKnight, de que cada cidadão tem dons e de que uma comunidade forte sabe que necessita que todos e cada um ofereçam seus dons, a Vocação contribui para que as famílias sejam encorajadas pelas lideranças a reconhecer que sua comunidade é um copo meio cheio de recursos, ativos, talentos, não um copo meio vazio, de necessidades e problemas.

Nessa perspectiva, o trabalho a ser realizado segue na direção de incentivá-las a identificar e mobilizar o que elas já têm para a construção de uma causa compartilhada.

Como nos esclarece Rejane Maria da Silva, gerente de serviços do Centro Popular de Defesa dos Direitos Humanos Frei Tito de Alencar Lima – CCA Cidade Júlia:

Quando você se envolve, quando você acredita na família e na comunidade da qual faz parte sua vida, o serviço acontece. Não dá para você pensar no trabalho com crianças e com famílias sem conhecer as famílias. [...] Com a família você consegue muitos avanços. A família é a comunidade.

Ajustando suas lentes •

É com esse tipo de visão que esperamos que conheçam nosso projeto.
Vamos ajustar as lentes e mudar o olhar?

BANCO DE IDEIAS

- ▶ Palestra motivacional – Roberto Carlos Ramos (contador de histórias). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lxQnFSgSnz8>>. Acesso em: ago. 2015.
- ▶ Chimamanda Adichie: o perigo de uma única história (TED). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wQk17RPuhW8>>. Acesso em: ago. 2015.
- ▶ The Asset-Based Community Development Institute. Disponível em: <<http://www.abcdinstitute.org/>>. Acesso em: ago. 2015.
- ▶ AÇÃO COMUNITÁRIA DO BRASIL. *Família*: participação cidadã. São Paulo, SP: 2014.

Foto: A Banca.



Talentos infantis no “Encontro em Família IAG”.
Instituto Anchieta Grajaú.

Foto: Acervo Vocação.



Dinâmica em formação de lideranças.
Sede da Vocação.

O PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DE LIDERANÇAS COMUNITÁRIAS

E o que é trabalhar com amor?

*Construir uma casa com afeto, como quem faz a casa onde a pessoa amada vai morar.
É semear as sementes com ternura e apanhar a colheita com alegria, como quem colhe a fruta para dar de comer à pessoa amada.*

Khalil Gibran (apud: Shinyashiki, 2001, p. 74)

ABCD (ASSET BASED COMMUNITY DEVELOPMENT) OU ABORDAGEM COLABORATIVA COMO PANO DE FUNDO NAS FORMAÇÕES

Para aqueles que não participaram das formações, essa tal de Abordagem Colaborativa pode não ter uma definição assim tão clara. Mas acreditamos que as palavras de Edson Passos, captador de recursos e líder comunitário da Associação Comunitária Auri Verde, podem contribuir para esse esclarecimento.

A Abordagem Colaborativa nada mais é do que uma ferramenta que a Vocação une aos conteúdos de suas formações e que [ela] trouxe às instituições para utilizarem nas suas organizações na busca de alcançarem as suas metas. Então são metodologias de encontros, [...] de reconhecimento do grupo, de como trabalhar em conjunto com a sua equipe. É por meio da perspectiva da Abordagem Colaborativa [...] que as pessoas conseguem importantes resultados [neste trabalho].

A seguir, veremos com mais detalhes o quanto a Abordagem Colaborativa permite a integração e a participação comunitária.

AS OFICINAS DE FORMAÇÃO: GESTÃO DO PROCESSO E BASTIDORES

GESTÃO DO PROCESSO: O PAPEL DO FACILITADOR

Um dos maiores desafios do facilitador deste programa é fazer a ponte entre o que está sendo trabalhado na formação e na assessoria com o que está acontecendo lá na ponta, na comunidade.

Sherrine Mendes, agente de desenvolvimento comunitário da Vocação.

Considerando o desafio apontado por Sherrine Mendes, acreditamos que é imprescindível ter em mente que cada uma das organizações sociais de base comunitária que a Vocação atende vivencia uma realidade própria e única. Suas condições são, portanto, diferenciadas em relação à gestão dos serviços que oferecem, às características e influências dos órgãos públicos aos quais estão conveniadas, à localização e ao tipo de território em que estão situadas, e, principalmente, em relação à população que vive no entorno de cada uma delas. Daí a importância de se obter informações a respeito do grupo que será formado – e de integrá-lo, no caso deste programa, às demais ações nas quais o agente de desenvolvimento comunitário está inserido, de modo a favorecer o desenvolvimento do trabalho e assegurar que este seja realizado com profundidade.

Para trocar saberes em um trabalho vivo – vivo no sentido de que as práticas acontecem em meio a desafios que mudam a cada dia –, o facilitador precisa estar conectado com a realidade e o cenário do grupo e, ao mesmo tempo, se reciclar constantemente para que possa facilitar com precisão.

O planejamento das oficinas de formação de líderes e gestores é realizado de forma detalhada pela equipe da Vocação, que participa em sua totalidade das formações em suas várias etapas. Mas são os **agentes de desenvolvimento comunitário** os facilitadores destas formações e os responsáveis, portanto, por este trabalho – para o qual eles se capacitam regularmente.

Como facilitadores, eles são os guardiões centrais dos conteúdos, dos resultados, dos desafios, das aplicações e, principalmente, da condução das formações. E são assessorados em **perspectiva ABCD** com foco no desenvolvimento comunitário para intervirem diretamente junto às lideranças das organizações sociais parceiras que compõem o grupo de formação. Vale ressaltar que há um diferencial essencial nesta assessoria: o protagonismo.

Nas assessorias à nossa equipe, duas especialistas, Marialice Piacentini e Adelaide Fonseca, trabalham com os facilitadores na formação de lideranças, explorando o que ocorreu em cada encontro, conforme o cenário apresentado, e respeitando as soluções sugeridas por eles e pela equipe. A ideia é que eles consigam e possam agir com autonomia e capacidade de planejamento (que implica execução e criação de etapas), quando houver necessidade de intervenção social nas comunidades, garantindo assim a sustentabilidade deste processo. Pode-se dizer que eles são *empoderados* para agir com o que aprendem.

Além de serem formados em serviço para a multiplicação da perspectiva ABCD, os facilitadores são estimulados a levar novas demandas para a assessoria – e assim avançar com o trabalho.

Por meio de tais estratégias, o saber é usado na prática e disseminado às organizações e às equipes capazes de aplicar com autonomia os conhecimentos obtidos em diferentes momentos e situações da formação, seja nos seus planejamentos, seja diretamente com as lideranças.

Eis a experiência de Thiago Corrêa, que é agente de desenvolvimento comunitário da Vocação, como facilitador das oficinas de formação de lideranças.

Eu era gestor numa organização parceira da Vocação e este processo da Abordagem Colaborativa chegou até mim por um amigo chamado Felipe. Ele fez uma formação e me disse: “Thiago, eu vi algo que é muito parecido com o que você pensa, com o que você tem falado aqui, você precisa ir lá ver”. Eu não era do grupo de famílias da minha gestão, eu era “apenas” um gestor de programa. Mas essa pessoa insistiu... e como eu gostava muito da Vocação, eu vim conhecer e me apaixonei.

[...] Eu fiquei muito tempo encantado com a palavra “empoderamento”, sabe? Porque era algo, para mim, tão bonito... é um despertar de dentro para fora... E de uma força que o outro vê. Então eu fiquei muito feliz. Aquela perspectiva apresentada [a Abordagem Colaborativa], no meu trabalho na época, mudou completamente os

processos da organização. A partir disso, eu fui uma das pessoas que iniciaram vários grupos participativos dentro da organização, como: o Grupo de Terapia Comunitária, o Grupo de Comunicação e o Grupo de Lazer dentro da organização que chama Estrela Nova. E, eu fiquei tão encantado, que pensei: “nossa, eu preciso me aprofundar nisso, quero poder trabalhar nessa perspectiva e multiplicar tudo isso”. Passou o tempo e eu vim trabalhar na Vocação, sempre de olho em trabalhar no Centro de Desenvolvimento Comunitário. Para mim foi um “baita” presente, uma coisa maravilhosa. Descobri que eu não conseguiria agir diferente, se não fosse de uma forma participativa.



Os facilitadores são protagonistas para que as ações saiam do plano das ideias e também para que características próprias da equipe do Centro de Desenvolvimento Comunitário influenciem a prática (*como fazer*), criando, dessa forma, uma identidade do Centro com o trabalho que será aplicado junto às lideranças.

BASTIDORES: O PLANEJAMENTO DAS OFICINAS

Com base nos princípios que norteiam a nossa metodologia de trabalho, a equipe se empenha em relacionar as expectativas geradas pelos participantes das oficinas aos conteúdos que serão nelas abordados. Essas informações são colhidas em toda e qualquer oportunidade – desde o contato inicial com o grupo que será formado ao momento em que realizamos avaliações dialogadas e escritas –, o que implica uma escuta ativa e também um olhar atento por parte do facilitador que lhes permita descobrir novos interesses ou necessidades do grupo, mesmo que tais interesses e/ou necessidades não sejam verbalizados.

No planejamento das oficinas, os facilitadores se pautam na vivência que têm de todo o processo, que envolve, inclusive, o acompanhamento das práticas das organizações parceiras. E também se orientam por princípios de aprendizagem que

colaboram com a metodologia do Centro de Desenvolvimento Comunitário, que é por eles aplicada.

Um exemplo de premissa de aprendizagem relacionada a essa formação está na compreensão do ciclo de aprendizagem do adulto proposto por David Kolb.



De acordo com o ciclo proposto por Kolb, entendemos que as pessoas aprendem de forma cíclica por meio de experiências vivenciadas antes e durante a aprendizagem – ou, dito de outra forma, são tais experiências o ponto de partida para o aprender.

Por se tratar de um processo contínuo, esse é um exemplo de ciclo de aprendizagem em que a equipe de facilitação das oficinas baseia seus planejamentos. Entretanto, é importante ressaltar que há outros ciclos que garantem igualmente um conjunto de experiências e novas explorações. Assim como é importante salientar que os facilitadores e cofacilitadores da formação de lideranças comunitárias na Vocação buscam garantir que os seus participantes tenham em suas vivências de formação a união entre o **pensar**, o **sentir**, o **observar** e o **fazer**.

Segundo o material *Facilitando oficinas: da teoria à prática*, que apresenta o ciclo de Kolb no contexto de treinamento de capacitadores do projeto Gets-United Way do Canadá:

[...] capacitadores e facilitadores eficazes precisam utilizar atividades de aprendizagem e perguntas específicas para ajudar os aprendizes a refletir criticamente e compartilhar pensamentos e sentimentos acerca das experiências novas de aprendizagem.

Acreditamos que, dessa forma, conseguimos garantir alguns elementos essenciais ao perfil desse público, cujo papel de liderança comunitária implica a capacidade de mobilizar e sensibilizar as pessoas da comunidade por meio de um trabalho coeso e consistente. Trataremos do perfil desse líder mais adiante.

Agora, que tal vivenciarmos um pouco dessa tão falada formação?

O ENCONTRO DE FORMAÇÃO DE LIDERANÇAS

UM CONVITE, UM ACEITE, UM BIS...

As lideranças comunitárias aceitaram participar dessa formação mediante o desafio de levar a metodologia aplicada pela Vocação ao cotidiano das organizações sociais em que atuam, cujo público-alvo é formado principalmente por crianças, adolescentes e jovens que já participam de outros programas da organização, suas famílias e sua comunidade.

“A criação de uma cultura e uma ética democráticas requer mobilização social, entendida como a convocação livre de vontades”. (Toro; Werneck, 2007)

Vale destacar que alguns fatores eram essenciais à participação neste encontro: mobilização de vontades, identificação com a proposta e apropriação. Afinal, uma formação nesta perspectiva, que visa aproximar pessoas, não é obrigatória – por mais que faça sentido a uma organização abrigá-la. Ela é literalmente um **convite**.

Posso dizer que em decisão de fazer encontros de formação esse foi o mais assertivo, porque eu me identifiquei bastante com a proposta da Abordagem Colaborativa, tive muitos ganhos pessoais.

Hoje eu já conheço as minhas habilidades. Consegui ganhos no pessoal, no profissional, com as famílias e com a equipe, que trabalha comigo no Jardim Icarai.

[...] Com o trabalho pela Abordagem Colaborativa foi possível empoderar minha equipe, usar a escuta ativa, garantindo a participação, dar atenção à motivação, pois [os participantes] identificam que fazem parte do processo, explorando novas habilidades e novos talentos. E, com trabalhos como esse, ganhamos líderes conectores que vestem a camisa e acreditam no trabalho realizado por nós.



Foto: A Banca.

Esse relato de Andrea Áurea, assistente técnica da Vocação, que atua na unidade do Jardim Icaraí, nos mostra a amplitude das ações quando há identificação e, sobretudo, apropriação.

Essa perspectiva de trabalho tende a ter como selo de garantia o acreditar. Quando nos identificamos e apropriamos de algo, de fato, não apenas passamos a acreditar naquilo, como o difundimos para desenvolvê-lo em qualquer ambiente – e é este acreditar, portanto, o que potencializa um trabalho como esse. É a partir dessas experiências que nos asseguramos do interesse e do comprometimento das lideranças em participar das formações em suas várias fases do programa – e, assim, garantimos a continuidade do processo.

BOAS-VINDAS

O nosso trabalho de formação tem como foco as pessoas, o que significa colocar “as pessoas no centro”. Para tanto, utilizamos desde o início alguns **instrumentos** permanentes que colaboram com os compromissos entre facilitadores e participantes. Vamos conhecê-los?

Estes instrumentos ficam expostos no ambiente que abriga o encontro, para que sejam vistos, validados e respeitados por todos.

Combinados

Por meio de combinados, elegemos, em conjunto com os participantes, regras para o bom funcionamento do trabalho, que podem ser alteradas, desde que haja consenso. Os combinados servem para que os participantes se conectem

entre si, se vejam como parte importante do grupo e, assim, se sintam seguros. Além disso, orientam nosso trabalho durante o processo.

Estacionamento

Trata-se de uma forma de registro. É no “estacionamento” que os participantes registram assuntos pertinentes, mas que não estão em foco naquele dia, para que possam ser trabalhados em algum outro momento.

Banco de ideias

É um banco no qual depositamos ideias, sugestões e/ou indicações de materiais (livros, filmes, *sites*, contatos, etc.) relacionados aos assuntos trabalhados e que sejam do interesse do grupo para que ele possa avançar em sua formação.

Foto: Bruno Schulze.



Grupo trabalhando na Formação de Lideranças.

Para garantir o bom andamento de um encontro de formação, é igualmente importante respeitar as expectativas, os limites de horário (início e término), as pausas e os intervalos, o ambiente e a acolhida.

Agenda do dia

Apresentamos aos participantes relatos de experiências para destacar alguns princípios da Abordagem Colaborativa que norteiam nosso trabalho. Acreditamos que comunicar o que está previsto para esse momento é importante.

Objetivo do dia

Sensibilizamos os participantes para a mudança do olhar – sobre si mesmo, para o outro e para a comunidade –, e com eles exercitamos os princípios da Abordagem Colaborativa.

O tom do dia

É o que dita qual será o **clima do encontro**. São as chamadas “dinâmicas de aquecimento” ou “quebra-gelo”. Acreditamos que recorrer a elementos lúdicos e/ou a brincadeiras são boas opções: pode-se começar com uma dinâmica de grupo, com a apresentação de um vídeo ou de uma música, com a leitura de um conto...

A seguir, apresentaremos um exemplo de como são os caminhos e os princípios que compõem a nossa ação, mostrando como tudo o que foi dito anteriormente pode se concretizar no cotidiano de uma organização social e na comunidade. A ideia é colocar o nosso diálogo em prática. Vamos lá?

“Um bom aquecimento proporciona uma maneira acolhedora, que não intimida. [...] A dinâmica estabelece o clima da oficina e determina o estilo que predominará do início ao fim. Por isso deve ser muito bem escolhida.”
(Facilitando oficinas: da teoria à prática)

PRINCÍPIO 1: TODA PESSOA TEM CAPACIDADES, TALENTOS E CONHECIMENTOS

ATIVIDADE: “MÃOS DAS CAPACIDADES”

Intencionalidade

Vivenciar, por meio do exercício “mãos das capacidades” (que também pode ser

realizado com os pés), o princípio de que toda pessoa tem **capacidades**.

Desenvolvimento

Solicitamos ao grupo que cada participante desenhasse o contorno de uma de suas mãos em uma folha de papel sulfite: na palma da mão eles deveriam escrever o seu nome e em cada dedo uma capacidade.

As “capacidades” representam tudo aquilo que sabemos fazer e, de acordo com nosso julgamento, fazer bem. Elas correspondem ao que “eu faço” e são diferentes, portanto, das qualidades que, em geral, refletem o que “eu sou”. Por exemplo: “Eu sei cozinhar bem. Minha lasanha é uma delícia.”.

Elas não precisam estar relacionadas à função que cada participante desempenha em sua organização. A ideia é, pelo contrário, que eles façam referência a outras capacidades a que recorrem em diferentes situações de suas vidas, e que surpreendam a todos ao apresentá-las ao grupo.



Quando todos tiverem terminado de escrever as cinco capacidades solicitadas, todos os participantes, um a um, aleatoriamente, devem apresentar ao grupo a sua “mão das capacidades”: *Eu sou o/a... (nome), da/do... (organização de origem), e as capacidades que identifico em mim hoje são...*

Ao final das apresentações, eles devem pendurar suas “mãos” em um varal de barbante com a ajuda de um pregador de roupa.

Processamento

O que vocês sentiram ao realizar esta atividade?

Como foi falar de suas capacidades?

Alguém do grupo os surpreendeu? Quem? E por quê?

Generalização

Como bem observou Elenilde Teixeira da Silva, estamos mais acostumados a identificar o que nos falta, aquilo que não temos, do que a reconhecer nossas capacidades. Mas elas devem ser, sim, identificadas, valorizadas, aperfeiçoadas, aproveitadas e relacionadas com a singularidade de cada um: são nossos talentos e capacidades que nos identificam e nos fazem únicos. Por essa razão, essa atividade tende a fazer com que seus participantes se surpreendam com suas lembranças e descobertas.

Para validar o princípio de que “toda pessoa tem capacidades, talentos e conhecimentos”, damos sequência a este exercício “mãos das capacidades” (com a atividade “conexão de talentos”), solicitando aos participantes que identifiquem uma capacidade em comum a todos e uma que os diferencie dos demais.

Aplicação

Quando conseguimos reconhecer nossos talentos, encontramos formas de entrar em ação, tanto para solucionar problemas como para efetivar conquistas pessoais. O reconhecimento de que todos temos capacidades, talentos e conhecimentos deve partir, portanto, do próprio sujeito.

Vejamos o relato de um participante sobre sua experiência com a formação de lideranças, que destaca a importância desse reconhecimento:



Foto: A Banca.

Eu já sabia trabalhar com jovens e com crianças e já tinha bastante experiência com as famílias por meio da pastoral da saúde [a] que eu pertencço

Eis o que respondeu uma participante do Centro de Formação Irmã Rita Cavenaghi: *Foi difícil, porque a gente sempre pensa mais nos defeitos e se esquece do que tem de bom...* (Elenilde Teixeira da Silva)

e [na qual] trabalho há muitos anos. A Abordagem Colaborativa foi para mim muito rica, porque eu consegui tirar um pouco de minha timidez e trabalhar bastante com meu pessoal. Me ensinou coisas que eu não sabia, como planejar reuniões, em que eu descobria talentos – tanto [os] meus, como da equipe e das famílias. Consegui isso com a formação. [...] Aprendi a não fazer tudo sozinha, mas a buscar os outros, buscando a solução para tudo, saindo do “eu vou resolver” para o “agora, nós vamos resolver”, “nós vamos fazer”. [...] Antes, eu me via como um ser inferior aos outros e agora eu me sinto prestativa para a comunidade. E isto é o meu grande triunfo.

Diná Domingues, Centro de Promoção Humana Nossa Senhora Aparecida do Jardim Pedreira – Cidade Ademar, Comunidade Meu Abacateiro.

PRINCÍPIO 2: TRABALHO FOCADO NA CONSTRUÇÃO DE CONEXÕES ENTRE AS CAPACIDADES E OS RECURSOS NO DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO

ATIVIDADE: “CONEXÕES DE TALENTOS”

Intencionalidade

Sensibilizar seus participantes para o autoconhecimento e promover a integração entre eles – e a conexão de seus talentos.

Desenvolvimento

Solicitamos aos participantes que se organizassem em pequenos grupos para retomar o exercício anterior, “mãos das capacidades”. Eles deveriam conversar sobre as capacidades individuais de cada um (as que os diferenciavam dos demais) e aquelas que poderiam ser consideradas comuns a todos.

Findo o tempo estimado para essa conversa, os participantes foram convidados a planejar, em grupos, um empreendimento. Cada grupo deveria decidir a natureza do empreendimento a ser planejado e idealizá-lo, para, ao término des-

ta etapa, apresentar em um cartaz o **resultado final** aos demais.

Para estimular a produção dos cartazes, foram disponibilizados materiais, como cartolina e outros. Antes que eles dessem início ao trabalho, salientamos o quão importante era que indicassem o responsável por cada uma das tarefas necessárias à realização do empreendimento, considerando as capacidades de cada um discutidas anteriormente.

As lideranças comunitárias Ana Carla, Elton, Loreta, Vera e Renata, por exemplo, planejaram o “Espaço Família”. Tratava-se de um espaço de convivência e encontro familiar ambientado em uma grande cozinha, justificado pelo fato de que as casas estão cada vez menores – e, por consequência, as cozinhas também – e os encontros familiares cada vez mais escassos. Neste espaço, famílias poderiam vivenciar um almoço (ou um jantar), desde a preparação da comida até a sua degustação, em torno de uma grande mesa redonda. Ao término da refeição, elas assistiriam a uma apresentação teatral de sua própria história.

Observamos que todos os grupos foram orientados a: dar um nome para o empreendimento planejado; criar um convite e/ou um *slogan* e também uma logomarca para ele; organizar uma agenda; e relacionar, conforme solicitado, o responsável por cada uma das tarefas necessárias à realização do empreendimento, considerando as capacidades de cada um.

Processamento

O que vocês sentiram ao realizar esta atividade?

Como foi apresentar para os outros grupos o empreendimento planejado?

E valorizar as capacidades de cada um para a sua realização?

Foi fácil? Por quê?

Foi difícil? Por quê?

Generalização

Propiciar esse momento de integração entre os participantes é muito importante – e bacana também. Ao se dedicar ao planejamento de um empreendimento, considerando suas capacidades próprias e as comuns ao grupo, eles descobrem que juntos são capazes de realizar muitas coisas – e que todos os saberes são válidos e igualmente relevantes, pois se complementam em prol de um objetivo comum.

Confiança e observação de capacidades foram alguns dos elementos que o grupo mencionou como importantes na construção do trabalho colaborativo, chegando à conclusão de que as capacidades isoladas não produzem nada, ao passo que conectadas podem dar origem a várias ações.

Os facilitadores dialogaram com os participantes de modo a salientar que a Abordagem

olha para as pessoas exatamente nessa perspectiva, no reconhecimento de suas capacidades e na valorização de todas elas, indo além das funções específicas que cada um desempenha em sua organização.

Aplicação

Para refletir sobre a aplicação desse princípio, compartilhamos a experiência da gestora da Associação dos Moradores da Vila Arco-Íris – CCA AMAI, Soraia Macedo, vivenciada com famílias. Segundo ela, o *empoderamento* das famílias impacta a vida pessoal dos participantes e também favorece a criação de elos entre os grupos familiares e a organização. No caso da AMAI, Soraia acredita que a descoberta de talentos, e de como contribuem com os projetos de vida das pessoas e com a comunidade, desencadeou um novo olhar para os projetos de vida, que passaram a ser vistos, inclusive, como uma fonte de geração de renda e de novos conhecimentos e/ou empreendimentos.

Vejamos o relato de uma das participantes das oficinas de Lazer Comunitário na AMAI:

Hoje eu me sinto capaz de aprender e ensinar algo para alguém, isso ajudou a levantar a minha autoestima. [...] Hoje estou ensinando artesanato de forma voluntária para outras pessoas. Sinto-me fazendo parte do CCA [Unidade AMAI].

Verônica Araújo, Associação dos Moradores da Vila Arco-Íris – CCA AMAI.

Com base neste e em outros relatos, é possível perceber como, por meio do reconhecimento de seus talentos, as pessoas vão se sentindo valorizadas e como essa valorização fortalece a confiança do grupo. As capacidades são produtivas quando as reconhecemos como tais e criamos condições para que se conectem.

Esse tipo de abordagem nos auxilia a compreender como é importante olhar para as pessoas sob essa perspectiva, visando o bem comum. No trabalho colaborativo, como a confiança se constrói no cotidiano, é preciso identificar e valorizar as capacidades de cada um e as comuns ao grupo e criar oportunidades para empreendimentos conjuntos. Acreditamos que este é o caminho para um trabalho de colaboração.

Ajustando suas lentes •

Vocês já vivenciaram algum empreendimento conjunto? Caso não tenham vivenciado, vocês acreditam que isso é possível?

PRINCÍPIO 3: O CENTRO DE UMA MUDANÇA SÃO AS PESSOAS

ATIVIDADE: “A SOPA DE PEDRA”

Intencionalidade

Reconhecer a importância do envolvimento das pessoas da comunidade nos processos de mudança, com base no princípio: “o centro de uma mudança são as pessoas”.

Desenvolvimento

Deise Sartori, gerente do Centro de Desenvolvimento Comunitário da Vocação, costuma contar aos grupos uma história que ouvia quando criança, cuja origem ela só veio a conhecer anos depois – trata-se de um conto africano que é mais ou menos assim:

Era uma vez um homem que havia viajado por muitos dias. Quando ele chegou a uma pequena cidade, parou em uma praça onde havia um mercado bem movimentado. Ele estava com muita fome e caminhou até um dos moradores e disse: – “Senhor, eu estou com muita fome e eu não sei o que fazer. Será que o senhor poderia me servir alguma coisa nesta noite?”

O morador respondeu: – “Desculpe senhor, mas eu quase não tenho o suficiente para a minha própria família. Eu não posso ajudá-lo.”

Então ele se aproximou outro morador, fez basicamente a mesma pergunta e obteve a mesma resposta: – “Desculpe senhor, eu não tenho nem o suficiente para minha própria família, eu não posso ajudá-lo.”

O nosso viajante ainda estava perguntando se alguém poderia ajudá-lo quando viu no chão uma pedra com o formato de uma manga. Então ele teve uma ideia: pegou a pedra, subiu numa caixa e começou a falar com as pessoas que se encontravam no mercado. – “Senhoras e senhores, com esta pedra eu vou fazer uma sopa mágica.” Todo mundo se aproximou do viajante para ver o que ele ia fazer. Ele começou dizendo: – “Primeiro preciso de um caldeirão com água”. Uma senhora levantou a mão e disse: – “A minha casa fica logo em frente, podemos ir até lá para usar o meu caldeirão.”

O povo todo que estava na praça seguiu o viajante até a casa da senhora, onde ele colocou a água para ferver e, cerimoniosamente, depositou a pedra em formato de

manga no fundo do caldeirão. Então ele disse: – “Agora a sopa de pedra está muito boa por si só, mas se quisermos dar um gosto especial a ela, seria bom adicionar algumas cenouras.” Algumas pessoas, que tinham cenouras em casa, pegaram-nas, cortaram-nas em rodela e as colocaram no caldeirão.

O nosso herói viajante disse: – “A sopa de pedra com cenoura é excelente, mas se realmente quisermos fazer melhor basta adicionar algumas cebolas, e ela ficará uma delícia.” Outro morador se aproximou e disse: – “Eu tenho cebolas, vamos adicioná-las.” E então picaram as cebolas e as colocaram na sopa.

– “Alguém mais teria algum outro ingrediente que pudesse deixar a nossa sopa de pedra melhor ainda?”

E assim, um a um, todos os moradores contribuíram com os ingredientes que tinham em casa para incrementar a sopa. No fim todos ficaram maravilhados com o fato de uma pessoa que eles não conheciam haver entrado na vila e feito uma sopa saborosa e em quantidade suficiente para alimentar a todos naquela noite. A moral pode ser a seguinte: é incrível o que se pode fazer quando as pessoas se empenham em contribuir com seus dons e seus talentos em solidariedade.

Processamento

○ que vocês acharam dessa história?

○ que sentiram quando as pessoas responderam que não poderiam ajudar?

E ao ouvir o final da história?

Generalização

Sempre que pensamos nessa história, concebemos diferentes maneiras de usar a imaginação para dar às pessoas a chance de contribuir com aquilo que elas têm e de uma forma que alimente e fortaleça a todos.

Como expressaram os próprios líderes e gestores quando ouviram essa história, ela nos faz refletir sobre como trabalhamos com a Abordagem Colaborativa, evidenciando os dons e os esforços das pessoas para conscientizar e conectar outras e assim tirá-las do isolamento e da carência, trazendo-as para a colaboração.

Quando acreditamos que temos pouco, ou quase nada, na verdade temos uma fortaleza. E o trabalho nas comunidades também é assim, pois depende da vontade das pessoas e de seu interesse por um objetivo comum – que, no caso dessa história, era a sopa. Por uma sopa, uma pessoa com visão, prontidão e criatividade conseguiu mudar o olhar das outras. Aquele viajante, que enxergou além e conectou pessoas, entrou em ação.

E na sua organização, quem é esse viajante?

Aplicação

No momento em que as famílias da comunidade puderam manifestar suas vontades, ao serem questionadas sobre o que elas queriam da organização, e então estabelecer um objetivo comum, não houve empecilhos fortes o suficiente que as desmobilizassem daquela causa. Ao menos, é isso o que nos conta Tatiane da Silva, do Movimento Comunitário do Jardim São Joaquim:

Nossa comissão conseguiu se identificar, tem um nome agora, “Guardiões da Comunidade”. [...] Nosso evento foi totalmente planejado e executado pelas famílias. A gente tem o desafio de agregar mais famílias, porque para a gente é importante que elas entendam que a participação delas é necessária. [...] A gente quer que elas realmente entendam qual o nosso propósito de trabalho e que a gente realmente precisa da participação delas.

Embora pareça fácil, essa perspectiva de trabalho é difícil de ser aplicada, porque envolve comportamentos – e, sobretudo, mudança de comportamentos. O que implica romper com antigos hábitos, vícios de gestão e com o que chamaremos aqui de “falsa” produtividade. (“Falsa” por já ser comprovado que as pessoas produzem melhor quando realmente envolvidas e valorizadas no processo.)

Trata-se, portanto, de um processo lento e gradual, mas sem o qual o trabalho seria bastante complicado, já que é ele que assegura que a metodologia seja assertiva. E para que ele aconteça, precisamos de pessoas bem preparadas, capazes de liderar apesar de tais dificuldades.

Liderar é algo que envolve muitas capacidades, como as de sensibilizar pessoas em torno de uma causa e, principalmente, de conectá-las.

MOBILIZAÇÃO DE FAMÍLIAS

UM NOVO OLHAR

Nesse ponto, acreditamos que já é possível compreender porque trabalhamos quebrando paradigmas e estereótipos. Essas palavras ainda estão, como nos conta em seu relato Bruno César Silva, líder comunitário do Centro de Promoção Humana São Joaquim Sant’Ana – CCA VILLA, fortemente atreladas, infelizmente, ao olhar da falta e da necessidade.

Dentro do social, a maioria das pessoas costuma já ter um preconceito das famílias, elas sempre se põem para baixo, e as próprias famílias também se veem desta maneira. [Esse] é um ponto que eu percebi principalmente nas famílias novas – com bastante potencial, mas já estão acostumadas a [se] ver como “eu não consigo ajudar”, “eu não consigo avançar”, “eu faço isso que me é determinado”... e não! Você tem potencialidades, você tem talentos e nós precisamos de vocês. [...] Uma coisa que a organização traz é que a gente não consegue fazer nada sozinho, então dentro do plano de trabalho nós pedimos a contribuição da família, das crianças, e isso tem valorizado muito o nosso trabalho. Eles olham com um olhar diferente, eles não olham ali como um espaço em que somente vão colocar a criança para passar o período que não está na escola, entendem que existe um trabalho muito dedicado e difícil de acontecer. [...] Isto, também, porque ali a gente lida com sentimentos, e essa é uma das coisas que a gente trabalha muito pela Abordagem Colaborativa: lidar com os sentimentos das pessoas.

Nesse sentido, a questão que nos colocamos é: que diferença faz realizar um trabalho com famílias com essa perspectiva?



Quando olhamos para o que as pessoas e a comunidade têm de bom, temos a oportunidade de conectar todas essas capacidades, tanto individuais quanto coletivas, em prol da própria comunidade. E o que faz com que todos e cada um dos membros das famílias dessa comunidade (crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos) sejam e estejam envolvidos no processo é a disposição, por parte dos profissionais envolvidos (gestores de organizações sociais, educadores sociais e/ou culturais, animadores socioculturais, líderes comunitários ou quaisquer outros técnicos ou especialistas), de aproveitar as oportunidades que se apresentam para incluir estes princípios em suas ações e atividades – aliada, claro, a um olhar atento.

Ajustando suas lentes •

O olhar é um ponto que merece atenção em todo processo de mobilização social, especialmente no trabalho com famílias.



Foto: Priscila Magalhães.

Um olhar além. Centro Popular de Defesa dos Direitos Humanos Frei Tito Alencar Lima – Cidade Júlia.

Este é o ponto fundamental e principal dentro da formação [...]. [Mas] é difícil. [...] primeiro é uma mudança de olhar que começa com você, passa pela equipe e chega à família. Família essa que até então era vista como “aquilo [em] que falta tudo”, só de carências, e com essa mudança de olhar, você passa a ver a família como ativos da comunidade, dotada de talentos e capacidades, não é fácil, mas é o caminho.

Muitos são os depoimentos, como esse de Aparecida Neves, do Centro de Promoção Humana São Joaquim Sant’Ana – JOCA, sobre a importância dessa “mudança de olhar”, que poderiam ser transcritos aqui. Optamos, porém, por compartilhar **o relato de uma mãe que participa do projeto**. É com esse olhar que Valdineia Araújo, uma liderança comunitária da Associação Cidadania Ativa do Macedônia – ACAM, fala de seu contato com a Abordagem Colaborativa.

Antes de colhermos este depoimento, o que nos instigava a fazê-lo era descobrir em que momento essa mãe passou a se envolver com a instituição e seus bastidores. O que lhe chamou a atenção? O que lhe aguçou a curiosidade? O que lhe despertou o interesse?

Eu gosto muito de participar da comunidade em si. E quando a minha filha estava lá, eu sempre participava das reuniões. Só que as reuniões eram meio... cansativas. Quando a Vera [gestora] começou a participar da formação, ela transformou aquela reunião cansativa, chata, numa reunião participativa de pais. Os pais começaram a participar... e eu comecei a me interessar. Porque eu detesto coisa “apagada” [risos]. Então, eu comecei a gostar do movimento que ela estava crian-

do e renovando na ACAM. A partir de então que eu já entrei para ser a primeira-secretária, me convidaram para integrar a diretoria da ACAM [e] eu fiquei ainda mais interessada. Isso porque eu também via que eles precisavam de ajuda [...] e comecei a querer me envolver mais para poder ajudar. E as outras mães também! Comecei a ver a diferença que era antes de ser usada esta Abordagem e depois. A reunião que era para dizer “Ah, sua filha não está bem...”, com essa Abordagem já mudou. A gente começa a participar, construir, ver os pais se interessarem, sem ficar olhando no relógio, esperando a hora para sair. E isso foi muito bom, me fez querer cada vez me integrar mais.

Foto: A Banca.



A “reunião participativa” a que se refere Valdineia Araújo é o que chamamos de reunião produtiva, por meio da qual envolvemos as pessoas no processo de organização e desenvolvimento das atividades. Nessas reuniões, utilizamos os princípios da Abordagem Colaborativa e aqueles instrumentos permanentes apresentados anteriormente (combinados, estacionamento, banco de ideias), que colaboram com os compromissos entre facilitadores e participantes.

FOCO NA PERCEPÇÃO: OLHAR ATENTO E ESCUTA ATIVA

Trabalhar para olhar com atenção e enxergar o que não é visível ou escutar o que não é audível e ouvir o que esses silêncios significam é o que caracteriza esse tipo de abordagem com a qual trabalhamos, e que envolve a preocupação com os sentimentos das pessoas.

No mundo em que vivemos hoje, de frouxidão nas relações sociais, trata-se, no fundo, de aprimorar nossos sentidos e aguçar nossa percepção – para perceber o outro.

Renata Mariano, gestora do Movimento Comunitário de Assistência e Promoção Humana – MOCAPH, localizado em Itapecerica da Serra, nos revela como a sua participação nas formações a influenciou nesse sentido:

Antigamente eu gostava muito de falar, falar, falar. E eu não tinha muito esta questão de ouvir as pessoas. E a Abordagem Colaborativa nos traz isso hoje, a questão da observação, escuta ativa, e até na minha vida pessoal isso mudou muito, porque hoje eu levo isso para minha casa, para minha família, para os meus amigos.

Esse tipo de relato confirma que em um trabalho com famílias “deve-se estar atento para olhar o diferente, o inaudito, o invisível; o que está fora da sala ou da visão, o que não aparece no relato ou na casa”. (Amaro, 2003, p. 27)

E nos permite afirmar que a mudança de olhar é um desafio tanto para as políticas públicas como para empresas no que se refere à gestão em comunidades. Acreditamos que são as percepções que permitem que uma liderança enxergue as dificuldades ou as oportunidades que, por vezes, não são ditas pela equipe ou pela comunidade, podendo orientá-la, inclusive, no planejamento das ações. Por esse motivo, elas devem ser resgatadas e trabalhadas. Ainda segundo Sarita Amaro (2003, p. 27), “não devemos nos satisfazer com o que vemos ou com o que nos é mostrado e dito. Devemos buscar evidências também no que está oculto”.

FOCO NA INTENCIONALIDADE: GESTÃO DOS PROCESSOS E PLANEJAMENTO DE AÇÕES

O foco na percepção não exclui a necessidade de uma gestão eficiente dos processos. Trata-se de uma via de mão dupla. Além disso, acreditamos que já é hora de ajustar nossas lentes e romper com o estereótipo dos trabalhos sociais como algo superficial, desorganizado e de cunho assistencialista. O trabalho consistente e altamente profissional que as organizações da sociedade civil e demais instituições que trabalham na área desenvolvem com as comunidades é cada vez mais reconhecido.

Uma gestão consciente, articulada e eficaz dos processos permite que as ações planejadas atinjam uma parcela ainda maior da sociedade – e cada vez mais benéficas. E os encontros de formação de lideranças tem contribuído para isso, como nos conta Andrea Brito, assistente técnica do Instituto Anchieta Grajaú:

Desde que eu comecei a formação nesta Abordagem, ela teve um impacto muito grande e uma mudança muito significativa na minha vida tanto pessoal como profissional na questão do planejamento e da elaboração de metas. Eu, como a maioria [...], tenho filhos. Eu trabalho, faço faculdade, faço um curso

de libras também, então se eu não aplicasse o planejamento dentro da minha vida e dentro das minhas ações, talvez eu perdesse compromissos, deixaria de entregar documentos, então isso foi um impacto muito bom, muito importante para a minha vida. Além disso, eu aprendi a ouvir mais, aprendi também a ter mais segurança dentro do meu trabalho, dentro das minhas ações. E eu acho que se a gente faz um planejamento em tudo aquilo que a gente pretende – tanto na vida profissional quanto pessoal –, além de ter mais segurança, a gente consegue alcançar os objetivos que a gente pretende.

Foto: A Banca.



FOCO NAS SOLUÇÕES: DIAGNÓSTICOS E ESTRATÉGIAS

Para as famílias que apresentam dificuldade de aproximação, por exemplo, é necessário que se realize um diagnóstico para se descobrir e entender o porquê. Para facilitar esse processo, foi criado o esquema “Passos da Colaboração”:



O desafio de Bruno César Silva, líder comunitário do Centro de Promoção Humana São Joaquim Sant’Ana – CCA VILLA, foi identificar que havia várias famílias com bebês sem vaga em creches. Feito o diagnóstico, a solução encontrada pela equipe da organização social foi a montagem de uma brinquedoteca para atrair e garantir a presença daquelas famílias.

PLANO DE MOBILIZAÇÃO DE FAMÍLIAS

Considerando a iniciativa de garantir uma rede de proteção social fortalecida voltada a crianças, adolescentes e jovens, acreditamos ser essencial compreender a importância da relação entre os espaços socioeducativos e as famílias. Afinal, são os vínculos sociofamiliares que garantem o sentimento de pertencimento tão essencial para o desenvolvimento das pessoas. Daí a necessidade de envolver o grupo familiar nos planos das organizações, na perspectiva da construção da participação de seus membros, já que uma proposta de desenvolvimento pleno do público infanto-juvenil “que se pretende ampla integral e integrada precisa ser, irremediavelmente, coletiva, combinada e formalizada por muitos”. (Cenpec, 2013, p. 107)

Nesse sentido, a Vocação posiciona-se a favor da realização de um trabalho com famílias alinhado às políticas de assistência social. E, para que ele ocorra de forma organizada e planejada e as ações dele derivadas sejam de fato efetivas, defendemos que cada organização parceira desenvolva, ao longo das formações, seu Plano de Mobilização de Famílias (veja um exemplo na seção “Anexos”).

Com base nesse plano, metas são declaradas e o processo de aproximação com as famílias   acompanhado. Para tanto,   imprescindível que ele faça sentido e seja um instrumento vivo para as organizações – e não meramente um discurso no papel. Tanto quanto   necessário que ele seja conhecido por todos os envolvidos, para que possam lutar em conjunto e em consonância pela mesma causa.

PAPEL E CARACTERÍSTICAS DO LÍDER CONECTOR

Shinyashiki, ao falar sobre organizações não-governamentais e outras instituições sociais, pondera que a essência que se espera de um profissional do terceiro setor   a de:

[...] um ser humano que tenha a coragem de se mobilizar para combater uma injustiça, que tenha a ousadia de acreditar na sua capacidade de mudar a realidade [...] [e] de unir um grupo de pessoas em torno de um objetivo comum. (Shinyashiki, 2001, p. 59)

Complementa, ainda, alegando que tal demanda de profissionais não é uma exclusividade do terceiro setor e que:

[...] toda empresa precisará cada vez mais de profissionais que tenham a capacidade de trabalhar muito, mas com criatividade, amor ao próximo e com a condição de reintegrar uma sociedade fragmentada com base na própria reintegração como ser humano. (Shinyashiki, 2001, p. 59)

E conclui que “o mundo está deixando de precisar de pessoas robotizadas e está valorizando os seres humanos”. (Shinyashiki, 2001, p. 59)

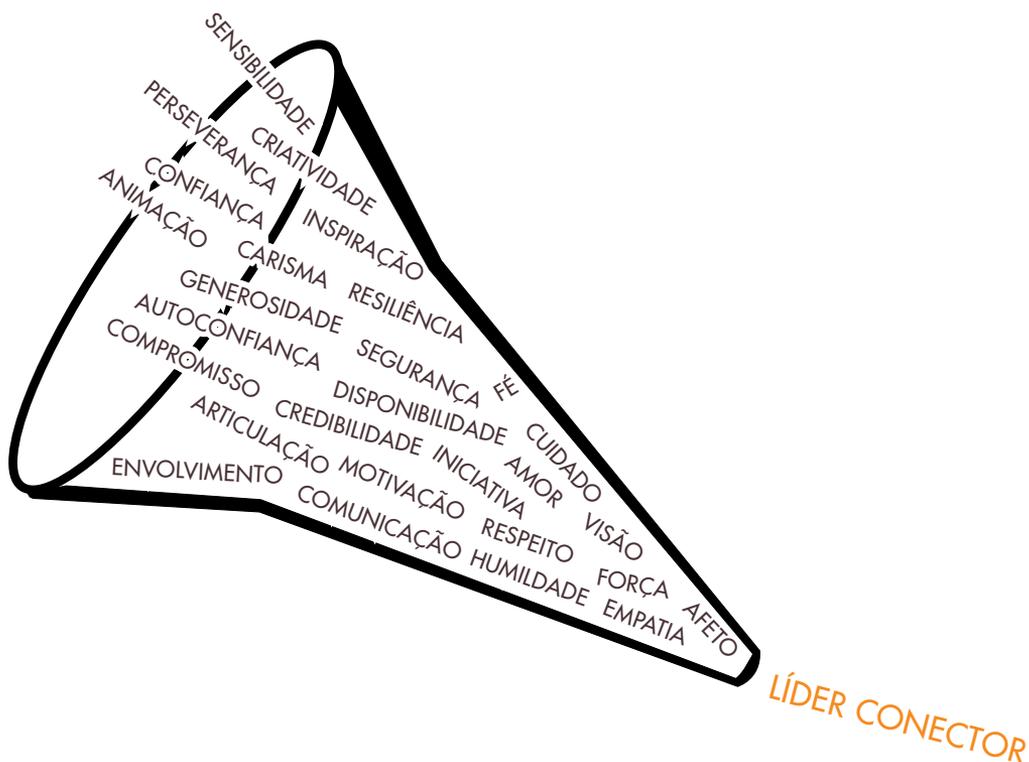
Com base em tais considerações, que tal ajustar nossas lentes para refletir sobre o papel do líder conector?

Ajustando suas lentes •

Qual o papel das lideranças comunitárias?

Que características devem estar mais presentes nestes líderes?

E quais devem estar menos?



Por liderança compreendemos a capacidade de liderar, o que é algo possível e passível de ser aprendido e desenvolvido por aqueles ou aquelas que ocupam a posição de líder. E acreditamos, parafraseando Schlithler e Kisil (2008, p. 7), que “há espaço para a liderança de várias ações em uma organização social; não há motivo para isso ser atribuição de uma única pessoa”.

Na perspectiva da Abordagem Colaborativa, um líder inova, inspira, motiva, antevê, questiona (o quê, porquê), provoca, desafia, articula, envolve, desenvolve, conecta, age, interage. Sem liderança, as ações não acontecem.

Com base em tais considerações, Deise Sartori, gerente do Centro de Desenvolvimento Comunitário da Vocação, aponta cinco características marcantes em um líder e que definem o seu papel – além da principal capacidade, claro, de conectar talentos e ativos entre moradores, instâncias governamentais, associações, empresas, criando relacionamentos para o desenvolvimento da comunidade. São elas:

1. valorizar o conjunto de habilidades;
2. escutar;
3. dar atenção às pessoas;
4. apoiar as pessoas;
5. buscar as prioridades, os interesses e os desejos das pessoas para a sua comunidade.

Ainda segundo Deise Sartori,

[...] quando a gente vai para a ponta, o que acontece é que nós precisamos perceber se essa liderança tem as competências do líder conector. [...] essa que é a questão, e precisamos trabalhar com ele isso. As coisas não precisam estar em caixas, eles precisam se perceber como líder conector, líderes na perspectiva da Abordagem (ABCD) [...] Se tem uma coisa que ficou na minha mente pelo o que foi dito pelo estudioso McKnight (ABCD) é a importância de se investir no “líder conector”, pois quando as pessoas estão isoladas elas não percebem suas capacidades. Mas quando elas se conectam, é algo poderoso. É poderoso você juntar as pessoas em torno de algo que as motiva, que as interessa e que responda a algumas questões delas. Nós fazemos isso.

Mas o que seria de um líder de uma organização social sem uma equipe? E o que seria de uma equipe sem uma metodologia?

Acreditamos que nossa proposta de formação de lideranças visa experimentar, exercitar uma ferramenta que possa dar suporte e auxiliar as equipes a perceber se a direção que estão tomando é legítima; isto é, se ela será recebida, participada e aprovada por suas comunidades.

O LÍDER CONECTOR E O PLANO DE MOBILIZAÇÃO DE FAMÍLIAS

Para uma melhor compreensão da relação entre um Plano de Mobilização de Famílias e as ações de um líder conector na prática, apresentamos o relato de gestão a seguir. Ele apresenta uma experiência de escuta ativa vivenciada por Marina Hohne, do Instituto Fomentando Redes e Empreendedorismo Social – Inforedes Boa Sorte, de M' Boi Mirim, que no ano de 2014 atendeu cerca de 300 crianças e adolescentes e 200 famílias.

Quando eu cheguei, as famílias estavam realmente ausentes deste espaço, as reuniões de pais tinham poucos participantes, eram reuniões que duravam meia hora, reuniões informativas, de onde as pessoas queriam sair logo porque “eu escuto e já não me interessa muito... então eu saio” e a conversa com os pais era realmente para falar dos filhos que tinham dificuldades. E após a Abordagem Colaborativa, deixamos de fazer reuniões e passamos a fazer encontros com os pais. Esses encontros duravam três horas, porque um dos primeiros passos, das primeiras providências, foi ouvir essas famílias. Então, junto com eles, decidimos o horário das reuniões, inclusive os nossos encontros acontecem aos domingos, às 15h. Por quê? Ah, é uma comunidade que está numa área vulnerável, baixo rendimento escolar, baixa remuneração. Então assim, é difícil... esses pais têm que trabalhar, essa família tem que trabalhar, e se eu faço esses encontros durante a semana ou às vezes aos sábados, eles não conseguem comparecer. Então tudo foi decidido com eles. Os temas foram decididos com eles, sobre o que iríamos trabalhar com as crianças, o que tem sido necessário trabalhar com essas famílias, tudo é decidido com os pais. Nós temos por hábito agora fazer dinâmicas, discussões, usamos a tecnologia que a gente tem, eles se sentem valorizados por isso também, ofertamos um lanche, um café e eles começaram a participar tanto que eles mesmos vieram falar “olha, é muita coisa para a organização toda vez preparar o lanche para a gente, então, nós vamos ajudar, nós

vamos contribuir". E aí, uma vez que você começa a aplicar a Abordagem Colaborativa, é difícil você não pensar em aplicá-la em todos os momentos na sua organização. [...]

Lá é uma comunidade grande e nós não conseguimos atender todo mundo aos domingos, então temos as famílias do leite que atendemos às terças-feiras. E é bastante coisa, às vezes numa terça-feira temos formação na Vocação, ou outras atividades, e aí nós conseguimos organizar uma comissão que consegue substituir a gestora, o educador quando não estou. Eles assumem as entregas do leite, se precisamos fazer algum movimento na comunidade de assinatura, ou de encontro, eles conseguem assumir isso também. Todo mundo sabe porque a minha equipe tem quatro pessoas, nós somos uma equipe muito pequena. Então a gente precisou realmente trazer essa comunidade para o espaço. Claro que é um processo, mas é bem crescente esse movimento. A gente consegue fazer encontros sociais, eventos culturais, estamos com um pequeno teatro lá, então a gente consegue fazer saraus, trazer a família. Eles vieram para assistir apresentações de espetáculo então está bem bacana, bem crescente.



Foto: A Banca.

AS ASSESSORIAS REGIONAIS

Ao longo do Programa de Desenvolvimento de Lideranças Comunitárias, e com base nos processos de avaliação e no levantamento de expectativas dos participantes, as próprias lideranças apontaram o interesse de realizar formações em grupos regionais, a fim de se fortalecerem potencializando a proximidade entre as organizações e as características de território.

Para tanto, esse projeto conta com as Assessorias Regionais, que acontecem em espaços alternados das próprias organizações, que se revezam entre diferentes tarefas e o acolhimento do grupo. Para isso, se organizaram nos grupos:

ASSESSORIAS REGIONAIS

Grupos regionais	Temas escolhidos para assessoria
<p>AGAIAA – Rede do Grajaú</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Associação Comunitária Auri Verde 2. Grupo Unido pela Reintegração Infantil – GURI 3. Associação de Apoio à Criança, ao Adolescente e ao Jovem do Jardim Icarai – ACAJI 4. Vocação – Unidade Icarai 5. Instituto Anchieta Grajaú 6. Associação dos Moradores da Vila Arco-Íris – AMAI 	<ul style="list-style-type: none"> • Mobilização das famílias para participar na organização. • Mobilização da equipe para atuar nos aspectos da Abordagem (ACAJI). • Tomada de decisões compartilhadas com famílias. • <i>Empoderamento</i>/participação/segurança com famílias.
<p>Conectando Redes</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Movimento Renovador Paulo VI – Lar Irmã Inês 2. Movimento Comunitário de Assistência e Promoção Humana – MOCAPH 3. Instituto Fomentando Redes e Empreendedorismo Social – Inforedes 4. Comunidade Missionária de Villaregia 5. Associação de Apoio à Criança e ao Adolescente Bom Pastor 6. Movimento Comunitário São Joaquim 	<ul style="list-style-type: none"> • Reuniões produtivas com famílias. • Troca de experiências e multiplicação da abordagem na equipe. • Conexão das organizações. • Envolvimento das famílias. • Ampliação da participação das famílias.
<p>Grupo Avante Capão</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Instituto de Cidadania Padre Josimo Tavares – CCA Magdalena 2. Instituto de Cidadania Padre Josimo Tavares – CCA Rondon 3. Instituto de Cidadania Padre Josimo Tavares – CCA Dom José 4. Associação Cidadania Ativa do Macedônia – ACAM 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Empoderamento</i> da metodologia. • Fortalecimento da equipe das organizações na metodologia pela Abordagem Colaborativa. • Aprimoramento da metodologia de formação com a equipe. • Mobilização do território. • Mobilização das famílias. • Aumento do comprometimento das famílias.
<p>Ação Integração – Cidade Ademar e Pedreira</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Centro de Promoção Humana Nossa Sra Aparecida 2. Centro de Promoção Humana São Joaquim Sant’Ana – CCA JOCA 3. Centro de Promoção Humana São Joaquim Sant’Ana – CCA VILLA 4. Associação do Parque Santa Amélia 5. Centro de Formação Irmã Rita Cavenaghi 6. Frei Tito Alencar Lima – CCA Cidade Júlia 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Empoderamento</i>: nas organizações e com as famílias. • Líder conector: papel e aprofundamentos. • Reunião produtiva: avanço nas estratégias e na compreensão.

Ainda sobre a importância da formação de lideranças e das assessorias regionais, a agente de desenvolvimento da Vocação, Sherrine Mendes, descreve as suas impressões:

Eu destaco como sinal o sucesso e a aceitação dos grupos regionais. Eu percebo que as pessoas estão não só comprometidas com a formação, mas principalmente com as assessorias; nesta última rodada de assessorias, nós não tivemos falta de nenhuma organização. Isso é um sinal forte de que o aprofundamento da Abordagem está realmente surtindo algum efeito lá na ponta. Destaco também o avanço com as equipes, o próprio pedido do grupo AGAIAA – que é Auri Verde, Guri, ACAJI, Anchieta, Icarai [unidade Vocação] e AMAI – de trabalhar a mobilização da equipe.

A gestão de equipes e as ações regionais com enfoque nas redes de articulação local repercutem diretamente nas atividades das lideranças comunitárias. Além disso, como nos exemplifica o Inforedes, o fomento a ações integradas é possível em razão dos vínculos estabelecidos entre as instituições e de práticas socioculturais.

Foto: Acervo Vocação.



Oficina de identificação de capacidades. Sede da Vocação.

Foto: Acervo Vocação.



Formação ABCD com professores.
E.E. Aracati II.

COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM: O TRABALHO COM ESCOLAS

Porque a essência dos pássaros é o voo. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são os pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.

Rubem Alves (UOL Pensador)

Para discutirmos a relação entre educação formal, não-formal e informal, acreditamos que se faz necessário o esclarecimento de alguns pontos que para nós, da Vocação, são imprescindíveis – a começar por como concebemos a educação:

[como] um dos requisitos fundamentais para que os indivíduos tenham acesso ao conjunto de bens e serviços disponíveis na sociedade. Ela é um direito de todo ser humano como condição necessária para ele usufruir outros direitos constituídos numa sociedade democrática. Por isso, o direito à educação é reconhecido e consagrado na legislação de praticamente todos os países e, particularmente, pela Convenção dos Direitos da Infância das Nações Unidas ([...] artigos 28 e 29). (Gadotti, 2007, p. 1)

Dentre todos os direitos sociais previstos na Constituição de 1988, reconhecemos que o direito à educação seja, talvez, o mais extensivo, na prática, a todos os cidadãos brasileiros, apesar de todos os problemas, por nós conhecidos, que comprometem a qualidade do ensino e a permanência dos estudantes nas escolas públicas.

Reconhecer, contudo, a universalização do ensino fundamental não significa desconsiderar a urgente necessidade de investimentos de toda ordem nos modelos e conteúdos de aprendizagem, na renovação da infraestrutura das escolas públicas e, principalmente, na valorização da carreira docente. Mas valorizar, em contrapartida, as experiências

de práticas significativas no interior das escolas públicas, das quais temos conhecimento, desenvolvidas com o esforço e a determinação de professores, coordenadores e diretores – que, apesar de criticados e responsabilizados, muitas vezes, pelo cenário de violência e abandono dessas escolas nos veículos de comunicação – se desdobram para oferecer aos estudantes um ensino de qualidade.

Considerando essas iniciativas, e com a intenção de estabelecer uma relação de parceria e dialogicidade entre escola pública, comunidade e as metodologias presentes nos processos não-formais de educação, a Vocação faz um convite a esses segmentos. A ideia é dar início a uma conversa sobre a relação que eles podem estabelecer entre si – e nós com eles. Pois acreditamos que desse diálogo pode nascer uma parceria colaborativa e inspiradora entre professores, coordenadores e diretores, pautada na troca de experiências e práticas desenvolvidas em sala de aula e também em espaços educativos não-formais.

É claro que, como educadores não-formais, não temos a pretensão de “ensinar professores, coordenadores ou diretores”. Nosso desejo é trocar e somar conhecimentos e, em parceria, desenvolver uma proposta de trabalho socioeducativo de intervenção comunitária, para criar e ampliar os vínculos entre escola, organizações sociais e comunidade. Aproximar esforços e partilhar saberes: essa é a nossa proposta.

EDUCAÇÃO FORMAL, INFORMAL E NÃO-FORMAL: DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS

Muito tem se discutido a respeito da importância da educação e sobre os diferentes espaços em que ela pode se dar. Mas nem sempre é claro para todos os envolvidos nessas discussões: de quem é o papel de educar ou quem faz parte desse processo; o que é de responsabilidade de cada um dos envolvidos; que locais são propícios, ou não, para a aprendizagem e a produção de conhecimento; ou ainda, quais são os conhecimentos considerados necessários e importantes para a formação integral de um cidadão.

Tradicionalmente, aprendemos que é na escola, administrada pelas redes privada e pública (municipal ou estadual), e cujo currículo é regulamentado pelo Estado, que se dá a educação formal de crianças, adolescentes e jovens (e adultos também).

Nas últimas quatro décadas, porém, assistimos a diversas iniciativas bem-sucedidas de instituições não-escolares, que ganharam visibilidade por também desempenharem um papel importante na formação de pessoas de diferentes idades e em vários âmbitos, como na promoção de atividades complementares às que acontecem na escola (educação formal), ligadas a práticas culturais e de lazer.

Nesse ponto, acreditamos que é preciso fazer uma distinção entre educação e escolarização. A respeito desses dois termos, concordamos com a definição de **Mário Sérgio Cortella** (2014), para o qual a educação diz respeito à “formação contínua de uma pessoa” e educar “é tarefa da família” – é ela que tem o compromisso de transmitir a sua cultura, seus valores, princípios éticos e conhecimentos a crianças, adolescentes e jovens –; e a escolarização é “uma etapa do processo de educação, aquela que é tarefa dos professores e da escola”, pois é baseada nos saberes e conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade. Ainda segundo Cortella, a educação acontece justamente quando os esforços da família (educação informal) e da escola (educação formal) se unem.

Em outro momento do livro aqui referido, *Educação, escola e docência: novos tempos, novas atitudes*, Cortella defende que “nestes novos tempos” a escola deve se tornar tão interessante como é a vida que acontece fora dela. Mas, para que isso ocorra, afirma que se faz necessário que todos os envolvidos, direta ou indiretamente, nesse processo – família (educação informal), escola (formal), organizações sociais e não-governamentais ou instituições privadas (não-formal) – estabeleçam um diálogo entre si, de modo a compartilhar as responsabilidades de uma formação cidadã e de uma educação de qualidade.

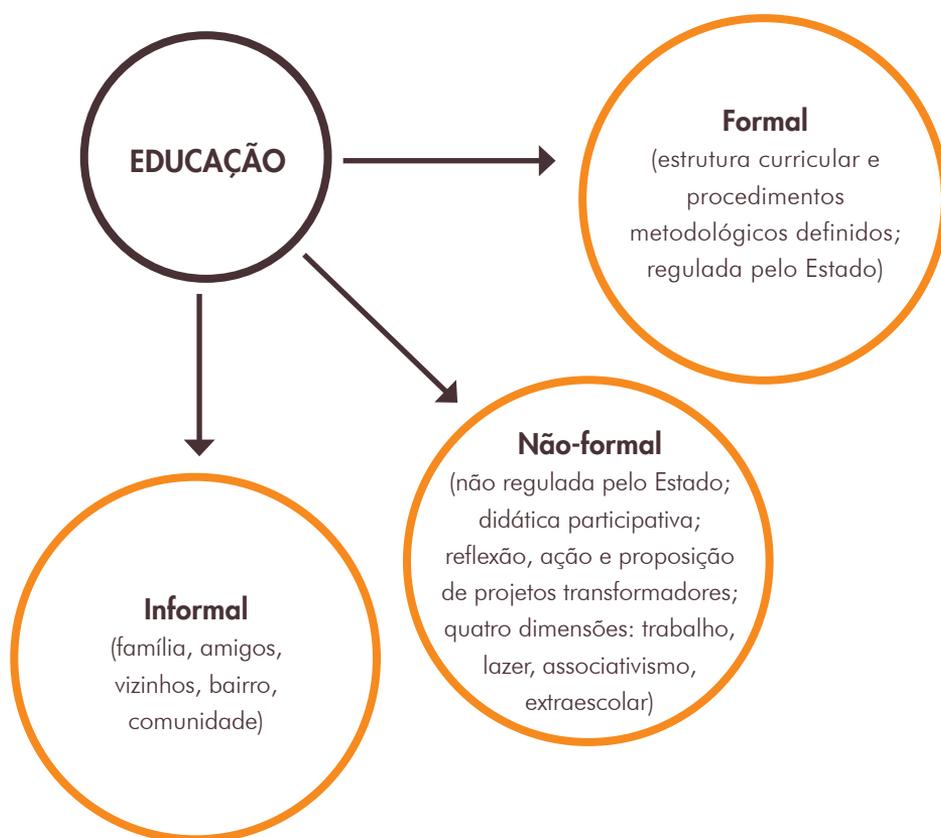
Uma vez diferenciados os termos escolarização e educação e compreendido que a educação formal é a que acontece na escola e a informal é aquela promovida no âmbito das relações familiares, fraternais (de amizade) e as que se estabelecem na vida comunitária, trataremos a seguir de algumas das características da educação não-formal.

Para nós, da Vocação, a educação não-formal é aquela que acontece fora dos limites da escola e não se orienta, portanto, por regulamentações governamentais (municipais e/ou estaduais), no que se refere aos conteúdos programáticos a serem desenvolvidos, à sistemática de avaliação a ser aplicada ou ao modelo de administração dos recursos financeiros e humanos a ser exercido.

De acordo com Maria da Glória Gohn (2011), a educação não-formal ocorre, em geral, fora do ambiente e das estruturas oficiais governamentais e é um processo que se dá em quatro campos: (1) na aprendizagem política dos direitos dos indivíduos e sua conscientização; (2) na capacitação dos indivíduos para o trabalho; (3) no

exercício de práticas de organização comunitária; (4) e na aprendizagem dos conteúdos da escolarização formal, em formas e espaços diferenciados.

Já segundo Valéria Garcia (2009, p. 21), ela “não tem, necessariamente, uma relação direta e de dependência com a educação formal”. Garcia acredita, como nós, da Vocação, que, em prol da melhoria da qualidade da educação, a educação formal e a não-formal podem e devem dialogar.



OS BASTIDORES: CONECTANDO ATORES

O Planejamento Estratégico da Vocação para o período 2013-2018 deu origem a uma proposta conjunta dos Centros de Desenvolvimento Comunitário e de Desenvolvimento Integral da organização, visando uma ação colaborativa junto às escolas públicas.

Antes de iniciá-la, foi decidido que seria importante identificar, por meio de conversas com as equipes e os gestores das organizações sociais parceiras, quais delas

já articulavam ou desenvolviam iniciativas de atuação junto às escolas. A ideia era buscar pelos ativos da própria comunidade, por meio do reconhecimento das atividades que já vinham sendo promovidas pelas organizações locais – e de todos aqueles nelas envolvidos –, justamente para valorizar e fortalecer os vínculos daqueles que lidam com crianças, adolescentes e jovens e suas respectivas famílias.

O enfoque destas oficinas seria a aproximação dos professores com as famílias de seus alunos **por meio da Abordagem Colaborativa**.

Acreditamos que, na perspectiva do trabalho socioeducativo, contribuímos para que os conteúdos apresentados nas escolas possam ser melhor assimilados pelos alunos e também conectados com a aprendizagem fundamental de cidadania, permitindo que eles se reconheçam como agentes de seu próprio desenvolvimento e possam, conseqüentemente, fazer escolhas mais conscientes, ao traçar seus projetos de vida.

Uma das principais características deste trabalho foi o respeito, desde o contato inicial para a execução do projeto “Famílias que Educam”, com o ritmo dos processos das instituições em que se dá a educação formal, como é o caso das escolas da rede pública de ensino.

Reiteramos que há entre a educação formal e a não-formal semelhanças que as unem, assim como entre os espaços em que elas ocorrem, já que ocorrem em uma mesma “comunidade de aprendizagem”. Daí a necessidade por nós percebida de se consolidar uma ação de aproximação das famílias com as escolas, antes de dar início ao trabalho. Percebemos o quão importante era que os profissionais daquelas escolas estivessem envolvidos, motivados e alinhados em prol da mesma causa: tanto para o trabalho social, como para os objetivos de sua própria missão.

Para possibilitar o avanço do trabalho nesse espaço que acolhe diferentes faixas etárias, perfis, classes sociais e condições financeiras, é preciso lembrar que, tal como em uma organização, o corpo docente é o ponto de partida.

Trabalhar com a educação formal tem seus encantos, e seus desafios também. Sabemos que ser professor não é fácil, mas que a profissão tem igualmente um lado inspirador. Aqueles que a exercem o fazem muito provavelmente porque amam ser

Mas será que por meio desta abordagem é possível tratar de qualquer demanda? De acordo com Marialice Piacentini: “a Abordagem Colaborativa é integradora, traz bem-estar e sentimento de pertencimento e possibilita avanços maiores.”.

professores – e quem não ama, acredita, tem um ideal. É certo que lidar com conteúdos constantes e diárias não é uma exclusividade da carreira docente, mas devemos lembrar que são os professores que em fases essenciais de nossas vidas nos acompanham, nos encorajam, nos impulsionam e nos apresentam ferramentas essenciais tanto para o nosso desenvolvimento pessoal quanto para o profissional. Além de professores, eles são educadores no sentido mais amplo da palavra – e a eles atribuímos o papel da escolarização, o da formação de cidadãos e o da condução de comportamentos e direcionamentos em projetos de vida de crianças, adolescentes e jovens. Mas eles não estão sozinhos nessa tarefa de educar cidadãos – que começa no seio familiar e se estende à comunidade.

Foto: Acervo Vocação.



Educação não-formal na escola. E.E. Aracati II.

Em suma, os profissionais da educação compõem um grupo que visa um mesmo objetivo e devem estar, portanto, conectados. E a proposta de conectar todos os ativos de uma comunidade (escolas, organizações sociais, postos de saúde, espaços públicos e privados, etc.) não deixa de ser uma resposta a provocações passadas sobre a importância de se compor uma rede de proteção aos nossos cidadãos. E, dessa forma, centralizar o lugar para o qual todos (aluno, educando, filho, neto, irmão, pai, mãe,

tio, avô, primo, amigo, vizinho...) voltamos ao final de nossas atividades, pois é lá que se encontra a conexão entre todas as ações – que é a família.

Por esses motivos, convidamos todos a acompanhar esse trabalho que começou com o projeto “Famílias que Educam”, mas ainda não findou. E esperamos poder compartilhar as experiências dele advindas em publicações futuras.

BANCO DE IDEIAS

- ▶ CENPEC. *Raízes e Asas*. São Paulo: 1995. Disponível em: <<http://www.cenpec.org.br/biblioteca/educacao/producoes-cenpec/raizes-e-asas-apresentando>>. Acesso: ago. 2015.
- ▶ O direito de aprender. Vídeo desenvolvido com base na publicação *Bairro-Escola passo a passo*, uma realização da Associação Cidade Escola Aprendiz, em parceria com Unicef, Ministério da Educação, Todos Pela Educação, União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação, CIPÓ – Comunicação interativa, Fundação Educar DPaschoal. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UaJ3V6sL3L0>>. Acesso em: ago. 2015.



Foto: Acervo Vocação.

Professores em formação. E.E. Aracati II.

Foto: A Banca.



Participação, equipes e famílias em evento comunitário. Instituto Anchieta Grajaú.

ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL: DO QUE FALAMOS?

Para saber o que é Animação Sociocultural, é preciso fazer e viver a animação na prática.

Victor Ventosa, pedagogo social, pesquisador e professor espanhol, presidente da Red Iberoamericana de Animación Sociocultural

É muito comum os profissionais da nossa área de atuação ouvirem frases como “Oba! Chegaram para animar!” ou “Ah, eles não trabalham, só animam”.

Vê-se, assim, que no Brasil ainda há um grande desconhecimento sobre o significado de Animação Sociocultural (ou ASC), apesar de sua reconhecida importância como atividade profissional.

Mas esse cenário está mudando. Nos últimos dez anos, aumentou significativamente o número de publicações, associações e cursos de formação técnica e superior voltados ao tema em países ibero-americanos (Espanha, Portugal e as nações latino-americanas, ex-colônias desses países).

Também foram realizadas diversas edições de **eventos científicos** com o objetivo de promover debates sobre o papel, o campo e os

Dentre os principais eventos, destacamos:
I Colóquio de ASC, Burdeos, França, 2004; I Congresso Ibero-americano de ASC, Salamanca, Espanha, 2006; III Colóquio Internacional de ASC, Lucerna, Suíça, 2008; IV Congresso Ibero-americano de Animação Cultural, Buenos Aires, Argentina, 2012; I Congresso Internacional de Animação Sociocultural: Intervenção e Educação Comunitária: Democracia, Ponte de Lima, Portugal, 2012; Encontro de Animação Sociocultural: percursos, experiências e projetos associativos, Braga, Portugal, 2013; I Congresso Internacional de Animação Sociocultural Turismo, Patrimônio, Cultura e Desenvolvimento Local, Golegã, Portugal, 2013; V Congresso Ibero-americano de Animação Sociocultural - RIA, Leiria, Portugal, 2014; I Congresso Internacional: Artes na Educação, Amarante, Portugal, 2014.

desafios da Animação Sociocultural em sua relação com o desenvolvimento social. Esses eventos reúnem cada vez mais animadores socioculturais, pedagogos, educadores sociais, profissionais do lazer, representantes de associações de classe, líderes comunitários e gestores dos setores público e privado, de diferentes partes do mundo.

Por isso, consideramos importante, nessa publicação, instigar a reflexão sobre a Animação Sociocultural, situando-a histórica e geograficamente, apresentando o que pensam as pessoas que a estudam e que trabalham com ela e, principalmente, apresentando a maneira como nós, da Vocação, a compreendemos e praticamos, uma vez que ela   base para muitas das nossas a oes.

Ajustando suas lentes •

Troque os óculos, mude as lentes! Vamos enxergar Anima o Sociocultural por outro foco?

ORIGENS E DESENVOLVIMENTO DA ANIMA O SOCIOCULTURAL

Para conhecer mais sobre a Anima o Sociocultural e, assim, entender melhor a metodologia e os princípios que orientam as a oes da Voca o, apresentamos a seguir uma breve história da ASC e quem são alguns dos profissionais que contribuem para o desenvolvimento da  rea. Também refletimos sobre alguns conhecimentos que nasceram de práticas já consolidadas e que são disseminadas por especialistas não só do Brasil, mas também de outras partes do mundo, que vão ao encontro do que acreditamos e defendemos.

A ANIMA O SOCIOCULTURAL NA EUROPA

As profundas e rápidas transforma oes ocasionadas pela Segunda Revolu o Industrial (final do século XIX) na Europa, dentre elas o desenvolvimento e o crescimento populacional dos centros urbanos e as lutas e conquistas trabalhistas que contribuíram com o gradativo aumento do tempo livre dos trabalhadores, criaram as condi oes para o surgimento de formas diferentes de interven o social, baseadas em práticas que favoreciam os encontros e as rela oes interpessoais, e estimularam

a autonomia e a participação comunitária com vistas ao desenvolvimento social. Tais práticas, ao longo do tempo, supriam novas necessidades da sociedade, como a adaptação das pessoas ao meio urbano, o acesso à educação e à cultura, e a ocupação de um novo tempo livre, tal qual conhecemos hoje, que não era dedicado nem ao trabalho, nem ao descanso.

Atividades mais diretamente relacionadas à Animação Sociocultural propriamente dita surgiram na França, no período posterior à Segunda Guerra Mundial, em uma Europa empobrecida, e consolidaram-se como técnica de intervenção comunitária capaz de promover o lazer por meio do fomento de práticas culturais já existentes e do acesso aos diferentes bens culturais em localidades distantes das áreas centrais das grandes cidades que, tradicionalmente, concentram uma maior oferta de atividades e equipamentos culturais.

A assistente social e pesquisadora portuguesa Tânia Monteiro Moreira Rodrigues, com base em estudos de Marcelino Lopes, explica que a Animação Sociocultural fundamenta-se:

[...] na tríade do social, cultural e educativo, o que implica uma intervenção que cruza as dimensões descritas e projeta um interagir permanente numa didática da participação procurando levar os cidadãos à autonomia, ao autodesenvolvimento e à autorrealização. [...] com o propósito de responder à devastação ocorrida em duas guerras mundiais e como estratégia para motivar as pessoas a erguer os países dos escombros, depressa se ramificou por toda a Europa, embora com diferentes designações, [na] Alemanha (pedagogia social), [na] Inglaterra (desenvolvimento comunitário) e em Espanha (educação social). (2011, p. 71)

Foi com base em experiências europeias no campo da promoção da cultura popular, na década de 1970, que a Unesco reconheceu a importância da Animação Sociocultural, definindo-a como:

[...] um conjunto de práticas sociais que visam estimular a iniciativa e a participação das populações no processo do seu próprio desenvolvimento, e, no processo de transformação da sociedade nos campos da economia, da política, da cultura e da educação. (Unesco, 1976)

Em Portugal e na Espanha, a Animação Sociocultural se fortaleceu tardiamente, em meados da década de 1970, logo após o fim das ditaduras políticas que limitaram a participação popular e a manifestação cultural por cerca de quatro décadas.

Entretanto, hoje em dia esses países se destacam como referências na área, pelo grande número de estudos e de espaços destinados à formação profissional no tema.

Assim como no Brasil, em Portugal e na Espanha a ASC se relaciona com o campo da educação não-formal, compreendida aqui como um campo que difere da educação formal e escolar, porque é permeado pela participação espontânea, por ações pouco formalizadas, estruturas pouco hierarquizadas, com capacidade de promover a solidariedade, o desenvolvimento individual e coletivo, favorecendo a sociabilidade e a participação social. (Cf. Afonso, 1989; Garcia, 2002; Gohn, 2009 e 2011; Palhares, 2009; Simson, Park e Fernandes, 2011; Trilla, 2008)

Com produção relevante na área, destacamos: Prof. Dr. Marcelino de Sousa Lopes, da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro; Prof. Dr. Fernando Ilídio Ferreira, da Universidade do Minho; Prof. José Dantas Lima Pereira, fundador da Associação Nacional de Animadores Socioculturais; Profa. Dra. Lucília Salgado, da Escola Superior de Educação de Coimbra; Profa. Dra. Isabel Baptista, da Universidade Católica Portuguesa; Profa. Dra. Jenny Sousa e Profa. Ms. Maria de São Pedro, do Instituto Politécnico de Leiria; Dra. Tânia Monteiro Moreira Rodrigues e Profa. Dra. Marina Maltez, do Centro de Estudos Artes & Letras de Alpiarça.

Atualmente, em Portugal, a Animação Sociocultural concentra um grande número de **profissionais e pesquisadores**, além de associações de classe e cursos de formação. Especialmente nesse país, a ASC é reconhecida por sua relevância social e é considerada como um vetor para o desenvolvimento comunitário com base na participação e para a valorização da cultura local.

Sobre as questões de definição e legitimidade da profissão e dos papéis atribuídos aos animadores, que ainda muito preocupam essa área, encontramos a importante contribuição do animador sociocultural e professor universitário Marcelino de Sousa Lopes que, desde os anos de 1970, dedica-se intensamente ao tema, à formação de animadores socioculturais, ao estímulo às organizações e entidades de classe e à produção de publicações que muito auxiliam no desenvolvimento de profissionais e comunidades.

Em seu estudo intitulado *A Animação Sociocultural: os velhos e os novos desafios*, Lopes, ao tratar das origens e da conceituação da ASC, nos oferece importantes referências:

[...] a Animação Sociocultural nasce assim com intenções pedagógicas, como muito bem enunciam as primitivas correntes como, por exemplo, as de J. Charpentreau, 1964, [segundo as quais] "A Animação Sociocultural consiste essencialmente em oferecer possibilidades de cultura no mais amplo setor

possível da vida do cidadão, fazendo-o participar e tornando-o protagonista.” Outra voz que dá sentido às orientações da Animação Sociocultural é J. P. Imhof, 1966, que refere: “A função da Animação Sociocultural define-se como uma função de adaptação às novas formas da vida social [...], com os aspectos complementares de bálsamo para as inadaptações e de elemento de desenvolvimento individual e coletivo.” Registramos ainda a concepção trazida por um grupo de trabalho formado por responsáveis de associações culturais que, a pedido do Ministério da Juventude e Desporto Francês, propõe, em 1966, o seguinte: “A Animação Sociocultural deveria converter-se em Pedagogia da compreensão e da intervenção, estabelecer relações de igualdade [...]” Esta equipe defende, ainda, que a Animação Sociocultural deve estar veiculada à autonomia, à participação, ao desenvolvimento e à diversidade. (2008, p. 147-148)

Na Espanha, outros dois professores e pesquisadores têm realizado importantes contribuições para a área: **Victor Ventosa** e **Jaume Trilla**. Eles estudam a educação não-formal e a Animação Sociocultural que, lá, vincula-se ao campo de conhecimento da educação social. Ambos são autores de relevantes publicações sobre o tema.

Jaume Trilla é docente da Faculdade de Pedagogia da Universidade de Barcelona, no curso de Educação Social.

Victor Ventosa coordena o Departamento de Juventude da Prefeitura de Salamanca, é professor do Instituto Politécnico da Guarda, em Portugal, e preside a Red Iberoamericana de Animación Sociocultural.

ORIGENS DA ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL NO BRASIL

No Brasil, desde meados do século XX, são realizadas iniciativas, em parceria com o poder público, de participação comunitária na promoção do lazer.

O Serviço de Recreação Operária, criado em 1943 pelo Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio com a finalidade de promover o lazer para os trabalhadores sindicalizados e suas famílias, é um desses exemplos. Outras iniciativas similares que se tem conhecimento foram provenientes do esforço de estudantes universitários, artistas populares e intelectuais. É o caso do Movimento de Cultura Popular de Recife, do qual fez parte o educador Paulo Freire, oriundo do Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes, sediado no Estado da Guanabara (hoje Rio de Janeiro), além de organizações do terceiro setor como a Vocação, criada em 1967 com o nome de Ação Comunitária do Brasil.

Também nessa época encontramos os primeiros indícios do que hoje conhecemos como Animação Sociocultural. Em 1960, Joffre Dumazedier, professor, pesquisador e sociólogo francês do Centre National de La Recherche Scientifique, chegou ao Brasil, a convite do Ministério do Trabalho, para realizar palestras aos técnicos do Serviço de Recreação Operária que atuavam em núcleos de recreação localizados nos bairros distantes da área central do antigo Estado da Guanabara. Esse serviço era destinado aos trabalhadores e suas famílias e tinha uma programação diversificada, baseada em atividades que valorizavam as práticas culturais existentes em cada um dos locais, por meio de apresentações musicais, de dança, de teatro, de campeonatos esportivos e gincanas.

Logo que chegou ao Brasil, Dumazedier participou de uma reunião com a equipe de técnicos e professores de educação física que trabalhavam nesses núcleos de recreação operária para compartilhar suas experiências decorrentes de pesquisas sobre lazer e cultura popular e, sobretudo, para apresentar os detalhes de uma técnica de intervenção comunitária já disseminada na França, mas desconhecida aqui, que em português teria a tradução literal de “animação sociocultural”. (Cf. Rodrigues, 2010)

Observando a história da ASC no Brasil, notamos que a iniciativa pioneira do Serviço de Recreação Operária pode ter influenciado o Serviço Social do Comércio (SESC) que, dez anos após a primeira visita de Dumazedier, o contratou para desenvolver ações no campo do lazer e da educação social por meio da oferta de atividades culturais em unidades fixas e volantes da instituição, ambos espaços não-formais de educação.

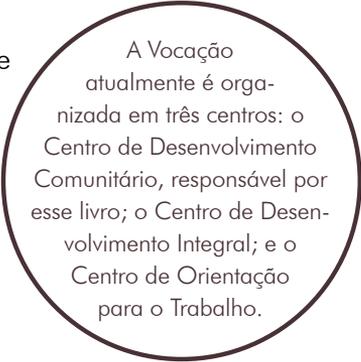
É necessário, assim, destacar o pioneirismo do Serviço de Recreação Operária e do SESC em reconhecer o lazer como meio de intervenção comunitária, bem como a Animação Sociocultural como metodologia privilegiada de ação social.

Apesar desses avanços, ainda existe no Brasil a compreensão de que o animador sociocultural é o profissional que tem a atribuição exclusiva de coordenar ou monitorar atividades práticas, de cunho recreativo, em festas, clubes, hotéis, acampamentos, parques e escolas de educação infantil. Em decorrência dessa compreensão equivocada, os termos “recreacionista”, “monitor”, “instrutor”, “gentil organizador” são erroneamente considerados sinônimos de “animador sociocultural”. Consideramos importante ressaltar o reconhecido valor dos recreacionistas e das atividades recreativas que, muitas vezes, se inserem no escopo da Animação Sociocultural, mas, em nossas propostas e ações, compreendemos o animador sociocultural como um profissional que não se limita ao desenvolvimento de tais atividades.

A ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL NA VOCAÇÃO

A perspectiva de Animação Sociocultural para a Vocação não é recente, uma vez que lazer e cultura são nossos focos há décadas. A proximidade com essa área já existe desde 1967, quando iniciamos o atendimento direto às comunidades da zona Sul de São Paulo, o que envolvia a realização de atividades lúdicas, físicas, artísticas e manuais.

A partir de 2000, a Vocação percebeu a necessidade de integrar as atividades culturais aos programas socioeducacionais desenvolvidos junto às comunidades e por meio das organizações sociais parceiras. A ideia de articular lazer e cultura foi inserida de forma transversal nos programas, caracterizando-se, na nova conjuntura da Vocação, como um eixo de grande valor para a integração entre seus **centros**.



A Vocação atualmente é organizada em três centros: o Centro de Desenvolvimento Comunitário, responsável por esse livro; o Centro de Desenvolvimento Integral; e o Centro de Orientação para o Trabalho.

Nesse percurso, é no Centro de Desenvolvimento Comunitário, responsável pelo desenvolvimento do projeto “Famílias que Educam”, que o lazer comunitário se encontra permeado por experiências e memórias, ampliando a nossa própria habilidade de promover a Animação Sociocultural.

Sempre com o olhar voltado às pessoas, tidas como protagonistas e detentoras do direito ao lazer, à cultura e à convivência familiar e comunitária, a Vocação começou a discutir o conceito e a utilizar a nomenclatura “animação sociocultural” a partir de 2002, momento em que percebeu a relevância do que era aplicado e defendido nesse campo no trabalho com a comunidade.

Para o fortalecimento das ações, a equipe técnica ampliou o contato com conteúdos teóricos por meio de leituras e discussões em grupos de estudos, contando com a participação de especialistas em lazer. Assim, aos poucos, foi refinando e solidificando a compreensão sobre a área.

Esses esforços contribuíram para que entrasse em cena, em 2012, a figura do animador sociocultural como parte da equipe, alinhando a Vocação a tendências

inovadoras e em sintonia com o que acontecia pelo mundo no campo da ação comunitária e do associativismo.

De 2012 em diante, a ASC se consolidou na Vocação. O grande número de pesquisas que realizamos na área e a sistematização de nossas experiências fez com que as nossas ações nesse campo ganhassem notoriedade internacional junto às organizações de mesmo interesse e entre pesquisadores e universidades que perceberam a nossa grande capacidade de unir teoria e prática. Com isso, a troca, a disseminação e a produção de conhecimento foi potencializada. Recentemente, inclusive, uma pesquisa da equipe foi aprovada e apresentada no Congresso Internacional Animação Sociocultural: Turismo, Patrimônio e Desenvolvimento local, em Portugal, ocasião em que relatamos as vivências e experiências da Vocação. Fomos também convidados a inaugurar o Nodo Brasil da Red Iberoamericana de Animación Sociocultural (RIA).

A metodologia usada pela Vocação, que une a ASC aos princípios da Abordagem Colaborativa, é alinhada ao que pensam os professores e pesquisadores espanhóis já mencionados Jaume Trilla e Victor Ventosa. Para o desenvolvimento e o sucesso de atividades comunitárias, os animadores devem ser profundos conhecedores de suas comunidades e de seus participantes antes de iniciar uma intervenção. Seguimos essa prática incluindo algo que os mesmos autores também recomendam, que é a realização de um detalhado mapeamento dos interesses culturais, perfil do público-alvo e de suas condições objetivas de vida, para, em seguida, realizar a intervenção nos espaços não-formais de educação tendo sempre como base as expectativas da comunidade, seja para o desenvolvimento de atividades pontuais ou de programas de longa duração.

Em razão do reconhecimento de que nosso trabalho com ASC é diferenciado, em agosto de 2014 Victor Ventosa esteve no Brasil conhecendo a Vocação e algumas comunidades atendidas, como as unidades da organização social parceira Associação Comunitária Auri Verde. Ele participou de rodas de conversa com lideranças comunitárias, dirigentes, educadores, animadores, coordenadores de projetos, nas quais abordou o papel da Animação Sociocultural e da educação não-formal para o desenvolvimento de comunidades em situação de vulnerabilidade.

Em palestra realizada na Vocação, Ventosa nos explicou que a ASC, assim como as demais ações voltadas ao lazer comunitário em tempos passados, sempre esteve separada em dois mundos diferentes: o “mundo dos teóricos”, que sabiam de seu sig-

nificado, conheciam as suas origens, mas não faziam a animação de fato; e o “mundo dos práticos”, que faziam e viviam a experiência da ASC em sua prática, porém, desconheciam as reflexões sobre o seu significado e suas origens e por isso pouco percebiam as possibilidades dela como metodologia para a intervenção social.



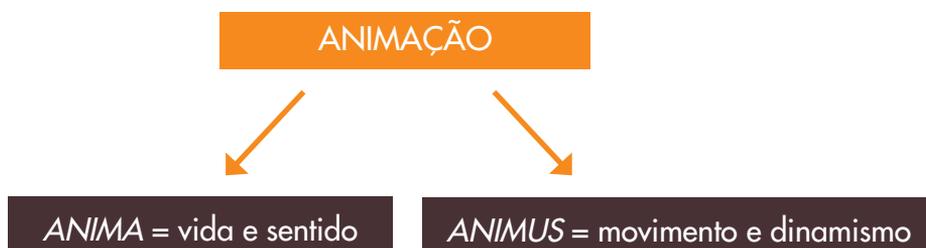
Foto: Acervo Vocação.

Vivência com Victor Ventosa (RIA) na Associação Comunitária Auri Verde – CCA Chácara Santo Antônio.

Ventosa foi enfático ao afirmar que, para entendermos de fato o que é a ASC, precisamos da *práxis*, ou seja, do saber concretizado na experiência, do conjugar teoria e prática no fazer profissional cotidiano, reiterando que as teorias – no caso, as metodologias – só fazem sentido se são verificadas, aplicadas e validadas na prática, da mesma forma que as práticas ganham mais sentido quando consideram as teorias em seu desenvolvimento.

Considerando que a proposta da Vocação é justamente fazer a conexão entre estes dois mundos, o da teoria e o da prática, foi muito interessante e proveitoso perceber que estamos alinhados com as ideias de Ventosa e com o que ele discute

em suas publicações e palestras. Compreendemos ainda que a nossa prática muito se aproxima das definições primárias da Animação Sociocultural, apresentadas por ele com base na dupla raiz latina da palavra “animação”:



Coerentemente com nosso lema, a Animação foca em colocar as pessoas em ação. Afinal, existem aprendizagens que não são possíveis sem a prática. É como Ventosa, em reunião na Vocação, exemplificou: para aprender a nadar não basta fazer um curso teórico ou assistir campeonatos de natação, é preciso, de fato, nadar, conhecer os procedimentos e, especialmente, vivê-los: ir para a água, conhecer o ambiente, sentir a água, repetir gestos e refletir posteriormente sobre cada movimento de braços, de pernas e de respiração. E o mesmo ocorre com a experiência de liderar um grupo e de trabalhar com famílias.

Foto: Acervo Vocação.



Alinhamento internacional sobre ASC com Victor Ventosa na sede da Associação Comunitária Auri Verde.

Por isso, para ele, a Animação Sociocultural envolve muito mais do que o desenvolvimento de conteúdos e práticas culturais orientadas; a sua essência está justamente no método que viabiliza a intervenção do animador, no desenvolvimento de atividades nos âmbitos culturais, sociais e educativos que culminam na participação ativa dos envolvidos e no reconhecimento e ampliação de suas potencialidades. A Animação Sociocultural, portanto, é uma “metodologia de participação”, que se consolida no campo da educação não-formal.

A Vocação, nesse mesmo sentido, aposta em uma metodologia que integra a Animação Sociocultural e a Abordagem Colaborativa para a promoção dos projetos junto às comunidades e da participação cidadã das pessoas em todas as ações. Compreendendo a Animação Sociocultural como um universo que vai além das práticas recreativas, lidamos com uma perspectiva interdisciplinar que possibilita inúmeras conexões, afinal, ela se situa entre várias áreas de conhecimento das ciências humanas, como a sociologia, a antropologia, a educação, a psicologia e a pedagogia social, e também está relacionada ao desenvolvimento de pessoas e de ambientes. É, assim, um “prato cheio” para o desenvolvimento comunitário.

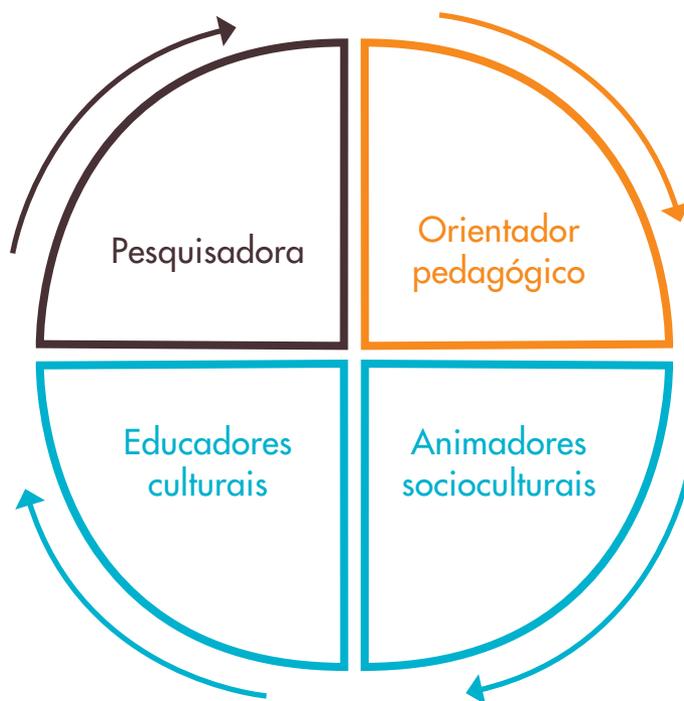
A EQUIPE DE ANIMAÇÃO DA VOCAÇÃO

Na Vocação, não é só o animador sociocultural quem tem o papel de promover os princípios e valores da ASC. No Centro de Desenvolvimento Comunitário, somos todos animadores socioculturais.

O fato é que a metodologia da Animação Sociocultural permeia, direta e indiretamente, todas as funções de atuação do Centro de Desenvolvimento Comunitário, da gerência à equipe de campo. Apesar de terem papéis diferenciados e complementares, todos os nossos profissionais se pautam nos mesmos princípios e metodologias para orientar os esforços na busca do incentivo permanente à participação comunitária.

A equipe Lazer Comunitário é a responsável direta pelas atividades com famílias e pela aplicação da Animação Sociocultural por meio das vivências de lazer. Atualmente, ela é composta por um orientador pedagógico, que gerencia as atividades desde os processos internos até a organização estrutural das ações; uma pesquisadora, que assegura, compartilha e atualiza a metodologia aplicada na produção de conheci-

mento e sistematização das experiências; quatro animadores socioculturais, que se relacionam com atores sociais diversos, recursos e espaços envolvidos nas atividades e que acompanham diretamente a ação de sete educadores culturais, responsáveis pela aplicação das vivências de lazer conforme a linguagem escolhida pelas famílias, como dança e teatro. O esquema a seguir representa a estrutura da equipe:

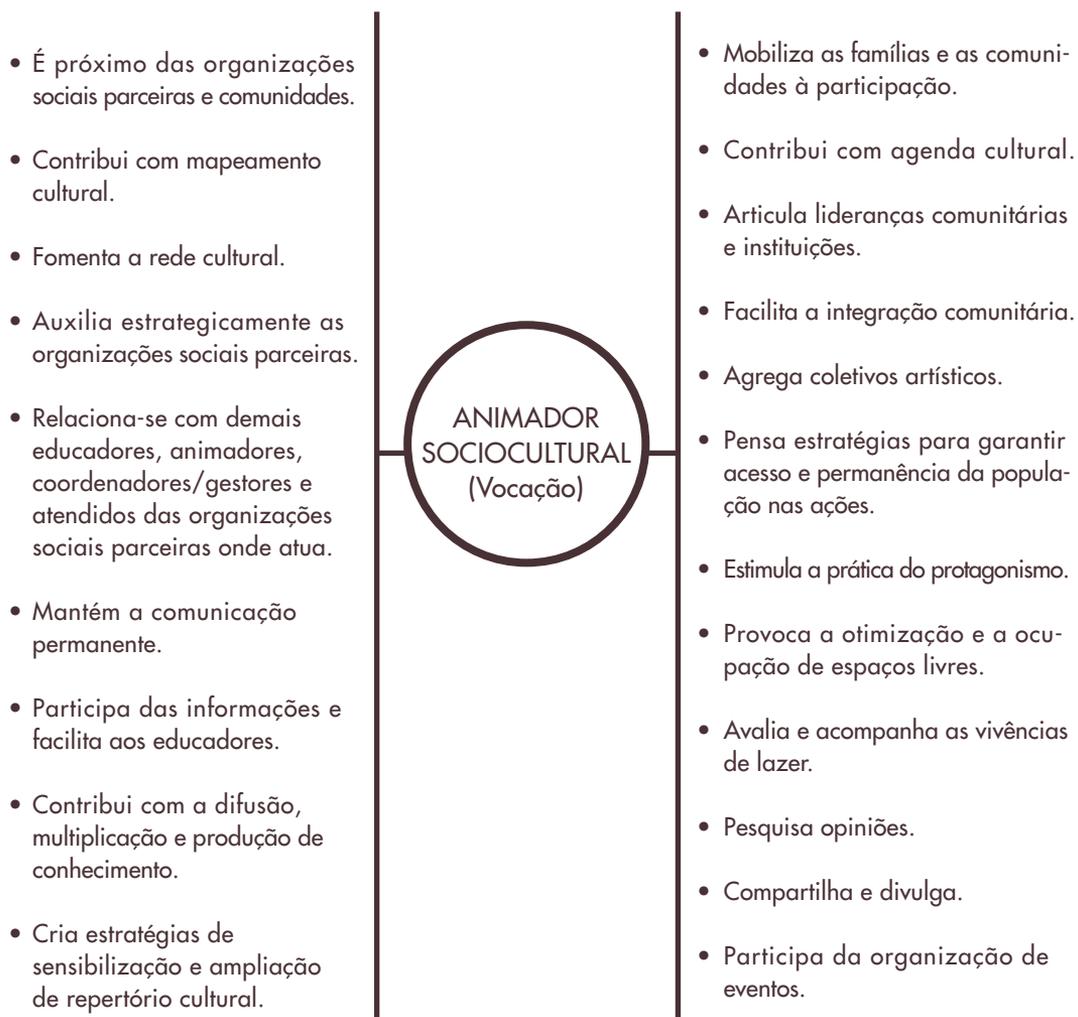


O processo seletivo para o papel de animador sociocultural na Vocação começou já nas “conexões de talentos”. Com olhar atento e escuta ativa ao longo das formações do Nodo RIA Brasil, em que a Vocação está inserida, talentos foram mapeados e potenciais profissionais foram selecionados. Além disso, consideramos contatos por inscrição, apresentação de currículos, cadastros por *e-mail*, dentre outros. A equipe foi cuidadosamente construída tendo em vista o intercâmbio de capacidades e de áreas de atuação – a união entre psicologia, sociologia, educação social, lazer, turismo, empreendedorismo, gestão cultural, recreação, direito, jornalismo, educomunicação e arte, dentre outras áreas presentes nas experiências dos contratados, criou uma equipe multidisciplinar e conectou diferentes capacidades, desde o princípio.

MAS, AFINAL, O QUE É ESSE TAL DE ANIMADOR?

Depois de toda essa contextualização, vamos finalmente apresentar o papel e os desafios da figura cuja função carrega o título desta perspectiva: o animador sociocultural.

Para a Vocação, o animador é aquele que viabiliza a prática da teoria que embasa a ASC e, com toda a equipe, fomenta a participação e a autonomia das comunidades em que está inserido. É ele que anima, motiva, dá vida, provoca movimento, ajuda a dar sentido e que sensibiliza, entre outras atividades, conforme o esquema a seguir.



Pelo enfoque do Centro de Desenvolvimento Comunitário, o perfil do animador sociocultural para atuação no projeto da Vocação é de um profissional que “crê na transformação social pelo desenvolvimento de consciência e responsabilidade, que são simultaneamente individuais e coletivas” (Melo; Alves Jr., 2012, p. 62). Nessa perspectiva, a família é entendida como centro dessa transformação. Os animadores, assim, estimulam-na a ser não apenas receptora, mas uma parceira atuante no processo de desenvolvimento dos programas. E sobre o papel da intervenção comunitária, um de nossos animadores, Jean Mello, nos esclarece que:

Como animadores, somos facilitadores. Dá para identificar pontos bons quando vemos todo mundo dialogando. Nas organizações que acompanhamos, podemos ver isso sem nenhuma dificuldade.

Foto: Acervo Vocação.



Jean Mello (no centro), no Encontro de Formação em Animação Sociocultural - Nodo RIA Brasil, na Universidade de São Paulo.

Em geral, os animadores se movimentam e lidam com experiências de um “projeto vivo”, por isso, seus repertórios pessoais e a troca de saberes são de suma importância para trabalharem com os desafios e as realidades junto às famílias. É no Lazer Comunitário, focados na experiência do projeto “Famílias que Educam”, que suas ações se concretizam em práticas.

Foto: Acervo Vocação.



Encontro de Formação em Animação Sociocultural.

Foto: A Banca.



Vivência de lazer. Associação Cidadania
Ativa do Macedônia – ACAM.

LAZER COMUNITÁRIO: ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL E MOBILIZAÇÃO DE FAMÍLIAS

A Animação Sociocultural do presente e do futuro exige uma intervenção com dimensão ética, que passa pela compreensão de que a felicidade dos outros é também a nossa.

Marcelino de Sousa Lopes

MUDANDO O OLHAR SOBRE O LAZER

Ajustando suas lentes •

Vocês já devem ter se acostumado ao nosso convite para ajustar as lentes e olhar com um novo foco para os temas abordados neste livro. Preparem-se para ampliar suas lentes ainda mais, ao tratarmos de Lazer Comunitário!

“Lazer” e “animação” são palavras que estão em grande desvantagem quando falamos em intervenções. Isso porque, ao contrário de outros temas como educação, saúde, meio ambiente, sustentabilidade, trabalho, geração de renda, em geral não temos a compreensão do devido significado dessas palavras.

Afinal, lazer não é um conteúdo que se estuda na escola, não está entre as prioridades de trabalho, nem mesmo é tema comum de se ouvir em universidades. (Imagine para quem se graduou nessa área como é explicar para família, amigos ou mesmo no mercado de trabalho: “eu fiz quatro anos de Lazer!”). Entretanto, mesmo parecendo uma área moderninha, com gente “descolada” e “divertida” para executá-la, ela já está claramente presente em um dos documentos mais importantes para a nossa cidadania: a Constituição Federal do Brasil.

Nós, da Vocação, passamos a um novo estágio e estabelecemos significativas mudanças de paradigmas ao optar por basear nosso trabalho em Lazer Comunitário nas premissas da Abordagem Colaborativa (ABCD), aliadas às da Animação Sociocultural.

Mestre e doutor em educação, Reinaldo Pacheco é professor da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo e participou do Seminário Família e Participação Cidadã realizado na Vocação em 31 de julho em 2014.

O professor universitário **Reinaldo Pacheco**, ao falar sobre as práticas realizadas pela Vocação com as comunidades, reforça a ideia do lazer como um direito:

Eu fico muito feliz em ver o quanto de ações concretas estão sendo realizadas [...]. Quando a gente pensa cultura e lazer dentro desse processo, [...] [associa a] algo utilitário, instrumental, então fica parecendo, às vezes, que cultura e lazer [...] [servem], simplesmente, [para] aproximar as pessoas e trazê-las para a organização.

Elas estão a serviço também disso, mas não só isso. Não é um utilitarismo, pelo contrário, é um reconhecimento de um direito. De que as pessoas têm o direito a ter acesso aos espaços públicos, têm direito à cultura, têm direito ao lazer, têm direito a atividades esportivas, têm direito a ter um parque público próximo à casa delas para fazer uma caminhada, para levar os filhos no final de semana. São direitos.

O QUE É LAZER PARA VOCÊS?

Ajustando suas lentes •

E para vocês, o que é lazer? Como exercício de reflexão, tentem descrevê-lo com base no que vocês conhecem, do que vivenciam. Para se inspirarem, deem uma olhada no “Roteiro de encontro com famílias”, disponibilizado na seção “Anexos”.

Quando perguntamos o que é lazer para as famílias ou lideranças atendidas pela Vocação, é comum ouvirmos: é ir ao teatro, assistir a jogos de futebol, viajar, sair da rotina, fazer algo que dê prazer, ter dinheiro para sair, ir ao cinema, ir ao parque, assistir à novela, desenhar, brincar, estar com os netos, ler um livro, dançar, correr, curtir o churrasquinho de domingo, ter qualidade de vida, “é quando eu estou longe do meu chefe!”, “é quando eu faço o que eu quero e pronto”.

Portanto, quando se pensa numa ação coletiva, é comum surgirem sugestões como festas, almoços ou noites com comidas típicas do local, encontros para atividades físicas,

saraus, apresentações musicais, jogos, oficinas de grafite, de artesanato, teatro, danças, brincadeiras, dentre várias outras vivências que integram o lazer.

Assim, na perspectiva da mobilização de famílias, surgiu a necessidade de ampliação dos espaços de convivência, da garantia de mais direitos e, também, de maior foco na participação. As organizações sociais parceiras que desenvolvem os programas socioeducativos e cujos líderes já participam do Programa de Desenvolvimento de Lideranças Comunitárias demonstraram que, de maneira espontânea, há interesse por ações voltadas ao lazer entre as famílias e na comunidade como um todo. É importante ressaltar que esse interesse é reforçado porque essas ações não são impostas – elas se manifestam de forma natural e de acordo com a vontade das pessoas.



Foto: Acervo Vocação.

Encontro com famílias, conectando pessoas. Associação dos Moradores da Vila Arco-Íris – AMAI.

Rassani Nogueira, animador sociocultural da Vocação, que possui vasta experiência em mobilização social e garantia de direitos, nos conta sobre sua aproximação com o Lazer Comunitário ao dizer que:

*Dentre diversas experiências vividas nesse pouco tempo de trabalho na Vocação, tem uma que eu levo para a vida: é a história da mobilização **pelo** lazer, **para** o lazer e pela cultura. Geralmente a mobilização vem pela política, pela formação, uma coisa, assim, não mais ou menos séria, mas que parece mais densa. Pensar o lazer como mobilização é algo que eu ainda não tinha visto, mas que para mim é marcante, principalmente nas ações que eu faço*

nas comunidades. Nas articulações do quilombo e na comunidade caiçara, o lazer está muito inserido por conta do turismo. E aí eu acho que pensar a mobilização, a articulação com uma comunidade via lazer, via cultura, é uma experiência, sem dúvida, além de inovadora, gratificante, porque a retribuição é muito rápida e muito verdadeira.

A EQUIPE DE LAZER COMUNITÁRIO E O PLANEJAMENTO DAS AÇÕES

FORMAÇÃO E VIVÊNCIA DOS ANIMADORES SOCIOCULTURAIS DA VOCAÇÃO

O processo de formação de animadores socioculturais na Vocação é contínuo ao longo do projeto. Para que a interação entre comunidade e animador ocorra, eles participam de formações periódicas, além de vivenciarem a teoria na prática, o que permite um aprendizado constante e a troca de saberes entre os membros da equipe. Ao aplicarem a metodologia em suas intervenções, de acordo com as necessidades de cada uma das comunidades, novos conhecimentos são gerados e oxigenam as estratégias de ação no trabalho.

Jean Mello e Julio Ramos são animadores socioculturais da Vocação desde dezembro de 2014. Suas ações são estratégicas no desenvolvimento do lazer em comunidades localizadas nos subdistritos de M'Boi Mirim, Capela do Socorro, Cidade Ademar e Campo Limpo. Completam a equipe a animadora sociocultural Anabela Gonçalves, que está conosco desde 2012, e a Geraldine Quaglia, que acabou de ingressar. Rassani Nogueira, Ismael Lobo e Gustavo Cerqueira também já fizeram parte do grupo.

Em uma das reuniões formativas, que acontecem mensalmente, os animadores socioculturais relataram que, assim que chegaram à Vocação, logo se identificaram com o projeto, por partilharem da mesma compreensão de lazer, cultura e Animação Sociocultural e, principalmente, se entusiasmaram com a oportunidade de contribuir com o desenvolvimento das pessoas das comunidades nas quais trabalhariam. Por isso, nada mais justo do que convidá-los a participar desta publicação.

Sobre as ações de formação, Julio Ramos pontua:

Uma etapa que eu gostaria de ressaltar, que muitas vezes não é valorizada em instituições e projetos, foi o treinamento inicial. Entendo que, desde o processo de seleção, a indicação para a leitura das publicações passadas da instituição colaboraram para o entendimento de como a instituição se posicionava frente aos projetos, às famílias, ao lazer, [à] cultura e às organizações sociais parceiras, me dando os primeiros indícios de como seria a minha futura atuação no projeto. [...] também foram muito produtivas as reuniões para alinhamento dos termos, conceitos, estratégias e para estudo prévio da realidade onde iríamos atuar.

[...] o treinamento não se limitou ao primeiro mês de minha atuação. Ele foi constante e permanece até o momento. São encontros de formação para metodologia ABCD, para a formação de gestores, de educadores, os encontros com a Red Iberoamericana de Animación Sociocultural, convite para eventos externos, dentre outras formas de formação continuada.

[...] sobre a perspectiva ABCD, que conheci no projeto, acredito que ela consiga abranger todas as etapas de nossas ações. Características como a busca de potencialidades, a pessoa como centro da ação, o desenvolvimento comunitário, a visão otimista do “copo meio cheio” são compatíveis com valores da Animação Sociocultural e com o papel do animador sociocultural.



Foto: A Banca.

Vale recordar que o trabalho com a comunidade parte da perspectiva da Abordagem Colaborativa (ABCD) e da utilização da Animação Sociocultural, de modo a estimular a participação e a autonomia dos sujeitos das diferentes atividades promovidas. Assim, para que a equipe fique “afinada”, os animadores socioculturais também recebem a formação de alinhamento realizada com as lideranças comunitárias.

Outro animador sociocultural, Jean Mello, reflete sobre sua experiência de formação na Vocação:

Em que lugar, hoje em dia, somos indagados sobre os nossos sentimentos? Que afirma que a escuta é tão importante quanto a fala e outros recursos humanos? Que podemos promover [a] autonomia e o protagonismo, ou mesmo a participação de pessoas, de modo qualificado, para o tão sonhado desenvolvimento comunitário? Isso mesmo em meio às organizações sociais é raro. [...] minha esperança ainda viva está. Participo de um projeto que trata de tudo isso. De quebra, estou compondo alguns pedaços de um livro, não apenas escrito, mas vivido. Sabendo que o mestre Paulo Freire nos ensinou, na Pedagogia do oprimido, que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

FORMAÇÃO E VIVÊNCIA DOS ANIMADORES SOCIOCULTURAIS DA VOCAÇÃO

O processo formativo e as ações que aconteceram ao longo do ano se pautaram em **como** validar a metodologia que aplicamos junto às organizações sociais parceiras que atuam diretamente nas comunidades da região Sul de São Paulo.

O planejamento, como não poderia deixar de ser, foi norteado pelo que nos move: intervenção, participação, desenvolvimento comunitário, *empoderamento*, ação.

A gestão compartilhada de formações, encontros e reuniões produtivas permitiu a inclusão do repertório pessoal e das capacidades do grupo em cada atividade e foi bastante prazerosa. Alinhamento, entrosamento e motivação foram essenciais para o desenvolvimento do trabalho.

As premissas do projeto “Famílias que Educam”, no que diz respeito ao Lazer Comunitário, refletem valores essenciais a serem defendidos pela nossa equipe e definiram a base do nosso planejamento:

- o exercício da cidadania praticado por aquele que usufrui de seu direito e se permite estabelecer como prioridade o tempo para desfrutar do lazer, por meio da livre escolha das atividades;
- a promoção da educação cidadã em vivências familiares e comunitárias;
- a instituição do processo decisório compartilhado, por meio da possibilidade de escolha de atividades;

- a autonomia em participar de forma espontânea e livre das vivências;
- a experiência de atividades que sejam prazerosas pela troca e pelo convívio com aqueles que compõem o centro de memórias afetivas, emocionais e significados: a família.

Além disso, alguns dos instrumentos que utilizamos no Centro de Desenvolvimento Comunitário foram adaptados à perspectiva do Lazer Comunitário.

Agenda do dia

Apresentamos as principais etapas de intervenção por meio do Lazer Comunitário, com exemplo de atividades e dialogando com as pessoas que vivenciaram esse processo diretamente.

Objetivo do dia

Sensibilizamos os participantes quanto à importância de garantirem o direito ao lazer, à cultura e à convivência comunitária, por meio de vivências, especialmente em família. Além disso, fortalecemos a ideia de que o lazer educa, de que é nossa meta educar as pessoas para vivenciarem o lazer, e de que elas devem ser protagonistas de sua própria história.

É hora de ir a campo e agir com lideranças, equipes, crianças, jovens, adultos, famílias, comunidade. Que tal acompanhar conosco um pouquinho dessas ações?

ENCONTRO DE SENSIBILIZAÇÃO DO LAZER COMUNITÁRIO

O encontro com os líderes e gestores das organizações sociais parceiras foi realizado conforme os princípios apontados no capítulo “O Programa de Desenvolvimento de Lideranças Comunitárias” deste livro, mas os facilitadores, nesse caso, foram os membros da equipe de Lazer Comunitário.

Toda a equipe do Centro de Desenvolvimento Comunitário esteve presente no evento para garantir a integração das ações.

Um dos maiores desafios desse encontro seria apresentar ao público o Lazer Comunitário como mais uma das vertentes de ação que estaria presente na organização em que atuam – e que deveria, principalmente, estar em sintonia com seus Planos de Mobilização de Famílias. Afinal – claro – esperávamos que houvesse grande adesão ao projeto.

Como disse o animador sociocultural Jean Mello, refletindo a preocupação da equipe:

O maior desafio é evitar que o Lazer Comunitário seja uma prática isolada dentro das organizações, quando comparadas com outros projetos ou programas socioeducativos. Desafio é demonstrar para os gestores a importância de nossas práticas, fazer com que também seja prioridade em suas devidas agendas.

O momento inicial de sensibilização, assim como todo o trabalho no encontro, foi norteador pela questão: por que trabalhar com Lazer Comunitário na sua organização?

BOAS-VINDAS

Ao planejar o processo de sensibilização que se esperava promover nesse encontro, nossa equipe uniu suas capacidades e seus repertórios pessoais e visitou as memórias, o imaginário, para entender o que era fundamental “tocar” nos participantes. Começamos olhando para nós mesmos: o que nos sensibiliza?

Decidimos, então, utilizar elementos que aguçassem os sentidos: a visão, por meio de vídeos que proporcionam boas notícias, incentivos, bons exemplos; a audição, por meio de músicas, áudios, depoimentos; o tato, por meio de dinâmicas de aquecimento, atividades de integração envolvendo o corpo, colocando-os em ação; e o olfato e o paladar, por meio de um café de boas-vindas, para dar mais sabor ao dia.

Para estimular o envolvimento de todos, foi criado um ambiente aconchegante, num espaço limpo e organizado. O clima de cooperação foi incentivado pela disposição das cadeiras em roda e pela disponibilização de materiais preparados especialmente para o encontro. Esses detalhes, cuidadosamente pensados e executados, são fundamentais em nossa metodologia.

Não podemos esquecer que o momento de chegada e acolhida dos participantes marca a apresentação inicial e a integração do grupo. Foi o primeiro contato nosso com os responsáveis pelas organizações parceiras nesse projeto. Para coroar esse ato de hospitalidade, os animadores socioculturais escolheram trabalhar no universo simbólico do “belo”.

E lá estava ela. Uma bela e singela flor. No chão, no centro da sala.

A SENSIBILIZAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES SOCIAIS PARCEIRAS PARA ADESÃO AO PROJETO

ATIVIDADE: “A TEIA”

O tom do dia

Por que propor uma apresentação formal, se podemos propiciar momentos mais agradáveis? Partindo dessa premissa, a apresentação dos participantes do encontro e também da equipe foi feita por meio da dinâmica “a teia”.

Intencionalidade

Apresentar e integrar lideranças e equipe, além de levantar as expectativas dos envolvidos em relação ao projeto.

Desenvolvimento

Convidamos o grupo todo a se levantar e formar uma roda. O facilitador, então, deu início à dinâmica, para demonstração. Com um rolo grande de barbante em mãos, ele se apresentou, dizendo o nome, a organização, a localidade e, ainda, em uma palavra, o que considera essencial para o lazer em família. Segurando a ponta do barbante, após falar, escolheu um outro participante qualquer e jogou o rolo para ele. Cada vez que um se apresentava, segurava o barbante e passava o rolo para outro, formando assim uma **teia**.

A teia representa muitos elementos. Além de ser algo resistente (o fio de uma teia de aranha tem resistência surpreendente), depende de todos para se manter conectada e firme.

Por meio dessa dinâmica de apresentação, foi possível perceber o que cada um acredita ser a identidade de ação para este projeto. As palavras proferidas pelos participantes foram: *trabalho, integração, participação, esperança, diversão, cooperação, comprometimento, sonhos, envolvimento, partilha, conexão, solidariedade.*

Escuta ativa é um termo usado na perspectiva ABCD. Significa uma escuta atenciosa, dedicada, que ouve para além do que é dito.

Após a formação da teia, cada participante foi convidado a devolver o barbante para quem entregou o rolo a ele, lembrando a palavra que a pessoa havia dito. Muitos disseram: “Ah! Eu não sabia que tinha que lembrar!”. E esse foi o nosso “gancho” para trabalhar com eles a ideia da **escuta ativa** – para alcançar um objetivo comum, precisamos saber escutar o que é importante também aos que estão conosco. Isso, para a Vocação, é um dos preceitos para avançar em qualquer ação coletiva e, especialmente, na organização comunitária.

Partimos, assim, do pressuposto de que os participantes sempre têm algo a contribuir. As atividades propostas devem ser **conectoras** entre si pela **intencionalidade** do encontro. Isso não precisa ser dito, mas sentido pelo grupo em sintonia com a equipe. Afinal, são todos esses elementos conectados por meio de cada integrante que sustentarão a construção de uma verdadeira teia, cuja característica principal é a força.

Juntos, somos mais fortes e podemos garantir, com muito trabalho e comprometimento, o sentimento de partilha e de esperança e, com muita cooperação e envolvimento, podemos contar com a participação e conexão de todos para que, nos divertindo, possamos alcançar o nosso sonho.

Compartilhamos a ideia de que é possível adaptar uma atividade recreativa inúmeras vezes, quando se une a ela novas temáticas com significados ainda mais profundos aos participantes. Tudo isso depende do olhar atento e da intencionalidade proposta pelo profissional que a aplica.

Assim, após a apresentação e a integração de equipe e líderes comunitários, demos prosseguimento às ações.

Luz apagada e play.

ATIVIDADE: LAZER E MOBILIZAÇÃO, QUAIS SÃO AS RELAÇÕES ENTRE ELES?

Intencionalidade

Provocar a mobilização para ações práticas na comunidade.

Desenvolvimento

Utilizamos um trecho do vídeo “Guerreiros sem Armas”, do Instituto Elos, no qual identificamos semelhanças com nossa perspectiva de trabalho, no que diz respeito aos meios e ao objetivo do projeto.

Processamento

O que sentiram ao assistirem ao vídeo?

Generalização

Após a apresentação do vídeo, discutiu-se, em roda de conversa, se havia ou não conexão entre as palavras citadas na apresentação inicial do grupo (atividade “a teia”) e as ações mostradas no vídeo. Algumas relações foram percebidas, como *boa vontade, ideias integradas, ações concretas, respeitar “raízes” e histórias* e frases como “*não adianta só falar*”. Além disso, os participantes conectaram a ideia da teia à necessidade de construção de uma rede para dialogar sobre os projetos.

As respostas foram: *esperança, motivação, curiosidade, vontade de agir e satisfação.*

Os líderes levantaram ainda, com base no vídeo, desafios, oportunidades e pontos de semelhança com os métodos que utilizam nas ações junto às comunidades. Além disso, concluíram que não é interessante levar soluções prontas à comunidade, e que cada pessoa é capaz de transformar o ambiente em que vive.

O ato de ver e a sensação de movimento promovidos nessa atividade com o vídeo aguçaram a criatividade e a esperança dos participantes em relação ao trabalho. Comparar, analisar semelhanças, criticar, discutir, enfim, refletir sobre as ações enquanto se age é um exercício que relaciona prática e teoria e permite que novas ideias surjam, além de propiciar que conteúdos de aprendizagem possam ser incorporados.

Estavam assim postos e vivos alguns importantes princípios da Animação Sociocultural.

APRESENTAÇÃO DO PROJETO E ADESÃO

Para que os participantes pudessem decidir com mais clareza se iriam aderir ou não ao projeto Lazer Comunitário, apresentamos suas diretrizes novamente e detalhamos as atividades específicas das ações socioculturais, os cronogramas, os planos de ação previstos e a sua relação com o Programa de Desenvolvimento de Lideranças Comunitárias, destacando o Plano de Mobilização de Famílias. Propusemos as seguintes reflexões: o projeto se relaciona com o que já é desenvolvido com as famílias nas comunidades? Ele amplia as possibilidades de trabalho?

Como resultado, os líderes e gestores das organizações ACAM, Auri Verde, São Joaquim, Instituto Anchieta Grajaú, AMAI, Frei Tito – Cidade Júlia e da Vocação – Unidade Icarai aderiram ao Lazer Comunitário com o compromisso de serem corresponsáveis pelas ações nas comunidades que atendem e de integrarem o Lazer Comunitário aos seus Planos de Mobilização de Famílias.

Como os representantes do Frei Tito – Cidade Júlia e da AMAI não puderam comparecer ao encontro, eles participaram das atividades dessa etapa e do alinhamento sobre o projeto posteriormente, durante as visitas que a equipe da Vocação realiza nas organizações parceiras.

RECONHECIMENTO DE TERRITÓRIO – O QUE TEMOS E O QUE QUEREMOS

Quando se atua na perspectiva de um trabalho integrado, é essencial considerar todas as ações previstas pela organização social, não só os programas socioeducativos, mas também as responsabilidades que ela assume no dia a dia e que impactam ou norteiam as ações futuras. No caso do Lazer Comunitário, que tem relação direta com as famílias que são mobilizadas a se aproximar das organizações em prol de uma rede de proteção e fortalecimento de vínculos, o alinhamento com o Programa de Desenvolvimento de Lideranças Comunitárias é fundamental para o sucesso do projeto.

ATIVIDADE: PAINEL “O QUE TEMOS E O QUE QUEREMOS”

Tendo isso em vista, provocamos nos participantes do encontro a seguinte reflexão: qual é a relação das ações do projeto Lazer Comunitário com o Plano de Mobilização de Famílias?

Em seguida, foi criado um painel com o seguinte conteúdo:

O que temos?

Cada organização apresentou em filipetas quais foram os principais ganhos e conquistas que já observam trabalhando com lazer.

O que queremos?

As organizações apresentaram suas expectativas e o que almejavam alcançar junto às famílias por meio da adesão a essa nova fase do projeto “Famílias que Educam”, que é o trabalho de Lazer Comunitário com a Vocação.

Veja, na tabela a seguir, o que foi construído na troca de experiências entre os líderes e gestores:

Organização	O que temos? Ganhos e conquistas	Desafios apontados	O que queremos? Expectativas e compromissos
Movimento Comunitário do Jardim São Joaquim	<p>Bom espaço para atividades – equipe comprometida com a gestão do espaço.</p> <p>Atratividade para casais, diferentes gêneros e idades.</p> <p>Criação de Comissão de Famílias – com interesse de continuidade.</p> <p>Atividades paralelas em horários diferenciados com boa adesão.</p>	<p>Diminuição da demanda para atividades.</p> <p>Falta de diagnóstico da diminuição de participantes nas oficinas.</p>	<p>Apropriação da organização pelos participantes.</p> <p>Maior envolvimento das famílias.</p> <p>Acompanhar diagnóstico – saber “o que realmente o público quer”.</p>
Associação Comunitária Auri Verde	<p>Apropriação continuada do espaço pelos jovens “se mantém viva”.</p> <p>Comprometimento dos jovens com o espaço.</p> <p>Interesse em continuidade.</p> <p>Eventos com participação da comunidade do entorno da organização.</p> <p>Participação de grupos de outras regiões em eventos – troca entre territórios.</p> <p>Escuta ativa nos processos.</p> <p>Vínculos e outras experiências culturais.</p>	<p>Diminuição de participantes em oficinas, assim como em outras ações do CCA.</p> <p>Maior frequência de jovens, mas pouca adesão de famílias.</p> <p>Perfil de educadores determinando o vínculo com cada grupo.</p>	<p>Atividades intergeracionais.</p> <p>Aumento do nível de envolvimento da comunidade (com ações em geral).</p> <p>Fomento a maior mobilização de famílias e comunidade por meio do lazer.</p> <p>Maior apropriação da organização pela comunidade.</p>

Organização	O que temos? Ganhos e conquistas	Desafios apontados	O que queremos? Expectativas e compromissos
Vocação – Unidade Icaraí	<p>Unidade em adaptação – nova em atendimento com participação das famílias.</p> <p>Participantes assíduos.</p> <p>Ação intergeracional.</p> <p>Início de articulação dos participantes para atividades externas em grupo.</p>	<p>Impossibilidade de readequação de horário escolhido pelas famílias por baixa adesão na prática.</p>	<p>Consolidação da organização quanto à aproximação com as famílias.</p> <p>Maior flexibilidade para adequação de horários entre público e gestão.</p> <p>Melhor integração entre os centros e seus programas na unidade.</p>
Associação Cidadania Ativa do Macedônia – ACAM	<p>Ação intergeracional.</p> <p>Presença de casais.</p> <p>Integração com jovens do programa PPT (Preparação para o Trabalho).</p> <p>Adesão de quadra mais próxima como possibilidade para atividades.</p> <p>Quebra de barreiras nas relações com famílias.</p>	<p>Espaço limitado.</p> <p>Adesão ainda tímida do grupo.</p>	<p>Maior envolvimento das famílias.</p> <p>Reconhecimento da organização pela comunidade.</p> <p>Atividades de lazer como estratégia para comprometimento e colaboração.</p> <p>Maior autonomia das famílias na organização, estando à vontade para opinar (ainda não opinam sobre o que realmente querem).</p>
Instituto Anchieta Grajaú	<p>Participação da equipe da organização nas atividades.</p> <p>Participação intergeracional.</p> <p>Aproximação das famílias por meio do lazer.</p> <p>Quebra de estereótipos em relação às linguagens culturais e aos conteúdos (como a capoeira).</p> <p>Quebra de preconceitos com participantes – identidade e história em visita ao Museu Afro Brasil.</p> <p>Criação de vínculos entre educador e famílias.</p> <p>Interesse e expectativa das famílias na continuidade de ações socio-culturais.</p>	<p>Ausência do educador antes do término do projeto (famílias sentiram falta).</p> <p>Expectativa das famílias em relação à continuidade de atividades socio-culturais após o término do projeto.</p>	<p>Maior envolvimento das famílias e da equipe nas ações socio-culturais como um todo.</p> <p>Apropriação da instituição pelas famílias do entorno.</p> <p>Maior participação de faixas etárias diferentes.</p> <p>Garantia do Lazer Comunitário como essência do trabalho com famílias.</p>

Por meio da sensibilização e do envolvimento dos participantes com a equipe e com o tema, foi possível entender melhor o cenário de cada organização, as características de cada comunidade e as expectativas das lideranças.

A equipe da Vocação e os participantes passaram então a traçar suas estratégias e firmaram o propósito de trabalharem juntos pela e com a comunidade.

As dúvidas foram levantadas e sanadas e, em conjunto, foram traçadas as próximas fases do projeto, como as datas em que aconteceria o reconhecimento de território pela equipe de Lazer Comunitário.

FECHAMENTO DO ENCONTRO

Calendário colaborativo

Detalhes fazem muita diferença. Em situações em que há vários envolvidos numa ação coletiva, fechar agendas com antecedência junto ao grupo otimiza o trabalho e facilita a corresponsabilidade dos envolvidos.

Avaliação do encontro

Nos encontros de formação ou de sensibilização, sempre garantimos o levantamento de alguns elementos que nos permitam diagnosticar com o público trabalhado como foi o processo de trabalho no evento, para que possamos traçar novas estratégias conforme as expectativas ou o cenário compartilhado de suas realidades.

Afinal, não se avança sem saber o que as pessoas pensam e esperam das atividades. A avaliação é o reconhecimento das impressões e sugestões dos participantes e, ao mesmo tempo, o termômetro sobre a nossa metodologia, nossos conteúdos e nossas relações.

Nesse encontro, com base em algumas perguntas que fizemos, identificamos que os participantes gostariam que: houvesse mais encontros para discutir as propostas apresentadas; acontecessem mais momentos de troca entre as instituições no decorrer do projeto; se formasse um grupo virtual para trocar experiências entre todos os envolvidos.

Celebração

Quando todos entraram no clima de despedida, eis que se ouve: “Ué, e essa rosa jogada aí no chão?”, “É mesmo, já até chutaram esta rosa!”. Fizera efeito. Mesmo que em um último minuto, a rosa vermelha posta silenciosamente no chão no início do encontro, no meio do ambiente, no centro da sala, entre pés e pontapés foi lembrada. Breves sorrisos e um sentimento de alívio surgiram entre os facilitadores, afinal, a rosa era o símbolo principal daquilo no qual apostaram para o dia, presente até mesmo nas imagens do vídeo de que os participantes tanto gostaram. E assim, explanaram:

O projeto chegou e talvez nem tenhamos percebido o quanto o projeto é belo, assim como as flores, que estão aqui o tempo todo. Assim como as rosas têm espinhos, o projeto possui seus desafios. Mas é entre as pétalas macias e delicadas que são representadas as belezas daquele lugar, daquele território, daquela comunidade. Às vezes basta uma poda para que ganhe mais força e ganhe destaque pelo que há de melhor, e nesse cenário, os jardineiros somos nós. O que cada um faz, com quem faz e como faz permitirá a este projeto brotar, se multiplicar. O cuidado e a valorização fazem toda a diferença, faça sol ou chuva, ela poderá estar lá, jogada ou por nós cuidada. Do meio do chão da sala, vos entregamos essas rosas em mãos para acompanhá-los nesta jornada: imaginem se estas rosas forem cultivadas!

E assim, sete rosas vermelhas foram entregues em mãos, uma para cada organização participante, simbolizando a confiança de que elas, que abraçavam naquele dia a proposta do Lazer Comunitário, cuidariam dele com dedicação e que, com muito compromisso, seriam corresponsáveis pelo seu sucesso.

A riqueza do processo num formato coletivo, desde a construção até a avaliação final, gerou dinamismo nos participantes no encontro. A ludicidade e as trocas estavam alocadas nos momentos corretos. O formato da metodologia utilizada no encontro permitiu o enriquecimento pela troca de conhecimentos. E eles perceberam a beleza da rosa, foi um detalhe com muito significado e motivação.

Julio Ramos, Jean Mello e Rassani Nogueira,
animadores socioculturais que participaram do encontro.



Foto: A Banca.

RECONHECIMENTO DE TERRITÓRIO E SENSIBILIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS

VISITAS PARA RECONHECIMENTO DE TERRITÓRIO E PLANEJAMENTO DOS PRÓXIMOS PASSOS

Após o encontro, conforme agenda estabelecida com os participantes, a equipe de Lazer Comunitário da Vocação visitou as organizações parceiras para realizar um reconhecimento de território e planejar, junto às lideranças, as próximas ações. Além disso, realizou uma aproximação *in loco* nas organizações que não puderam comparecer ao encontro, garantindo sua adesão.

Essas visitas tiveram como foco conhecer o espaço e as instalações de cada organização, bem como conversar com os gestores e suas equipes. O exercício da escuta ativa para uma real compreensão da identidade e das potencialidades do território foi fundamental para que pudessem, juntos, traçar as estratégias para a continuação do projeto.

O próximo passo seria sensibilizar as famílias das comunidades, com o objetivo de garantir maior participação e interesse delas nas atividades. O que nos norteou para planejar essa próxima etapa foi a questão: “o que te motivaria a vivenciar atividades de lazer em família?”.

ENCONTROS DE SENSIBILIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS

Antes da realização das oficinas culturais propriamente ditas, previstas como ponto alto do projeto, uma fase importante foi realizada: os encontros com as famílias das comunidades atendidas pelas organizações sociais parceiras para sensibilização e escolha dos temas das oficinas.

Assim como aconteceu com as lideranças na primeira fase do projeto, esses encontros sensibilizaram as pessoas para que entendessem um pouco mais sobre lazer e sobre a importância de se destinar um tempo para participar de atividades prazerosas. Além disso, foi possível identificar de que tipo de oficinas culturais elas gostariam de participar.

O animador sociocultural Julio Ramos nos conta sobre como mudou seu olhar nessa fase:

Eu acreditava, no início do projeto, que as famílias teriam grande interesse em participar das oficinas com vivências, escolhidas por eles. Porém, ao longo do contato com os gestores das organizações (e seus relatos), senti certa distância dessas famílias com essa oferta de lazer. Assim, criei uma baixa expectativa para adesão e participação no projeto por parte das famílias. Mas, para a minha surpresa, quando aconteceu o encontro inicial, a presença dessas famílias foi grande. Não só presença numérica, mas a disponibilidade em colocar suas necessidades, [seus] anseios e desejos com o projeto. Em geral, os encontros aconteceram em dias de reuniões de outros projetos com os pais, mas em todos os encontros ouvimos falas como: “é desse tipo de reunião que precisamos”, “essas reuniões são bem mais dinâmicas”, “é muito bom saber que alguém se importa com [a] gente”. Para mim, essas falas mostram a importância e os significados de nossa atuação na comunidade.

Seguindo uma estrutura de reunião produtiva, utilizando instrumentos semelhantes aos já descritos nesta publicação, esses encontros permitiram que fossem trabalhadas a educação para a participação e a educação para o lazer ao longo da vida pelos participantes. Os encontros se mostraram uma oportunidade e um pretexto para que pudéssemos trabalhar como provocadores à participação cidadã e ao engajamento comunitário. Em grupo, os participantes discutiram temas locais, olhares que tinham sobre a comunidade, desafios voltados a diversos temas sociais e de políticas públicas e, principalmente, o tempo que disponibilizavam neste cenário à sua família, para além das obrigações.

Sobre o encontro realizado no Instituto Anchieta Grajaú, a equipe registrou:

Não apenas adultos estavam presentes no encontro. As crianças e alguns adolescentes. Não apenas de corpo físico. As crianças opinaram quando solicitadas. Não apenas na dinâmica inicial, Jogos dos Iguais, teve participação o tempo todo. Adultos, crianças, adolescentes, comunidade. Famílias!

Veja a seguir o relato de Jean Mello (animador sociocultural) e Paula Souza (pesquisadora), sobre um encontro de sensibilização com famílias realizado no Centro Popular de Defesa dos Direitos Humanos Frei Tito de Alencar Lima – CCA Cidade Júlia.

Ao chegarmos na organização, já haviam alguns cuidados: sucos, doces e salgadinhos preparados e, aos poucos, foram chegando crianças, adolescentes

e adultos – havia representantes de todas as idades. Entre os que chegavam, tinha até gente que teve seu talento descoberto durante ações do Lazer Comunitário, pessoas da Comissão de Famílias que passaram a trabalhar na organização, pela comunidade. Rejane, gestora da unidade, apresentou a equipe da Vocação. Falou um pouco das ações de lazer do ano anterior, dos objetivos alcançados, dos próximos desafios a serem enfrentados e nos passou o bastão. Paula, pesquisadora, se apresentou. Deu um breve panorama da programação do dia. Falou por quais motivos estávamos presentes e, após essa breve introdução, chamou Jean, animador sociocultural, para propor ao grupo o “Jogo dos Iguais”. Algumas pessoas toparam, outras ficaram sentadas apenas observando. Não forçamos a participação, começamos com quem aceitou fazer parte da dinâmica. Fizemos as perguntas previstas no roteiro. Incluímos outras para estimular a participação das crianças e dos adolescentes que lá estavam e outras para saber que tipo de identificação as pessoas têm com aquela região. “Você gosta de morar nesse bairro?”. “Quem gosta de ajudar as pessoas?”. “Sem precisar falar com as pessoas, pense em situações significativas em que precisou muito ajudar alguém ou se sentiu amparada.” Os próximos pontos da pauta, que falavam de tempo livre, lazer, e do que eles gostariam que fosse trabalhado ao longo do ano na organização, foram em roda de conversa. Encontramos muitas pessoas moradoras da região há mais de vinte anos. Elas deram várias declarações afirmando o quanto [a região] mudou para melhor – em alguns aspectos. Ao mesmo tempo, todo mundo falou da alta vulnerabilidade social e dos índices de violência, das dificuldades em acessar os serviços públicos básicos e, claro, das poucas opções de lazer para comunidade. Nesse momento, o animador sociocultural Jean estava facilitando a discussão e a pesquisadora Paula estava registrando em grandes folhas para que ficasse exposto e todos pudessem acompanhar. Antes mesmo de aplicarmos os questionários, o projeto foi apresentado por Paula. Enquanto ela fazia isso de modo dinâmico, conectando informações com o que já havíamos recebido por parte das famílias, as pessoas perguntavam, resgatavam experiências comunitárias antigas ou atuais, relatavam a importância delas mesmas participarem de todas as etapas do projeto. Nesse momento, a integração entre as angústias relacionadas ao cotidiano das famílias de temas quanto a carências locais e preocupações como violência, infraestrutura, meio ambiente, saúde e a compreensão macro do lazer nesse cenário foi muito produtiva. Paula não precisava expor conteúdos, porque por meio de boas perguntas um novo olhar surgia pelas vivências naquela comunidade. Juntos, por meio das respostas das próprias pessoas, foi possível relacionar oportunidades de vivência e pretextos de lazer com a contribuição com cada área citada. Era a clareza brotando sobre a importância de se garantir espaços como esses,

de troca e pessoas motivadas. Foram estimuladas as descobertas de talentos, de interesses e de vontades por meio das atividades e roda de conversa: qual vivência cultural seria interessante acontecer na organização? Em qual dia e horário? Assim, também foram compartilhados em grupo os horários para adesão das Oficinas Culturais que aconteceriam. As pessoas então preencheram o questionário pessoal desses interesses. Rejane e Loreta convidaram o grupo a novas ações, como a retomada da Comissão de Famílias. Entre os participantes da reunião, duas moças comentaram o quanto o dia foi prazeroso e inspirador e que reproduziriam em outra instituição em que são voluntárias algumas das vivências que tiveram conosco. Outra nos disse que estava revendo seu olhar, que o bairro tinha coisas boas sim, como, por exemplo, aquele espaço de protagonismo que estava vivenciando. Em seguida, iniciamos com todo o grupo a avaliação do dia: “resuma esse dia em uma palavra ou uma frase”. Dentre as palavras citadas estiveram “descoberta”, “valorização” e “terapia... este momento foi uma terapia”.

FOCO NO PROTAGONISMO: ESCOLHA DAS LINGUAGENS CULTURAIS PELAS FAMÍLIAS

O projeto “Famílias que Educam” prevê que aconteçam oficinas culturais por meio de vivências de lazer em família, aos finais de semana. Como acreditamos no envolvimento voluntário e no processo participativo de decisão, nada mais justo do que as próprias famílias escolherem as linguagens culturais das oficinas de que iriam participar.

Chegamos a ouvir de pais e mães: “mas qual atividade vocês irão oferecer?”. Nossa resposta era outra pergunta: “qual atividade te interessaria fazer?”.

Entretanto, esse momento de escolha é dúbio, pois, ao mesmo tempo em que é oportunidade, é também desafio. O poder de escolher o que será realizado num projeto social não é simples, e as pessoas, em geral, não estão acostumadas a ter esse poder. **Empoderar as pessoas é um diferencial desse programa.**

A participação cidadã e a garantia de direitos em espaços como o dos encontros de sensibilização realizados com as famílias foram destacados por muitos dos participantes ao comentarem sobre como era importante para eles ter a oportunidade de escolher o que fariam e de pensar naquele momento junto com seus filhos. Alguns levantaram até mesmo talentos locais,

como um avô que é contador de histórias, um pai que entende bem de teatro, um outro que organiza passeios ciclísticos, outro que teria vontade de participar de atividades de dança, outro que ensinaria atividades circenses. Sim, ali num mesmo espaço, vizinhos passaram a se conhecer e descobrir vontades em comum.

Se considerarmos que a cultura expressa as características de um grupo ou sociedade – hábitos, costumes, manifestações e outros aspectos –, podemos dizer que o lazer reflete e interfere nessa cultura. E pelo ou para o lazer, há diferentes **interesses e conteúdos culturais** envolvidos.

Percebemos que atividades que envolvem movimento e as expressões corporal e artística se destacam entre as preferências das famílias para as vivências comunitárias. É o caso da dança, da ginástica, do teatro e da percussão – e também das brincadeiras e dos jogos tradicionais, que têm forte vínculo com nosso imaginário, com nossa infância.

Os interesses culturais do lazer apresentados por Joffre Dumazedier (1980) são: físicos, intelectuais, artísticos, manuais e sociais. Completamos com o interesse cultural turístico (viajar como uma forma de lazer, por exemplo), proposto por Luiz Octávio de Lima Camargo (1989), e com os virtuais, propostos por Gisele Maria Schwartz (2003), que se referem às formas de lazer mediadas por meios tecnológicos, como computador, celular, *videogame*, televisão, etc.

Nos encontros de sensibilização as vontades foram ouvidas, debatidas e reunidas, e resultaram na escolha das atividades que seriam desenvolvidas em cada organização:

Organização	Horário	Linguagens escolhidas para as oficinas
Vocação – Unidade Icarai	Sextas-feiras das 18h às 21h	Dança e condicionamento físico
Associação dos Moradores da Vila Arco-Íris – AMAI	Sábado das 9h às 12h	Danças brasileiras/teatro/brincadeiras regionais
Associação Cidadania Ativa do Macedônia – ACAM	Sábado das 9h às 12h	Dança e expressão corporal
Instituto Anchieta Grajaú – IAG	Sábado das 9h às 12h	Dança e condicionamento físico
Movimento Comunitário do Jardim São Joaquim	Sábado das 9h às 12h	Teatro e jogos tradicionais
C. P. D. Direitos Humanos Frei Tito de Alencar Lima – CCA Cidade Júlia	Sábado das 9h às 12h	Dança e expressão corporal
Associação Comunitária Auri Verde	Sábado das 13h às 16h	Percussão

AS OFICINAS CULTURAIS – CORPO, MENTE, FAMÍLIA EM AÇÃO!

OFICINAS INAUGURAIS

De acordo com o diagnóstico realizado pelos gestores das organizações parceiras, o intervalo entre o encontro com as famílias e o início das oficinas culturais – que envolvia a contratação de educadores culturais especializados nas linguagens escolhidas – era um perigo para o sucesso da mobilização das famílias. Por isso, a equipe de Lazer Comunitário utilizou como estratégia a implantação de oficinas inaugurais, nas quais foram realizadas atividades que fortalecessem os vínculos dos participantes, os sensibilizasse quanto à conquista daquele espaço e consolidasse o tom das oficinas: oferecimento de espaços para diálogo, valorização de talentos do grupo, integração de diferentes faixas etárias e mobilização para novas intervenções. Às crianças e adolescentes, perguntamos: “como você reagiria se visse sua família se divertindo no mesmo lugar onde você aprende e se diverte?”.

O animador sociocultural Jean Mello conta sobre a importância das oficinas inaugurais:

Considero que os encontros com as famílias e as oficinas inaugurais – antes da chegada dos educadores – foram as melhores estratégias utilizadas para manter contato com as comunidades. Razões? Simples! Espaços em que as pessoas foram ouvidas, elas apontaram que foram escutadas. Elas, as famílias, escolheram quais temáticas seriam importantes para serem trabalhadas em conjunto; mostraram seus pensamentos acerca de suas realidades palpáveis; opinaram sobre temas universais; apontaram o caminho da mobilização social, tanto nos encontros, quanto nas oficinas inaugurais. Porém, a etapa que hoje estamos, em que os educadores estão presentes nas organizações, também se traduz como importante estratégia para garantir a continuidade de nossas ações.

Foto: A Banca.



Definidas as atividades, datas e horários das oficinas inaugurais, os animadores socioculturais criaram estratégias para se dividir entre as organizações.

A participação direta dessa equipe nas ações, nessa fase, gerou confiança, credibilidade e unidade tanto no Centro de Desenvolvimento Comunitário como junto às instituições, auxiliando posteriormente na inserção e na gestão dos educadores culturais, que estavam em processo de contratação. Em meio aos desafios burocráticos nesse setor, eles logo chegaram para compor o grupo.

A CHEGADA DOS EDUCADORES CULTURAIS

Os educadores culturais são os profissionais que lidam diretamente com as famílias nesse projeto. São eles que ensinam, envolvem, auxiliam, integram. Eles já são contratados, nesse contexto, mediante uma seleção cuidadosa e cercada de expectativas.

Para realizar com as famílias as oficinas culturais, esse profissional precisa saber que vai lidar com um grupo diferenciado e com propósitos que ultrapassam o aprender de uma técnica artística – cada oficina deve ser uma verdadeira vivência de lazer em família, em comunidade.

Esses educadores trabalham com um enfoque social, de fortalecimento de vínculos, atrelado à linguagem cultural da qual são especialistas. Por isso, também participam de formações periódicas, específicas ao Lazer Comunitário, tanto sobre Abordagem Colaborativa, de alinhamento de equipe, como em Animação Sociocultural.

Consideramos fundamental o investimento na formação do educador cultural e do animador sociocultural para que ambos consigam ajudar as organizações a desenvolver mecanismos para a estruturação de uma rede de informações dentro e fora de seus territórios, e para que, posteriormente, as comunidades consigam empreender ações unindo e reforçando suas próprias experiências.

AS OFICINAS CULTURAIS

Trabalhar com famílias não é tarefa simples, ainda mais quando envolve conciliar diferentes faixas etárias na mesma atividade. Frente aos desafios do Lazer Comunitário, vivenciamos momentos marcantes, como mostram as fotos, conversas e relatos a seguir.

Conversa com a participante da oficina de dança e condicionamento físico da unidade do Jardim Icarai, Érica Andrade, 14 anos:

- *É muito bom estar aqui com as pessoas do bairro fazendo atividade, porque posso conhecer melhor as pessoas. Eu venho na atividade aqui do Icarai, porque eu adoro dançar. Quando eu danço, eu me sinto mais leve, me sinto uma pessoa importante.*
- *Importante? Mas isso você só sente aqui?*
- *Sim.*
- *Por quê?*
- *Porque a dança me inspira.*

Conversa com Daniele, 16 anos, da mesma oficina:

- *[...] de verdade, eu adoro dançar, eu sou o tipo de pessoa que chega numa festa e não consegue ficar parada. Tem pessoas que falam: “ah, eu vou para comer”. Eu falo: “eu vou para dançar”. [...] Aqui na atividade eu me sinto renovada, alegre, eu gosto muito. Eu acho legal participar dessa atividade, porque eu nunca tinha participado de nada assim com a minha mãe, é diferente, e eu tô gostando muito.*
- *Qual é o seu maior sonho?*
- *Ser professora de dança!*
- *De verdade?*
- *Sim, de qualquer estilo, desde que seja de dança. É o meu maior sonho.*

Foto: Marco Antonio Sá.



Oficina de percussão.

Elton, orientador pedagógico da Vocação, disse o seguinte sobre sua experiência com a oficina de percussão realizada no Auri Verde:

Quando passava para me trocar, vi que uma participante da oficina falava com a Geraldine, a animadora sociocultural. Quando passei por elas, percebi que ela dizia o que gostava na minha oficina, e quando ela foi dizer como se sentia, já fiquei esperando algo como “mais disposta” ou “melhor”... foi quando ela, após pensar um pouco, disparou: “me sinto mais feliz!”.



Foto: A Banca.

Oficina de dança e condicionamento físico no Instituto Anchieta Grajaú.

Já Tatiane Oliveira, educadora cultural das oficinas de dança e condicionamento físico do Instituto Anchieta Grajaú, relata:

As atividades com dinâmicas tiveram muita importância no processo de integração. A da “Lua”, especificamente, foi a que me trouxe um excesso de emoção, quando uma criança [Nicolas] ofereceu sua lua para a Andreia [uma das funcionárias da organização]. Ele disse: “Vou dar minha lua pra você, porque você é muito importante para mim” e essa fala do Nicolas a deixou muito emocionada. As dinâmicas são ferramentas que nos permitem trabalhar essas questões de integração e os momentos de reconhecer a importância do outro para cada um de nós.



Vivência em família na Associação dos Moradores da Vila Arco-Íris – AMAI.

Por fim, uma mãe em oficina inaugural na AMAI disse:

Resgatar este clima de “brincadeiras de antigamente”, quando as crianças tinham a liberdade de sair na rua, brincar, como diz um pai, é permitir que vivenciem trocando experiências de lazer em família, até porque a gente gosta! Eles não conhecem como brincar de “rouba bandeira”, por exemplo, essas brincadeiras que são do nosso tempo!

AÇÕES INTERGERACIONAIS E ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL

Nós, da Vocação, entendemos que é fundamental o desenvolvimento de atividades que integrem a comunidade de forma solidária e comprometida, tendo em vista o foco nas famílias do projeto “Famílias que Educam” e de muitas outras ações do Centro de Desenvolvimento Comunitário.

Por meio das ações intergeracionais, pretendemos contribuir com o estreitar de laços e promover relações de solidariedade entre os participantes de uma atividade, de forma a valorizar a cultura e os saberes acumulados pelos membros “mais velhos” da comunidade e, ao mesmo tempo, fazer com que os “mais jovens” também tragam seus conhecimentos para que ocorram trocas. É uma vivência de troca.

O educador social argentino Ezequiel Ander-Egg afirma que a educação intergeracional tem de estar na lista das atividades possíveis do animador sociocultural. Segundo ele, é muito importante interagir com gerações mais novas, para que elas possam compreender melhor a sua própria cultura e para que ela, ao ser transmitida, se converta em uma identidade cultural.

Por isso, é essencial que a organização social e suas lideranças identifiquem e criem oportunidades de troca. O Movimento Comunitário do Jardim São Joaquim, por exemplo, atende a várias gerações, então é fundamental que incentive ações intergeracionais. Rosária, dessa organização, nos conta:

Nós temos o Núcleo de Convivência do Idoso, o Centro de Educação Infantil e o Centro da Criança e do Adolescente, que é o Crê-Ser. O objetivo foi unir os serviços na organização. [...] Com o Lazer Comunitário, a gente viu que era capaz de trazer as famílias não só para as reuniões, mas também para as outras atividades.

Outro relato de experiência relevante, vivenciada por Priscila Magalhães, educadora cultural da Vocação que atua nas oficinas de dança e expressão corporal no C. P. D. Direitos Humanos Frei Tito Alencar Lima – CCA Cidade Júlia, é o seguinte:

São vários momentos marcantes, fica difícil dizer um só. Temos uma senhora, uma avó que participa com os netos, Dona Filó, que participa em todos os exercícios e coreografias. Um momento divertido foi quando levei uma aula de breaking básico e no final passei um freeze, movimento de dificuldade na modalidade, e ela conseguiu fazer com precisão e os netos não. Ficaram perguntando a ela como fazer. Foi bonito ver essa troca e que a dança não tem limite de idade ou diferenças. Naquele momento, nos nossos encontros, todos são iguais.

Isso é um exemplo claro de mudança de olhar.

LAZER E ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL: APROPRIAÇÃO DE OUTROS ESPAÇOS, SAÍDAS CULTURAIS E EVENTOS

AS COMISSÕES DE FAMÍLIA

Quando os membros da comunidade pensam em conectar suas capacidades para empreenderem juntos, é comum surgirem atividades de lazer, muitas vezes sem que houvesse esse enfoque inicial.

As comissões de famílias também se configuram por meio do movimento provocado pelas atividades do Lazer Comunitário. Rejane Maria da Silva nos conta que na organização C. P. D. Direitos Humanos Frei Tito Alencar Lima – CCA Cidade Júlia as etapas da formação da comissão de famílias começam pelo lazer:

Com um olhar diferente e com desejo de que as pessoas mostrassem as capacidades delas, comecei a perceber quem eram as lideranças dessa comunidade, percebendo as pistas de quais pessoas poderiam aderir a essa comissão de famílias, que se interessariam pela proposta. Começou com 12 pessoas. As atividades de dança aconteciam e a comissão participava das oficinas, assim como as [equipes] do lazer [participavam das atividades] da comissão. Começamos a perceber que só as pessoas da comissão não eram suficientes para que o trabalho acontecesse e, assim, começamos a abrir para a comunidade. [...] Hoje na comissão temos pessoas do lazer comunitário, pessoas da comunidade, pais das crianças, alunos do PPT, ex-alunos do PPT... E então nós começamos a perceber que um grupo só não funcionava, que outras pessoas tinham que participar. Hoje, essa comissão de famílias, formada por todas essas pessoas, é responsável pelos eventos da comunidade. Já tivemos grandes eventos! Elas já atuam na organização – a gente tem pessoas que foram convidadas a fazer parte da diretoria da organização e a gente começou a perceber que as pessoas se envolveram num todo, num trabalho. E o mais legal de tudo é que eu não estou sozinha.

As comissões de família se relacionam muito com os eventos, como é perceptível no relato anterior. Um líder conector, tal qual é apresentado pela perspectiva da

Abordagem Colaborativa, tem papel fundamental nas articulações – e, no caso da organização de eventos, essa é uma característica imprescindível. Edson, do Auri Verde, por exemplo, ao nos relatar como foi a mobilização e a organização comunitária para a realização de uma festa “julhina” na comunidade, conta:

De longe, foi além do que eu pensava, a comunidade participou ativamente, os moradores montaram barracas – a instituição só montou uma barraca, que era em sua sede, e os moradores, cada um montou uma barraca na sua garagem. Foi muito bacana, inclusive a decoração da rua foi feita pelos moradores. [...] Teve a apresentação de um grupo de crianças que não participava de nenhum serviço, nem de CCA, nem de CEI, eram crianças que moram na rua, a gente convidou e elas montaram uma apresentação de country, teve até banda de rock da comunidade!

Segundo Edson, uma característica peculiar da organização em que atua é o fato de não haver programas socioeducativos no espaço em que ocorrem as atividades do Lazer Comunitário, por isso, não há crianças vinculadas ao espaço que possam servir como ponto de partida para o convite às famílias. Para tanto, articula diretamente com os moradores do entorno, envolvendo famílias inteiras e com vínculos de vizinhança ou de identidade pelo território.

Graças às comissões de famílias, muitas ações que ampliam o trabalho realizado nas organizações sociais são possíveis.

APROPRIAÇÃO DE OUTROS ESPAÇOS

Ajustando suas lentes •

Infelizmente, ainda nos deparamos, frequentemente, com o olhar da falta e das limitações relacionadas às práticas de lazer quando focamos na questão do espaço, do onde vivenciar o lazer. Será que não está na hora de trocarmos essas lentes?

Condições financeiras são, sim, fatores limitantes para uma série de atividades. Não negamos isso. Entretanto, por meio do olhar, novamente, para o “copo meio cheio” torna-se perceptível o quanto o reconhecimento das pessoas em relação às suas capacidades, a conexão delas com outras pessoas, a identificação dos ativos locais e das potencialidades possibilitam a descoberta de um significativo número de

coisas que se pode fazer com pouco dinheiro e, em alguns casos, até sem ele.

As atividades socioculturais com ofertas gratuitas, assim como a apropriação dos espaços públicos e, em alguns casos, da iniciativa privada, permitem que as pessoas vivam novas experiências e, assim, ampliem seus repertórios pessoais e se desenvolvam, em via de mão dupla, em outros âmbitos.

Elton, orientador pedagógico da Vocação, sobre a apropriação dos espaços da organização pelas famílias, diz:

Um dos principais sinais, que eu percebo como valioso, é que o lazer faz com que as famílias tenham voz, participem, consigam expressar os seus desejos e entender o quanto essas organizações validam essas práticas de lazer, ocupando espaços e dando sentido a eles – é valiosíssimo!

Além do espaço compartilhado pelas organizações sociais, novos espaços passam a ser considerados pelos participantes do projeto. É um movimento tímido, mas já conta com avanços. Motivados, começam a olhar para outros lugares, como parques, CEUs, bailes, praças, museus, teatros, ruas de São Paulo – famosas ou não –, pois passaram a se informar sobre o que há de oferta cultural e também a ter com quem ir, com quem passear. Para o animador Julio Ramos, os sinais de avanço nesse sentido, na comunidade, foram percebidos logo em suas primeiras intervenções. Ele nos relata que:

A mudança do olhar se deu desde o primeiro contato. Um exemplo que marcou foi de uma mãe da organização AMAI que afirmou no começo de nosso encontro com as famílias: “não tenho tempo para lazer. Aqui no bairro não tem nada. Somos muito carentes” e no final do encontro percebeu que poderia vivenciar um tempo e um espaço de lazer, com sua família, filha, dentro da própria organização e que no entorno da organização existe um CEU, um samba semanal na Rua 27, festas típicas no bairro, quadras e praças à disposição da comunidade e que tudo isso poderia ser aproveitado por ela.

Julio prossegue em seu relato, recordando:

Outro exemplo curioso ocorreu no Instituto Anchieta Grajaú quando, em uma tentativa de aproximar a realidade do bairro com possibilidades de cultura e lazer, através da exposição de imagens em um varal, alguns participantes não se sentiram aptos a vivenciar outras formas de cultura (teatro e exposição) em

outras regiões de São Paulo. Surgiram falas como: “aqui eu conheço [a Represa] e aqui eu não conheço porque é muito chique [a Avenida Paulista]”. Isso nos fez perceber e refletir sobre a limitação de acesso e entendimento do lazer para esses participantes.

Assim, tendo em vista a intencionalidade do projeto de promover a integração familiar por meio de vivências de conteúdos culturais, independentemente do interesse cultural atribuído às atividades, é possível assimilar o que Melo e Alves Jr. defendem quando dizem que “em princípio, todas as práticas de lazer tendem a envolver grupos e a desenvolver a sociabilidade”. (2012, p. 46)

Por meio da sociabilidade, outros avanços se concretizam. É o caso das ações que ocorrem além das oficinas culturais: as saídas culturais e os eventos.

AS SAÍDAS CULTURAIS

Ampliar os horizontes, experimentar novos espaços, trocar com novas personagens. As saídas culturais são momentos provocados para que as famílias possam conhecer outros lugares que tem alguma ligação com os interesses do grupo, manifestados durante a escolha da linguagem cultural, ao longo de encontros e discussões coletivas, ou mesmo sugeridos pelas comissões de famílias. Essas saídas são atividades de campo, por meio das quais os participantes podem perceber, conversando com outras pessoas e vendo outros espaços, a amplitude do que praticam nas organizações.

As saídas culturais foram previstas nas ações do Lazer Comunitário e hoje são provocadas pelas próprias famílias, num processo de transferência de autonomia, que foi ocorrendo gradualmente e que ajuda a garantir a apropriação do território e torná-la sustentável. Caminhadas coletivas, atividades em praças, teatro, rodas de capoeira, intercâmbio com outras organizações sociais, são exemplos do que as famílias passam a fazer por conta própria de forma mobilizada e pelas vontades, quando passam a incluir em suas prioridades a ampliação do repertório cultural.

Cabe ressaltar que o interesse e a crescente autonomia das famílias envolvem o fato das saídas culturais já fazerem parte do trabalho da Vocação junto às organiza-

ções parceiras há mais tempo. Em 2014, por exemplo, ocorreram trocas memoráveis entre famílias, profissionais e espaços renomados, como as relatadas a seguir.

A turma que participava de vivências de capoeira foi visitar o Museu Afro Brasil no Parque do Ibirapuera. Lá vivenciaram o parque: a possibilidade de espaços, a convivência de grupos diversos no mesmo ambiente e as várias atrações que o compõem. O museu proporcionou reflexões sobre a identidade cultural e uma melhor compreensão das raízes étnicas e afro-brasileiras, tão marcantes para a comunidade dos participantes, que passava a entender melhor a cultura negra desde as oficinas realizadas em seu território. Essa experiência permitiu que novos valores fossem apropriados, relacionados à valorização, ao respeito e ao combate ao racismo por meio da igualdade e da liberdade.

Outra saída cultural muito relevante foi a realizada com os grupos que escolheram a dança como vivência integradora. Eles aceitaram a sugestão da educadora cultural Priscila Magalhães e optaram por ir a um espaço em que pudessem assistir a um espetáculo – conforme interesse das famílias –, mas que também pudessem experimentar esse espaço, com outros profissionais e com a troca em oficinas de danças.

Até lágrimas rolaram! Imagine grupos de até 40 pessoas circulando em um espaço de dança disponibilizado especialmente a eles. Isso aconteceu na Casa da Dança – Tati Sanchis com o grupo Underground Vibrations, que apresentava o espetáculo *Comunhão* lá. Crianças, adolescentes, jovens, mães, pais, tios, primos, educadores e até gestores das organizações participaram de vivências envolvendo dança contemporânea, *House Dance*, *Video Dance* – danças urbanas a favor da socialização.

Tati Sanchis, da Casa da Dança – Tati Sanchis e membro do grupo Underground Vibrations, formado por profissionais da dança, em um diálogo sobre trajetórias, sonhos, desafios e conquistas, disse:

Foi muito emocionante. Eu não aguentei, chorei após ministrar oficinas de dança contemporânea e apresentar o espetáculo em que, ao final, as famílias puderam conversar com os integrantes do grupo.

Esse foi um momento em que o palco se iluminou para aqueles cuja vocação está nesse segmento e que foram estimulados a seguir adiante pela experiência dos profissionais ali presentes e próximos. Todos juntos.

As ações aqui descritas integram um arsenal de intenções e também de desdobramentos que dialogam com as dimensões que o lazer ocupa em nossas vidas. Joffre Dumazedier fala sobre os 3D do lazer: descanso, divertimento e desenvolvimento. E, por essas três palavrinhas, entendemos a amplitude das relações entre lazer e as demais áreas da vida.

Segundo o animador sociocultural Jean Mello:

Nossas atividades cumprem esse papel. Muitas vezes as pessoas não se percebem em casa ou na vizinhança, mas se olham e se comunicam e se sensibilizam em nossas oficinas pedagógicas. Quantas mães não têm tempo para ficar com seus filhos e, num sábado qualquer, encontram a possibilidade rara de fazer uma atividade junto com quem elas amam?

EVENTOS COMUNITÁRIOS: UM ROTEIRO DE ATRAÇÕES

Consideramos os eventos comunitários como um marco local. Além de expressarem identidade do território, envolvem as pessoas em algo que é prazeroso. Por meio dos eventos é possível reunir as famílias da comunidade, reconhecer e difundir os talentos, integrar as atividades que já existem, ocupar os espaços públicos e das organizações, receber pessoas de outros lugares e celebrar com as famílias.

Elton nos fala um pouco sobre a relação entre os objetivos coletivos e a organização comunitária para ele:

É preciso reunir e propor que os grupos continuem interagindo sempre depois de uma ação. [...] por exemplo, o evento é uma ação, mas é necessário fazer um trabalho de continuidade e de objetivo, que deve ser construído.



Foto: A Banca.

Nesse projeto, cada organização realiza um evento, que faz parte de um Roteiro de Lazer compartilhado com as redes de assessoria regional. A equipe é envolvida e a articulação comunitária é essencial para sua realização.

O animador sociocultural Jean Mello publicou em sua página pessoal do Facebook, em 5 de junho de 2015, destacando o processo de organização de eventos e contando sobre um avanço na intervenção comunitária. Nas redes sociais, essa postagem teve uma repercussão muito positiva na comunidade. Vejam:

[...] sábado que passou, 30 de maio, rolou um evento no Grajaú, zona sul de Sampa, em que tive o prazer de fazer parte da equipe que organizou, representando a Ação Comunitária (agora Vocação). Além da organização que trabalho, já citada, tudo aconteceu em parceria com o Instituto Anchieta Grajaú. Antes desse evento eu pensava que sabia muito sobre articulação comunitária e mobilização de famílias. Não desprezo as coisas que aprendi. Mas, participar de tudo isso, se constitui, nesse momento em uma escola. É, sou um profissional da área. Porém, sempre que me chega a oportunidade, simplesmente aprendo. [...] Trabalhamos mobilizando famílias na perspectiva do Lazer Comunitário. Famílias escolhem as atividades que querem fazer aos finais de semana. Tudo gratuito. Em alguns locais, escolheram dança, em outro, teatro. Rola também percussão. Tudo isso é pretexto para abordar outras questões: cidadania, saúde, educação, cultura, educomunicação, fortalecer os vínculos familiares, etc., tendo o evento como uma das etapas do projeto, além da possibilidade de acontecer saídas culturais por pontos diversos da cidade.

Nesse evento que citei – que inicia meu post – a programação foi vasta. Capoeira, Grafite, apresentações musicais e de dança, brincadeiras, brinquedos e uma infinidade de outras coisas. O ápice da emoção foi quando as crianças cantaram. [...] Detalhe, tudo isso foi organizado junto com as famílias da região. Quero agradecer aos meus amigos de trabalho da Ação Comunitária (Vocação), às pessoas do Instituto Anchieta Grajaú, principalmente a Lara e a galera do Grajaú, gente que vive e respira, com orgulho, cultura. Alguns chamam de periférica. Prefiro chamar de cultura mesmo...

Foto: A Banca.





Foto: Jean Mello.

Evento "Encontro em Família IAG". Instituto Anchieta Grajaú.

BANCO DE IDEIAS

- ▶ MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). *Repertório de atividades de recreação e lazer*. Campinas: Papirus, 2002. Coleção Fazer/Lazer.
- ▶ Guerreiros sem armas. Realização: Instituto Elos. Produção: INIT Arte Visual. Direção: Fausto Nocetti. 14'05". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XGFv49P88qA>>. Acesso em: ago. 2015.

Foto: Bruno Schultze.



Descontração no Encontro de Formação de Lideranças. Sede da Vocação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos chegando ao fim desta publicação. Refletindo sobre a nossa trajetória neste ano, que agora vocês já conhecem bem, sem deixar de levar em consideração nossa longa história de atuação, achamos importante, nessas considerações finais, avaliar nosso trabalho, destacando desafios e expectativas identificados ao longo do processo, resgatar o que entendemos ser necessário para mais avanços e, ainda, deixar “estacionados” aqui os temas sobre os quais pretendemos nos debruçar em momentos futuros.

Apesar do nome, não entendemos essas considerações como finais, mas sim como parte de um longo processo reflexivo, que não começou nem termina por aqui. Afinal, os desafios que se colocam para a construção de uma sociedade mais colaborativa e igualitária, que garanta direitos às famílias e comunidades, ainda são grandes. Esperamos contribuir cada vez mais para a superação de cada um deles – e essa publicação certamente é um passo nesse sentido.

Vamos então à avaliação.

AVALIAÇÃO: “DE OLHO NO SEMÁFORO!”

Para que possamos juntos refletir sobre os caminhos que percorremos e aqueles pelos quais pretendemos ainda seguir, identificando seus percalços, mas também os seus encantos, utilizaremos um dos instrumentos de nossa metodologia: **a avaliação “de olho no semáforo”**.

Para usar esta avaliação na prática, é interessante utilizar elementos visuais que remetam ao semáforo. Podem ser três círculos: um verde, um amarelo e um vermelho. Para cada item a ser avaliado, cada pessoa mostra seu “sinal”, compartilhando, assim, sua opinião com os demais.

Afinal, concordamos com o que está posto na publicação *Facilitando oficinas: da teoria à prática*, quando dizem que “a avaliação é um processo de fundamental importância para a aprendizagem participativa e para a construção do conhecimento coletivo”.

A avaliação é um momento em que se compartilham sentimentos, críticas, propostas, desafios e expectativas. Por isso, de preferência, deve ocorrer de modo descontraído para que todos se sintam mais à vontade para trocar impressões e considerações sobre o processo a ser avaliado.

Além de adotarmos a avaliação em formações, encontros e reuniões em geral, a aplicaremos neste livro, levando em conta o conteúdo abordado e as ações descritas.

Ajustando suas lentes •

Convidamos vocês a nos acompanhar em algumas das reflexões e constatações que tivemos ao longo deste último ano de trabalho. Vamos? Apertem o cinto.

SINAL VERDE: COM O QUE SEGUIMOS EM FRENTE

Para mudar o olhar e enxergar novas possibilidades de atuação em áreas tão estereotipadas como as que mencionamos neste livro, é preciso unir forças, pois isso não é algo simples.

O projeto “Famílias que Educam” é marco da integração entre as áreas que compõem nossas ações. Todos nós, integrantes do Centro de Desenvolvimento Comunitário, nos empenhamos unindo forças para avançar em nosso foco: o trabalho com famílias e com as comunidades.

Por meio da educação não-formal, informal e formal, compomos um conjunto de áreas e de atores sociais que, comprovadamente, influenciam diretamente na construção, desenvolvimento e avanços de projetos de vida. Percebemos que, ao trabalhar com famílias, fomos assertivos, pois os projetos em geral e a própria área social ainda carecem deste enfoque. Para garantir um ambiente de estímulos, proteção e novas oportunidades para todos, as famílias e a comunidade se fazem essenciais.

A busca por mais oportunidades de integração entre as ações e as bases de nossa metodologia de trabalho nos permite afinar aquilo que pode ser potencializado se, de fato, trabalharmos juntos. É o que defendemos, e nos esforçamos para começar a lição desde casa. Provocar maior união entre a Animação Sociocultural e a Abordagem Colaborativa (ABCD) tem nos sido muito produtivo como metodologia de intervenção.

Nas práticas que realizamos, muitas descritas neste livro, valorizamos o “copo meio cheio”, trazendo luz a algumas das conquistas das organizações sociais parceiras da Vocação, que contam com pessoas que apostam em nossos programas e que, quando aplicam nossa metodologia, percebem diferenças e avançam em seus resultados.

Além disso, notamos pontos de luz, **sinais verdes**, quando:

- os líderes conectores estão na ativa, articulando ações em rede, descobrindo talentos nas comunidades, conectando famílias;
- as famílias, aos poucos, se apropriam dos espaços e se aproximam das lideranças das organizações sociais parceiras;
- as lideranças comunitárias estão comprometidas com o processo formativo para o trabalho com famílias, sendo assíduas nos encontros de formação e propondo novas ações em grupo;
- o Plano de Mobilização de Famílias passa a ser realidade em algumas organizações sociais, com resultados expressivos e com relatos de mudança na convivência familiar de crianças atendidas;
- **as ideias de pessoas das comunidades se concretizam**, unindo as propostas de lazer com as ações das organizações sociais parceiras;
- as famílias encontram novas formas de se comunicar, de se aproximar das organizações parceiras e dos grupos das oficinas culturais, como por meio de grupo no aplicativo WhatsApp;
- as pessoas começam a diminuir a segmentação nas vivências familiares, passando a integrar novas práticas culturais em família;
- as pessoas encontram mais formas e disponibilizam mais tempo para praticar o lazer;

Um exemplo é a caminhada realizada no entorno do Instituto Anchieta Grajaú, iniciativa das famílias participantes das oficinas de dança e condicionamento físico para divulgar o projeto e agregar a ele mais famílias. A caminhada, incentivada pela educadora e apoiada pelos gestores do IAG e pela equipe da Vocação, percorreu espaços da comunidade e finalizou em uma praça, onde todos se divertiram nos equipamentos de ginástica ao ar livre e no *playground*. Essa prática se destaca como ferramenta de mobilização comunitária e estratégia pedagógica para motivar os participantes da oficina.

- as oficinas inaugurais e o processo de integração da equipe foram assertivos;
- o grupo participante da ação compreende o que discutimos em relação ao lazer como direito e ao fortalecimento comunitário que ocorre quando todos estão juntos;
- a gestão do conhecimento está em foco – compartilhar com vocês um pouco destas memórias, por exemplo, nos permite organizar e facilitar nossos processos para avançarmos com o trabalho.

SINAL AMARELO: PONTOS DE ATENÇÃO E DESAFIOS

Claro que nem tudo são flores! Mas com um “copo meio cheio”, temos condição de cuidar das flores que temos.

Os desafios acerca desse trabalho são muitos. Desde quebrar estereótipos, até garantir que sementes sejam plantadas a favor dessa missão. As áreas que são nosso enfoque, em alguns momentos e em certas situações, são vistas de maneira superficial, pela falta de compreensão das pessoas sobre a importância do trabalho com famílias e com as comunidades. Essas, por sua vez, com certa frequência, desacele-ram os processos que dependem de sensibilização para iniciarem os trabalhos e apresentarem resultados.

Além disto, vivenciamos um momento repleto de limitações e desafios a serem superados. Vale ressaltar, entretanto, que para cada desafio traçamos novas estratégias. São eles:

- manter a equipe do Centro de Desenvolvimento Comunitário capacitada e motivada;
- ampliar o envolvimento das famílias nas vivências, que, por falta de experiência com práticas que promovem participação, autonomia e protagonismo, muitas vezes restrito;
- efetivar os princípios das formações na prática, pois, mesmo compreendendo as premissas, há lideranças e equipes que não conseguem desenvolver o que planejam, pelo grande volume de responsabilidades que acumulam ou porque precisam colocar em prática o que ainda está em discurso ou no papel;
- diminuir a rotatividade da equipe, inclusive nas organizações parceiras, uma vez que troca de pessoal altera o ritmo de alguns processos;
- sensibilizar algumas lideranças para que criem espaço na agenda para se dedicar às ações do Lazer Comunitário com as famílias, pois, apesar da adesão, alguns gestores nem sempre conseguem acompanhar as ações na rotina;

- promover a assimilação das premissas de nossa metodologia pelas equipes das organizações sociais parceiras, para que o processo de multiplicação aconteça com mais facilidade;
- atrair as famílias para as atividades de lazer, de modo a superar a percepção delas em relação à segmentação das ações, capacitando cada vez mais a equipe para lidar com um público misto;
- manter a assiduidade das famílias em algumas ações;
- garantir, tanto na vertente do Lazer Comunitário como na de Formação de Líderes, a sustentabilidade do processo nas comunidades, fomentando o protagonismo e a autonomia.

SINAL VERMELHO: OS DESAFIOS MAIS DIFÍCEIS

Os desafios que identificamos como sinal vermelho são os mais difíceis de superar. Mas isso não quer dizer que não nos dedicamos a eles – pelo contrário! Os “sinais vermelhos” identificados no passado já nos garantiram grandes avanços.

Considerando o momento em que estamos e as experiências que já acumulamos nesses muitos anos de trabalho, podemos dizer que dois de nossos maiores desafios são a comunicação e a aproximação de todos os envolvidos. Percebemos que, seja entre as equipes da Vocação, seja com as organizações sociais parceiras ou com as famílias, facilitar o contato, ampliar e melhorar a comunicação, e estreitar os vínculos são atitudes essenciais.

Outro ponto de alerta é o conhecimento restrito do contexto em que atuamos. Quanto mais e melhor conhecemos as pessoas, as funções, os projetos, os programas, as estratégias, o território e as metodologias, mais facilmente e com maior riqueza podemos criar relações.

CAMINHOS ALTERNATIVOS: INOVANDO PARA AVANÇAR

O Centro de Desenvolvimento Comunitário da Vocação por vezes transita no contrafluxo, por inovar em áreas que precisam ser conhecidas de perto, para

que possam cumprir suas funções de mudar o olhar das pessoas e colocá-las **em ação**.

Aos poucos, a Vocação tem ganhado notoriedade internacional por suas metodologias focadas na participação e no estímulo às capacidades das pessoas. Compomos redes, articulamos a universidade com a intervenção comunitária, nos empenhamos na formação de nossa equipe e na formação para a cidadania.

Conforme nos provocam os estudiosos da Abordagem Colaborativa (ABCD), para garantir a sustentabilidade desse processo, é necessário *empoderar* os jovens, transmitindo os princípios que defendemos. Aliando essa ideia aos preceitos de dinamismo e participação da Animação Sociocultural, entendemos que garantir a crianças, adolescentes e jovens vivências em um ambiente que os eduque nesses princípios, preferencialmente desde a infância, pode gerar mudanças significativas em seus projetos de vida, bem como nas relações com a família e com a comunidade.

Para que essa educação aconteça, é preciso que haja um ambiente que permita que as pessoas: saibam como ajudar umas às outras a reconhecer suas capacidades; estejam conectadas para proteger cada um dos seus participantes e seu espaço em comum; se unam para compor uma comunidade de aprendizagem em um ambiente fortalecido; ensinem com exemplos; tenham suas aptidões reconhecidas para compor esse ambiente; e contribuam para a criação de novas oportunidades em nossa sociedade.

Nesse sentido, cabe apresentar um trecho de uma fala do professor universitário Reinaldo Pacheco sobre o poder transformador dos princípios que adotamos e do trabalho da Vocação:

Nós, de alguma maneira, vivemos um pouco essa “utopia”, e acho que é uma utopia bastante saudável, não é no sentido de algo inalcançável, mas no de acreditar de fato que a participação social se dá na base. E essa participação social quando se dá na base, ela é eminentemente transformadora de fato.



Foto: Acervo Vocação.

Apresentações culturais em evento comunitário. Instituto Anchieta Grajaú.

Além dos caminhos tradicionais, há outros trajetos, outras possibilidades, que nos abrirão novas portas. Quanto mais contato com situações práticas o sujeito tiver, mais facilmente conseguirá identificar aquilo que almeja para seu projeto de vida, e não importa o que digam ou esperam. O que importa é a nossa capacidade de fazer escolhas e de sermos a diferença que sonhamos ver. É como diz a senhora Uiliana de Oliveira Souza, uma professora da rede estadual de ensino que é mãe, amiga e porto seguro em sua família:

Você tem que acreditar em seus sonhos, você é capaz. Só nunca esqueça que a educação começa aqui em casa e que você sempre terá um lugar para voltar.

Para que um projeto de vida possa existir, é preciso fazer escolhas. E fazer escolhas nem sempre é fácil, pois implica optar por algo conhecido ou não, escolher entre dois caminhos, entre profissões, entre passeios, entre estilos. Entretanto, se você não souber identificar quais opções estão em jogo em sua gama de oportunidades, como poderá escolher?

O próprio nome diz: “projeto de vida”. Ele inclui desde os talentos e vontades mais íntimos de um sujeito até a sua percepção de pertencimento ao ambiente em que vive, sua identidade com o meio. Ao longo do trajeto de planejamento de toda uma vida, há sempre uma série de fatores que influenciam esse sujeito e, para isso, o ambiente e as pessoas que compõem essa história são os pontos de conexão entre o ser e suas oportunidades.

Vocação é desenvolver comunidades, lideranças e famílias para impactarem positivamente o ambiente em que vivem, é **conectar esse público** às oportunidades de desenvolvimento da excelência de suas vocações, com líderes conectores, com equipes empenhadas ou com famílias empoderadas.

Ajustando suas lentes •

Vocação propõe uma mudança, um movimento, uma direção.

Que tal pegar o volante de sua própria vida?

Que tal mudar para gerar a mudança que você sonha?

Que tal mudar o seu olhar?

Vocação. Você em ação.

ESTACIONAMENTO DA PUBLICAÇÃO

“Estacionamento” é um dos instrumentos permanentes que utilizamos em nosso trabalho de formação, que colaboram com os compromissos entre facilitadores e participantes.

Como já explicitamos nesta publicação, trata-se de uma forma de registro, já que é no “estacionamento” que anotamos assuntos pertinentes e relevantes a serem trabalhados em algum outro momento.

Neste “estacionamento”, portanto, procuramos relacionar outros temas e seus desdobramentos que podem vir a ser desenvolvidos em ações futuras, de modo a aprofundar os conteúdos de que tratamos aqui e que consideramos importantes ao desenvolvimento do trabalho descrito nesta publicação, como é o caso:

- das articulações em redes e territórios;
- do trabalho de gestão de organizações sociais de base comunitária e suas equipes;
- do processo de avanço com as escolas públicas na formação de uma comunidade de aprendizagem.

Sintam-se convidados a contribuir com este nosso “estacionamento”, enviando suas sugestões por *e-mail* para o endereço eletrônico: centrodc@vocacao.org.br. E também a consultar nossas publicações anteriores e a acompanhar nosso trabalho, acessando o *site* oficial da Vocação, disponível em: [<http://www.vocacao.org.br/>](http://www.vocacao.org.br/).



Foto: Acervo Vocação.

Grafite. Associação Cidadania Ativa do Macedônia – ACAM.

O que faz uma pessoa sozinha, o que faz um grupo de pessoas unidas?
O que é que eu tenho que só vai aparecer se tiver você?
Muitas coisas estão escondidas dentro de nós, que nem nós sabemos, e que de repente a entrada de alguém na nossa vida faz aflorar com toda a intensidade. A disponibilidade, a aceitação, a abertura são importantes neste momento. A comunhão existe se cada um permitir, pois ela é troca, é fusão. Ceder um pouco de mim e receber um pouco do outro. Para haver comunhão é preciso saber escutar com os ouvidos, o corpo, a alma. É preciso respeito. É indispensável o entendimento de que todos somos iguais, não há melhor ou pior. É preciso carinho. Quando há comunhão a energia flui entre os corpos como que em um só elemento. O caminho é claro, a respiração sincroniza sem querer. Há mais do que enxergar em um olhar, mais do que encostar no toque. Mais do que movimento na dança. Mais do que corpo no ser.

Tatiana Sanchis

Tati Sanchis é membro do grupo de dança Underground Vibrations que, em 2014, apresentou seu espetáculo *Comunhão* aos participantes do Lazer Comunitário durante “saídas culturais” em uma das unidades da Casa da Dança – Tati Sanchis, em Perdizes, São Paulo. O espetáculo marcou o encerramento de oficinas de dança para famílias, lideranças e educadores. Em perfeita harmonia à proposta do Centro de Desenvolvimento Comunitário, o texto de autoria de Tati ilustrou o espetáculo, além de ter emocionado os participantes por traduzir parte da essência deste trabalho. Ciente desse impacto, a autora nos permitiu inseri-lo neste livro.

Foto: A Banca.



Liberdade de escolhas. Associação Cidadania Ativa do Macedônia –
ACAM.

Foto: Acervo Vocação.



Encontro na Escola Hermínio Sacchetta.

BIBLIOGRAFIA

A

AÇÃO COMUNITÁRIA DO BRASIL. *Família: participação cidadã*. São Paulo, SP, 2014.

_____. *Viver comunidade! Lazer e fortalecimento comunitário*. São Paulo, SP, 2013.

AFONSO, Almerindo J. Sociologia da educação não-formal: reatualizar um objeto ou construir uma nova problemática? In: ESTEVES, Antonio Joaquim; STOER, Stephen. *A sociologia na escola*. Porto, Portugal: Afrontamento, 1989, [s.p.].

AMARO, S. *Visita domiciliar: guia para uma abordagem complexa*. Porto Alegre, RS: Age Editora, 2003.

B

BATISTA, António M. R. R. Animação sociocultural: imprecisões, ambiguidades, incertezas e controvérsias de uma ocupação profissional. *Fórum sociológico*, [S.l.], n. 25, p. 23-31, nov. 2014. Disponível em: <<http://sociologico.revues.org/898>>. Acesso em: ago. 2015.

BIAZOLI-ALVES, Z. M. M. Pesquisando e intervindo com famílias de camadas sociais diversificadas. In: ALTHOFF, C. R.; ELSÉN, I.; NITSCHKE, R. G. (Org.). *Pesquisando a família – Olhares contemporâneos*. Florianópolis, SC: Papa-Livro, 2004, [s.p.].

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: jul. 2015.

_____. Lei n. 8.742, de 7 de dezembro de 1993. Dispõe sobre a organização da Assistência Social e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8742.htm>. Acesso em: jul. 2015.

C

CAMARGO, Luiz O. L. *O que é lazer*. 2. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1989.

CARVALHO, M. do C. B. (Coord.). *Serviços de proteção familiar*. São Paulo: CBIA-SP; IEE/PUC-SP: Forja, 1994.

CENPEC. *Percursos da educação integral em busca da qualidade e da equidade*. São Paulo, SP: CENPEC; Fundação Itaú Social; Unicef, 2013.

CORTELLA, Mario S. *Educação, escola e docência: novos tempos, novas atitudes*. São Paulo, SP: Cortez, 2014.

D

DECLARAÇÃO Universal dos Direitos Humanos. Adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. Brasil: Unesco, 1998. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>>. Acesso em: jul. 2015.

DESSEN, M. A. C.; COSTA JÚNIOR, A. L. *A ciência do desenvolvimento humano*. Porto Alegre, RS: Artmed, 2005.

DUMAZEDIER, J. *Valores e conteúdos culturais do lazer*. São Paulo, SP: SESC, 1980.

F

FACILITANDO OFICINAS: da teoria à prática. Escrito por Janet Honsberger e Linda George para os Treinamentos de Capacitadores do Projeto Gets – United Way do Canadá. Disponível em: <http://www.iteco.be/sites/www.iteco.be/IMG/pdf/Facilitando_oficinas.pdf>. Acesso em: ago. 2015.

FERNANDES, R. S. *Educação não-formal: memórias de jovens e história oral*. Campinas, SP: Unicamp; CMU Publicações; Arte Escrita, 2007.

G

GADOTTI, M. *A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão do ensinar*. São Paulo, SP: Publisher Brasil, 2007.

GARCIA, Valéria A. *Educação não-formal como acontecimento*. Campinas, SP, 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de Campinas.

_____. O papel do social e da educação não-formal nas discussões e ações educacionais. [s.n.t.]. Disponível em: <http://www.am.unisal.br/pos/stricto-educacao/pdf/mesa_8_texto_valeria.pdf>. Acesso em: ago. 2015.

GENOFRE, R. M. Família: uma leitura jurídica. In: CARVALHO, M. do C. B. (Org.). *A família contemporânea em debate*. São Paulo, SP: Educ; Cortez, 2000, [s.p.].

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social. *Meta: avaliação*, Rio de Janeiro, RJ, v. 1, n. 1, p. 28-43, 2009.

_____. *Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativo do terceiro setor*. 2. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2011.

GREEN, M.; MOORE, H.; O'BRIEN, J. *When people care enough to act: ABCD in action; foreword by John McKnight; reflections by Dan Duncan*. Toronto, Canadá: Inclusion Press, 2006.

GUIMARÃES, R. F.; ALMEIDA, S.C.G. Reflexões sobre o trabalho social com famílias. In: ACOSTA, A. R.; VITALE, M. A. S. (Org.). *Família: redes, laços e políticas públicas*. São Paulo, SP: Cortez; IEE/PUC-SP, 2005, [s.p.].

I

ISAYAMA, H. F. Reflexões sobre os conteúdos físico-esportivos e as vivências de lazer. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). *Lazer e cultura*. Campinas, SP: Alínea, 2007, [s.p.].

K

KALOUSTIAN, S. M. (Org.). *Família brasileira, a base de tudo*. 4. ed. São Paulo, SP: Cortez; Brasília, DF: Unicef, 2000.

L

LOPES, Marcelino de Sousa. (Coord.). *Animação sociocultural, turismo, patrimônio, cultura e desenvolvimento local*. Chaves, Portugal: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural, 2014.

_____. (Coord.). *Metodologias de investigação em animação sociocultural*. Chaves, Portugal: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural, 2011.

_____. A animação sociocultural: os velhos e os novos desafios. In: PEREIRA, J. D. L.; VIEITES, M. F.; LOPES, M. S. (Coord.). *A animação sociocultural e os desafios do século XXI*. Chaves, Portugal: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural, 2008, [s.p].

_____. Lazer/ócio, teatro e animação sociocultural. *Licere*, Belo Horizonte, MG, v. 11, n. 1, abr./2008, [s.p.]. Disponível em: <http://www.anima.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licerev11n01_a5.pdf>. Acesso em: set. 2015.

_____. Animação teatral em Portugal: percurso entre a revolução e a globalização. *Âmbitos Iberoamericanos de Animación Sociocultural – experiencias, trayectorias y desafios*, Portugal, v. 1, n.1, out. 2006/fev. 2007, p. 1-16, 2007.

_____. Animador sociocultural em Portugal. *Animador Sociocultural: Revista Iberoamericana*, Portugal, v.1, n.1, [s.p.], out.2006/fev.2007. Disponível em: <http://biblioteca.esec.pt/cdi/ebooks/docs/LOPES_Animacao.pdf>. Acesso em: ago. 2015.

_____. *Animação Sociocultural em Portugal*. Chaves, Portugal: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural, 2006.

_____; PEREIRA, José Dantas Lima; RODRIGUES, Tânia M. Moreira (Coord.). *Animação sociocultural, gerontologia e geriatria: a intervenção social, cultural e educativa na terceira idade*. Chaves, Portugal: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural, 2013.

_____; GALINHA, Sonia Alexandra; LOUREIRO, Manuel Joaquim. *Animação e bem-estar psicológico: metodologias de intervenção sociocultural e educativa*. Chaves, Portugal: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural, 2010.

_____; PEREIRA, J. D.; VIEITES, M. (Coord.). *A animação sociocultural e os desafios do século XXI*. Amarante, Portugal: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural, 2008.

M

MARCELLINO, N. C. Apresentação. In: _____. (Org.). *Lazer e cultura*. Campinas, SP: Alínea, 2007, [s.p.].

_____. *Lazer e educação*. 11. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

_____. *Estudos do lazer: uma introdução*. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

MELO, V. A.; ALVES JR., E. de D. *Introdução ao lazer*. 2. ed. Barueri, SP: Manole, 2012.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME. *Política Nacional de Assistência Social – PNAS/2004. Norma Operacional Básica – NOBS/SUAS*. Brasília, DF: 2005.

N

NEUMANN, L. T. V.; NEUMANN, R. A. *Desenvolvimento comunitário baseado em talentos e recursos locais – ABCD*. São Paulo, SP: Global; Instituto para o Desenvolvimento de Investimento Social, 2004.

P

PALHARES, José Augusto. Reflexões sobre o não-escolar na escola e para além dela. *Revista Portuguesa de Educação*, Braga, Portugal, v. 22, n. 2, 2009, p. 53-84. Disponível em: <http://www.scielo.speari.sctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0871-91872009000200004&lang=pt>. Acesso em: ago. 2015.

PEREIRA, J. D. L.; LOPES, M. de S.; MALTEZ, M. A. *Animação sociocultural: turismo, património, cultura e desenvolvimento local*. Chaves, Portugal: Intervenção, 2014.

PRADO, D. *O que é família*. São Paulo, SP: Brasiliense, 1985.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA; GETS – GRUPO DE ESTUDOS DO TERCEIRO SETOR; UNITED WAY OF CANADA – CENTRAIDE CANADA. *Modelo colaborativo: experiência e aprendizados do desenvolvimento comunitário em Curitiba*. Curitiba: Instituto Municipal de Administração Pública, 2002. Disponível em: <<http://www.acomunitaria.org.br/download/modelocolaborativo.pdf>>. Acesso em: ago. 2015.

PRONOVOST, G. *Introdução à sociologia do lazer*. Trad. Marcelo Gomes. São Paulo, SP: SENAC-SP, 2011.

R

RODRIGUES, Juliana Pedreschi. *O serviço de recreação operária: memórias reveladas sobre os anos de 1957-1964*. São Paulo, SP, 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

RODRIGUES, Tânia Monteiro Moreira. *Animação sociocultural com e para os seniores. Um estudo de caso na Junta de Freguesia de Ramalde*. Chaves, Portugal, 2011. Dissertação (Mestrado em Animação Sociocultural) – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

S

SCHLITTLER, Célia; KISIL, Marcos. *Desenvolvimento de lideranças comunitárias: reflexões e sugestões*. São Paulo, SP: IDIS – Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social, 2008.

SCHWARTZ, Gisele M. O conteúdo virtual do lazer: contemporizando Dumazedier. *Licere*, Belo Horizonte, MG: Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer/UFMG, v. 6, n. 2, p. 23-31, 2003.

SHINYASHIKI, R. *Você: a alma do negócio*. [S.l.]: Editora Gente, 2001.

SIMSON, Olga Rodrigues de M. von; PARK, Margareth B.; FERNANDES, Renata S. (Org.). *Educação não-formal: cenários da criação*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2011.

SOARES, K. *A transição na gestão de mudança: o que eu preciso mudar em mim para que o outro mude?* São Paulo, SP: Barany Editora, 2013.

T

TORO, J. B.; WERNECK, N. M. D. *Mobilização social: um modo de construir a democracia e a participação*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2007.

TRILLA, Jaume. *Animación sociocultural: teorías, programas y ámbitos*. Barcelona, Espanha: Editorial Ariel, 2008.

U

UNESCO. *Recomendación relativa a la participación y la contribución de las masas populares en la vida cultural*. [S.l.], 1976. Disponível em: <http://portal.unesco.org/es/ev.php-URL_ID=13097&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html>. Acesso em: ago. 2015.

_____. *Declaração da 44ª sessão da Conferência Internacional sobre Educação (Genebra, out. 1994), aprovada pela Conferência Geral da Unesco em sua 28ª sessão (Paris, nov. 1995)*. [s.n.t.] Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0011/001128/112874por.pdf>>. Acesso em: ago. 2015.

V

VENTOSA, Victor. *Fuentes de la animación sociocultural en europa*. Madrid, Espanha: Editorial CCS, 2002.

_____. *Ámbitos, equipamientos y recursos de intervención socioeducativa*. Madrid, Espanha: Editorial CCS, 2001.

W

WEBER, L. N. D. Interações entre família e desenvolvimento. In: WEBER, L. N. D. (Org.). *Família e desenvolvimento: visões interdisciplinares*. Curitiba, PR: Juruá, 2008, [s.p.].

WERNECK, Christiane. *Lazer, trabalho e educação*. Belo Horizonte, MG: CELAR; Ed. UFMG, 2000.

Z

ZILLES, U. Apresentação. In: WAGNER, A. (Org.). *Família em cena: trama, dramas e transformações*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, [s.p.].

Foto: Acervo Vocação.



Encontro de Formação em Animação Sociocultural
– RIA Nodo Brasil na Universidade de São Paulo.

Foto: Geraldine Quaglia.



Atividades intergeracionais – saberes compartilhados.
Movimento Comunitário do Jardim São Joaquim.

ANEXOS

Anexo: “Roteiro de encontro com famílias”

Organização: Vocação – Unidade Icarai

Objetivos da reunião: apresentar a equipe, definir a linguagem de interesse para as oficinas e apresentar o projeto.

Lista de presença: garantir formas de contato com os participantes.

1. Boas-vindas, apresentação da equipe e do encontro

2. Dinâmica de “quebra-gelo”: Jogo dos iguais

Material necessário: fita crepe ou barbante.

Objetivos: reconhecer as pessoas; proporcionar um ambiente seguro no qual as pessoas possam se identificar.

Desenvolvimento: o facilitador divide o espaço com uma fita crepe no chão. Ele fará algumas perguntas e quem responder “sim” deve passar para o lado oposto da marcação. Os demais permanecem no mesmo local.

Sugestões de perguntas (realizá-las conforme a percepção do grupo): quem mora do bairro? Quem nasceu no bairro? Quem tem irmãos? Quem tem filhos? Quem pratica esporte? Quem dança? Quem namora? Quem tem tatuagem? Quem gosta de pintar? Quem trabalha no bairro?

Para terminar, o facilitador incentiva os participantes a compartilhar ideias e sensações, perguntando o que acharam da atividade e o que sentiram ao realizá-la.

Esse jogo é muito importante para formar uma identidade comum ao grupo. Os integrantes se sentem iguais, encontram seus iguais e se descobrem. Isso é crucial para a integração de todos.

3. Levantamento das linguagens (atividades, dias e horários)

Essa atividade tem o objetivo de trabalhar as quatro questões norteadoras apresentadas a seguir. Atenção: as atividades que serão realizadas no escopo do projeto só serão definidas em outro momento desse encontro.

- Você tem tempo livre? Como o aproveita?
Percepção do tempo disponível, livre de qualquer obrigação, que é dedicado a realizar atividades (definir a linguagem).
- O que é lazer para você?
Divisão por interesses: artísticos, manuais, físicos, intelectuais e sociais. Facilitar o entendimento mais amplo das diversas linguagens e possibilidades de lazer.
- O que você gosta de fazer como lazer?
Escolha pessoal. O foco deve ser o que realmente fazem. Integrar os interesses dos componentes do grupo.
- Quais atividades de lazer você quer vivenciar? Qual é o melhor dia e horário para isso?

Problematizar com a questão sobre o tempo livre.

Sugerimos duas formas para o desenvolvimento dessa atividade.

Opção 1: roda de conversa

Material necessário: *flip chart*, painéis, canetão.

Desenvolvimento: primeiro, o facilitador apresenta quatro quadros, cada um com uma das questões norteadoras, e instiga o grupo a discuti-las. Por fim, sintetiza as respostas, direcionando cada uma ao quadro correspondente.

Opção 2: “Word Café”

Material necessário: *flip chart*, canetas coloridas, lápis de cor e/ou giz de cera, aparelho de som com trilha sonora.

Desenvolvimento: o facilitador divide os participantes em quatro grupos. Em cada mesa, há uma das questões. Durante um tempo pré-estabelecido, cada grupo registra as respostas em um cartaz, com palavras e/ou desenhos. Não deve haver anfitrião da equipe – todos devem participar. Após o tempo estipulado, os grupos trocam de mesa, até que passem por todas. Ao longo da atividade, o facilitador deve orientar o foco das discussões. No final, cada grupo apresenta seus cartazes e o facilitador sintetiza as respostas.

4. Apresentação do Lazer Comunitário no projeto “Famílias que Educam”

Roda de conversa explicando os propósitos do projeto e alinhando conceitos e combinados com o grupo.

O que é lazer?

Discussão sobre possibilidades de práticas, vivências, atividades que os participantes escolhem realizar no tempo livre, buscando os 3D: divertimento, descanso ou desenvolvimento. O lazer é uma escolha pessoal e pode ser realizado em grupo com os que compartilham dos mesmos interesses (fazer relação com o “Jogo dos Iguais”).

Diferentes práticas do lazer

Discussão sobre o fato de que as atividades de lazer podem ser voltadas a diferentes práticas, como as físicas, relacionadas ao esporte ou à movimentação; as artísticas, ligadas à arte; as manuais ou de manipulação; as intelectuais, que trabalham a inteligência e o aprendizado; e as sociais, que buscam a interação entre pessoas.

Os principais objetivos do projeto

São eles:

- integrar os familiares (de diferentes idades) em uma mesma atividade;
- integrar os moradores da comunidade;
- estimular a participação dos moradores nas ações do bairro (reconhecimento e vínculo);
- promover o uso de diferentes espaços (particulares ou públicos) pelos moradores;
- promover o conhecimento de novas experiências (cultura);
- gerar autonomia para organização de eventos e saídas (passeios);
- estimular a pesquisa impressa individual;
- instigar reflexão com base nas perguntas: o que você faz no seu tempo livre? O que falta em relação a atividades de lazer no bairro? Você faz alguma atividade de lazer com seus familiares? Qual?

Definição da linguagem de interesse para as atividades

Na atividade com as questões norteadoras, foram levantadas as linguagens que interessam aos participantes e o tempo que têm disponível. Agora é o momento de definirem as atividades que serão realizadas, os dias e horários, alinhando suas expectativas às diretrizes do projeto.

5. Avaliação

O facilitador trabalha com o grupo as seguintes questões: o que achou do projeto? Qual expectativa tem em relação ao projeto? O que achou do encontro?

Anexo: “Plano de mobilização de famílias”

Organização Social: Instituto Fomentando Redes e Empreendedorismo Social – Inforedes.

Participantes: gestor, educadores e educadora de cozinha.

Meta: aumento de 50% tanto no envolvimento e comprometimento das famílias na reforma e manutenção do espaço, como na participação e envolvimento das famílias nos encontros.

Período analisado		Participação	Envolvimento	Comprometimento
2015		30%	5%	1%
2014		45%	25%	30%

Atividade	Para que é importante?	Indicador de resultado	Subatividades (passos)	Responsáveis	Data	Status
Ação de voluntariado: pintura externa do espaço Inforedes	Para que o espaço fique realmente caracterizado como espaço social de cultura e educação; para que fique bonito e atrativo para quem o frequenta; e para proporcionar maior envolvimento e interação entre educandos e doadores.	Registro da execução da pintura.	Definição da data. Definição das cores. Orçamento de um profissional para acompanhar a ação voluntária. Orçamento dos materiais de pintura necessários.	Gestora, Josiane, Tiago e Starbucks Presidente, gestora e equipe Inforedes Gestora e equipe Vocação Gestora e equipe Vocação Gestora e equipe Vocação	10 e 11/04/2014 24/02/2014 Entre 25/02 e 10/04/2014 Entre 25/02 e 10/04/2014 Entre 25/02 e 10/04/2014	Concluído Em andamento Em andamento Em andamento Em andamento
Reforma do sistema elétrico envolvendo maior luminosidade nas salas e modernização da sala de informática	Para que os espaços utilizados pelos educandos tenham luminosidade adequada e propiciem, assim, um melhor rendimento; e para que os computadores da sala de informática suportem programas mais modernos e <i>internet</i> , permitindo uma inclusão digital adequada.	Registro da execução das reformas. Observação do desenvolvimento dos educandos em raciocínio lógico, leitura, comunicação digital e escrita.	Definição da data. Orçamento de um profissional para acompanhar a ação voluntária. Orçamento dos materiais elétricos necessários.	Gestora, Josiane, Tiago e Starbucks Gestora e equipe Vocação Gestora e equipe Vocação	10 e 11/04/2014 Entre 25/02 e 10/04/2014 Entre 25/02 e 10/04/2014	Concluído Em andamento Em andamento

Atividade	Para que é importante?	Indicador de resultado	Subatividades (passos)	Responsáveis	Data	Status
Ação voluntária para criação de um jardim grafite e para grafiação da parede de uma sala	Para revitalizar uma área da organização que é muito escura, deixando-a mais bonita e útil, e para que possamos trabalhar com os educandos os temas meio ambiente, reutilização e reciclagem de forma melhor.	Registro da execução do jardim grafite. Observação do interesse dos educandos em cuidar do espaço criado e das atitudes de preservação tomadas pelos próprios moradores do bairro.	Definição da data. Orçamento de um profissional para acompanhar a ação voluntária. Definição do tema que será grafitado. Orçamento dos materiais de grafite, jardinagem e reciclagem necessários. Execução do grafite.	Gestora, Josiane, Tiago e Starbucks Gestora e equipe Vocação Gestora, equipe Inforedes, equipe Vocação e grafiteiro Gestora, equipe Inforedes, equipe Vocação e grafiteiro Grafiteiro, voluntários e educandos	10 e 11/04/2014 Entre 25/02 e 10/04/2014 Entre 25/02 e 10/04/2014 Entre 25/02 e 10/04/2014 Entre 25/02 e 10/04/2014	Em andamento Em andamento Em andamento Em andamento
Ação voluntária "Mutirão de limpeza"	Para promover a interação entre as famílias e a oportunidade de se sentirem pertencentes ao espaço; e para valorizar o espaço e deixá-lo mais limpo.	Registro dos mutirões de limpeza, do aumento na participação das famílias, e da limpeza do espaço.	Definição de data dos mutirões com as famílias. Encontro para definição dos próximos mutirões, material necessário e divisão de equipe.	Gestora, equipe Inforedes e famílias Gestora, equipe Inforedes e famílias	1º ação: 06/03/2014 Entre 25/02 e 10/04/2014	Concluído Em andamento
Encontro de família: "Reuniões produtivas"	Para aproximar e promover as famílias em relação ao uso e à manutenção do espaço, discutir temas relevantes para elas e os educandos, fê-las próximas para que validem o trabalho e as metas em relação aos educandos, e levantar potencialidades, habilidades e ativos.	Listas de presença, registros fotográficos e de vídeo e percentual de controle da meta.	Planejamento, divisão de tarefas, escolha dos temas, dinâmica, atividades de reflexão sobre o tema e definição das próximas datas. Levantamento e escolha de atividades/oficinas para as famílias.	Gestora, equipe Inforedes e famílias Gestora, equipe Inforedes e famílias	1º encontro: 22/03/2014 No decorrer do ano de 2014	Em andamento Em andamento
Sarau da família (diversos ritmos)	Para propiciar aos participantes oportunidade de apropriação do espaço, diversão, acesso à cultura, interação, descoberta de talentos, além de despertar interesse por variados ritmos.	Registro da quantidade de famílias presentes nos saraus e da diversidade dos ritmos envolvidos.	Planejamento do primeiro sarau do ano (data e definição do ritmo), confecção do convite e divulgação. Definição das datas dos próximos saraus.	Gestora, equipe Inforedes e famílias Gestora, equipe Inforedes e famílias	12/04/2014 12/04/2014	Em andamento Em andamento

Atividade	Para que é importante?	Indicador de resultado	Subatividades (passos)		Responsáveis	Data	Status
Encontro temático com famílias	Para que as famílias se aproximem da instituição e se apropriem do espaço, além de criar oportunidades para o debate de assuntos gerais de interesse da comunidade.	Listas de presença e registro fotográfico.	Constituição da equipe que representará as famílias.	Planejamento dos encontros e definição de datas. Levantamento dos temas de interesse da comunidade. Realizar convite a palestrantes e/ou representantes de órgãos ou instituições de interesse.	Equipe de representantes da família e equipe Inforedes	08/04/2014	Em andamento
Oficina de artesanato	Para que a comunidade se aproxime da instituição e se aproprie do espaço, além de aprender uma atividade que possa servir de complemento de renda.	Listas de presença e registro fotográfico.	Reunião com a comunidade (famílias do leite) para definição da equipe e do tipo de artesanato da oficina. Definição, com a comunidade, do dia da oficina. Definição dos oficineiros.	Definição das estratégias para aquisição do material necessário para a oficina. Definição de como será comercializado o artesanato produzido.	Gestora, equipe de artesanato e oficineiro	08/04/2014	Em andamento
Festa das nações – Inforedes 2014 (festa junina)	Para proporcionar lazer, diversão, interação e renda para a comunidade.	Registro da quantidade de participantes na festa.	Reunião para informar a data e o tema da festa.	Constituição da equipe que ajudará na organização. Definição das barracas e das famílias que ficarão responsáveis por cada uma. Levantamento de estratégias para arrecadar verba e prendas. Definição dos convidados que se apresentarão. Preparação dos enfeites. Montagem das barracas.	Gestora, equipe Inforedes e famílias organizadora da festa	08/04/2014 A definir.	Em andamento Em andamento

Foto: Acervo Vocação.



Aprimorando espaços no "Encontro em Família IAG". Instituto Anchieta Grajaú.

ORGANIZADORES

Deise Rodrigues Sartori

É pedagoga formada pela FMU, especialista em educação pela Universidade de São Paulo e em Gestão de Organizações do Terceiro Setor pela Universidade Mackenzie. Participou de programa de intercâmbio na Universidade de Reims (França), no curso de Formação de Mestres. Atualmente, gerencia o Centro de Desenvolvimento Comunitário da Vocação. Tem experiência em: desenvolvimento de lideranças comunitárias, aplicação da Abordagem ABCD, formação de educadores sociais, gestão de equipes e articulação e gerenciamento de parcerias e avaliação de programas sociais. É membro da comissão editorial das três últimas publicações da Vocação, do Nodo Brasil da Red Iberoamericana de Animación Sociocultural e participa do Grupo de Estudos em Educação Não-formal do Centro de Pesquisa e Formação do SESC/SP. Linhas de pesquisa: desenvolvimento comunitário, educação não-formal, lazer e cultura.

Contato: deise@vocacao.org.br

Juliana Pedreschi Rodrigues

É doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, mestre pela Universidade Estadual de Campinas, na área de concentração Estudos do Lazer, e graduada em Educação Física. Atualmente, é professora da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, pesquisadora do Grupo Interdisciplinar de Estudos do Lazer e presidente do Nodo Brasil da Red Iberoamericana de Animación Sociocultural. Áreas de interesse: educação formal, informal e não-formal; Animação Sociocultural e lazer.

Contato: julianapdrigues@usp.br

Paula Caroline de Oliveira Souza

É bacharel em Lazer e Turismo pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, com enfoque em Gestão de Projetos Sociais. Possui experiência com empresas, no terceiro setor e com gestão pública intermunicipal em desenvolvimento local, educação não-formal e Animação Sociocultural. Atualmente, é pesquisadora da Vocação no Centro de Desenvolvimento Comunitário, responsável pela sistematização de metodologias, produção de conhecimento e formações. É membro do Nodo Brasil da Red Iberoamericana de Animación Sociocultural e do Grupo de Estudos em Educação Não-formal do Centro de Pesquisa e Formação do SESC/SP. Linhas de pesquisa: Animação Sociocultural, desenvolvimento comunitário, Abordagem ABCD, educação não-formal, planejamento turístico, lazer e cultura.

Contato: paula.souza@vocacao.org.br

Foto: Acervo Vocação.



Evento com famílias. Instituto Anchieta Grajaú.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos gestores e às lideranças das organizações parceiras da Vocação:

Associação de Apoio à Criança e ao Adolescente Bom Pastor

Maria José Coelho Lira
Nivaldo Coelho Lira
Penélope Marcazzolo López

Associação Cidadania Ativa do Macedônia – ACAM

Rita de Cássia dos Santos Madorno
Valdinéia dos Reis Araújo
Verirde Soares de Souza Silva

Associação Comunitária Auri Verde

Edson Rodrigues Passos
Marisa Rodrigues Passos (CCA Chácara Santo Antônio)
Vera Lucia da Silva Santos

Associação do Parque Santa Amélia e Balneário São Francisco

Iane Almeida
Maria Aucione Batista Santana Ferrante

Associação dos Moradores da Vila Arco-Íris

Margarete Rosa dos Santos
Soraia Macedo Domingues e Silva (CCA AMAI II)

Centro de Formação Irmã Rita Cavenaghi

Ir. Annamria Fornasiero
Ir. Jyothi Joseph Satyanapalli
Ir. Maria Eli Miranda Seixas
Centro de Promoção Humana NSA do Jardim Pedreira
Ir. Agnes Knips
Diná Domingues

Centro de Promoção Humana São Joaquim Sant'Ana

Aparecida Maria Neves

Elaine Cristina de Miranda (CCA JOCA)

Elianai de Holanda Siqueira (CCA VILLA)

Isabel Cristina Dias da Silva

Centro Popular de Defesa dos Direitos Humanos Frei Tito Alencar Lima

Antônio José Gomes

Loreta Façanha (CCA Cidade Júlia)

Rejane Maria da Silva (CCA Cidade Júlia)

Comunidade Missionária de Villaregia

Cristiane Acácio Cabral

Elis Freitas Gonçalves

Pe. Gilberto Ângelo da Silva

Grupo Unido pela Reintegração Infantil – GURI

Elizabeth Soares Sakaguti

Irinea Gomes Pinheiro Silva

Sonia Maria de Lima Rodrigues

Instituto Anchieta Grajaú

Andréa Aparecida Brito

Lara Santa Bárbara

Luiz Arnaldo Cajado Moncau

Talita Aparecida da Silva Marcelino

Instituto de Cidadania Padre Josimo Tavares

Ailton Alves da Silva (CCA Rondon)

Eunice Aparecida Santos (CCA Rondon)

Elisângela Sobral (CJ Magdalena)

Kelly Ribeiro Luz (CCA Dom José)

Maria Cristina Suzart Gomes (CCA Magdalena)

Maria de Fátima Neves Santos Souza

Instituto Fomentando Redes e Empreendedorismo Social – Inforedes

João Carlos Ferreira da Silva

Marina Nunes Hohne

Tatiane P. Silva

Movimento Comunitário de Assistência e Promoção Humana – MOCAPH

Fernanda Resende Lobo

Renata Mariano

Roberta Lobo

Movimento Comunitário do Jardim São Joaquim

Gláucia Suzana de Carvalho
Rosaria Aparecida S. Azevedo

Movimento Renovador Paulo VI – Lar Irmã Inês

Ana Lúcia Antonio Queiroz
Dayane de Araújo Brito Aragão
Maria Vani Pedroso de Oliveira
Valdemar Soares de Oliveira

Agradecimento especial aos educadores e às educadoras sociais e culturais, à Ana Patrícia Rodrigues Sartori, ao Reinaldo Pacheco e aos demais membros do Nodo RIA Brasil pelas contribuições e apoio ao projeto.



Construindo vínculos comunitários é uma publicação da Vocação, nova marca da Ação Comunitária do Brasil – SP, voltada à capacitação de lideranças comunitárias e animadores socioculturais com foco na integração de famílias, organizações sociais e comunidades. A obra tem distribuição gratuita e foi viabilizada com recursos do Fundo Municipal da Criança e do Adolescente.

